

Arquivos de Zoologia

ARQ. ZOOL. S. PAULO, VOL. 17 (1):1-84

23.II.1968

LAGARTOS BRASILEIROS DA FAMÍLIA GEKKONIDAE (SAURIA)

P. E. VANZOLINI¹

ABSTRACT

This paper contains: (i) a general discussion of gekkonid systematics; (ii) a key to the South American genera; (iii) diagnoses of South American genera; (iv) a check list of continental South American species, with bibliographical indications helpful to identification; (v) a systematic account of species known from or expected to occur in Brasil.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho é apresentada uma revisão taxonômica geral dos geocos brasileiros e das regiões limítrofes, acompanhada de uma lista das formas que reconheço para o resto da América do Sul continental.

É discutida inicialmente a sistemática geral dos Gekkonoidea², não se tocando na situação dos Eublepharidae *sensu* Underwood, 1954, mas reduzindo-se os Gekkonidae e Sphaerodactylidae dêsse autor a subfamílias de uma única família Gekkonidae, mais ampla.

É apresentada uma chave para os gêneros de Gekkonidae da América do Sul. Devido a fundar-se, em boa parte, a sistemática dos geocos, acima do nível específico, sobre caracteres de morfologia interna, a chave, de intuito prático, é necessariamente artificial.

Para cada gênero são dados:

1. *Sinonímia*. As listas procuram incluir todos os sinônimos genéricos e mais aquêles usos de nomes genéricos pertinentes à compreensão da história dos conceitos sistemáticos.
2. *Comentários à sinonímia*. Não são padronizados, mas procuram elucidar os pontos que não sejam óbvios ao simples exame da lista sinonímica.
3. *Diagnose*. Nos casos de gêneros que ocorrem fora do Novo Mundo, a diagnose se aplica a todo o gênero, com elementos tirados de outros autores. No caso de gêneros neotropicais as diagnoses são originais.

1. Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, São Paulo.

2. Quando êste trabalho estava em provas, recebi o artigo de Kluge (1967), sobre a macrosistemática dos Gekkonoidea, que vai comentado em post-scriptum.

4. *Elenco.* É apresentada uma lista de tôdas as espécies conhecidas da América do Sul continental. As formas que são adiante tratadas em detalhe recebem menção simples. Para aquelas que escapam ao âmbito geográfico do trabalho são dados ainda, no elenco: (i) nome sob o qual foram originalmente descritas; (ii) citação da descrição original; (iii) localidade tipo e outros dados sôbre o material tipo; (iv) distribuição (não detalhada); (v) citação de uma descrição ou figura suficiente para identificação.

O tratamento formal das espécies consiste de:

1. *Sinonímia.* As listas visam ser completas para a América do Sul, e incluem informação sôbre as localidades dos exemplares referidos, coletores, coleções onde conservados, etc. A ausência dêsses dados significa que a referência é uma simples menção, sem base em exemplares. No caso de formas que ocorrem também fora da América do Sul continental, as únicas referências são a sinônimos, os dados de distribuição e outros sendo omitidos.

2. *Comentários.* Semelhantes aos da sinonímia genérica.

3. *Descrição.* Nos casos em que a morfologia do gênero é discutida em detalhe, as descrições específicas dão ênfase apenas a pontos importantes. As demais descrições são minuciosas. Os comprimentos referidos são do maior exemplar examinado, e são dados como comprimento rostro-anal mais comprimento da cauda. A variação de caracteres qualitativos é representada apenas pela amplitude, só sendo mencionado o número de exemplares quando pequeno. Isto porque a variação das formas importantes já foi estudada alhures, por mim mesmo, apenas os resultados merecendo menção. Não é usada nenhuma nomenclatura especial de côres.

4. *Distribuição.* Os dados de distribuição são baseados em exemplares examinados ou em referências inequívocas na literatura, indicando-se sempre o caso. Algumas vêzes pude verificar registros de outros autores — o crédito é sempre dado a êstes, e incluída a nota "examinado". Só cito os exemplares que vi após já ter idéia definitiva sôbre as formas. As localidades vão arrumadas de acôrdo com as divisões administrativas dos respectivos países, como apresentadas pelo "Map of the Americas 1:1,000,000" da American Geographical Association.

MATERIAL E AGRADECIMENTOS

Êste trabalho é baseado principalmente em três coleções: do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, São Paulo, do Museum of Comparative Zoology, Harvard University, e do American Museum of Natural History, New York. As coleções foram trabalhadas em locais e tempos diferentes, mas os materiais críticos foram reunidos para comparação, quando também foram utilizados exemplares de outras coleções.

Todo o trabalho sistemático mais ambicioso depende, em nosso tempo, da colaboração de muitas pessoas e instituições. Sob esse ponto de vista tenho gozado de singular fortuna. Especialmente importantes, porém, foram os períodos que passei nos Estados Unidos em 1948-1951, 1952, 1957 e 1960, em maior parte com o auxílio da John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Em Harvard, muito fiquei devendo a A.S. Romer, P.J. Darlington Jr. e Ernest E. Williams. Também generosa ajuda e encorajamento recebi de C. M. Bogert, do American Museum of Natural History e dos falecidos Norman Hartweg (University of Michigan Museum of Zoology) e K.P. Schmidt (Field Museum of Natural History).

Agradeço ainda às seguintes pessoas e instituições:

British Museum (Natural History), Londres: H. W. Parker, J. C. Battersby, A.G.C. Grandison. Field Museum of Natural History: Robert Inger, Hymen Marx. Instituto Butantan, São Paulo: A.R. Hoge. Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia", Buenos Aires: José Maria Gallardo. Museu Nacional, Rio de Janeiro: Antenor Leitão de Carvalho, Bertha Lutz, José Candido de Mello Carvalho. Museu Paraense "Emílio Goeldi", Belém, Pará: Darcy de Oliveira Albuquerque, Oswaldo Rodrigues da Cunha, Fernando Costa Novaes. Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris: Jean Guibé. United States National Museum, Washington: Doris Cochran. Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza: J.M. Cei. University of Michigan Museum of Zoology: Norman Hartweg.

Por doação de exemplares ou outros motivos agradeço a, além dos já citados: A. Aguirre (Ministério da Agricultura, GB); Pe. Jesus Moure e R. Lange (Universidade do Paraná); Martha Vannucci (Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo); Mario G. Ferri (Universidade de São Paulo); Luiz F. Gouvea Labouriau e Luiz Azevedo (Instituto de Botânica, Secretaria da Agricultura, São Paulo); W. Milsstead (quando na Universidade do Rio Grande do Sul); G. Orcés (Escuela Politécnica Nacional, Quito); L.R. Guimarães e Nelson Papavero (dêste Departamento); L.D. Brongersma (Museu de Leiden); A.S. Rand (Canal Zone, Panamá); aos falecidos J. Slevin (California Academy of Sciences) e E.R. Dunn (Academy of Natural Sciences de Philadelphia).

Este trabalho é parte de uma tese com que concorri à Cátedra de Zoologia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de S. Paulo.

Abreviações

AMNH	American Museum of Natural History, New York
BM	British Museum (Natural History)
CAS	California Academy of Sciences, S. Francisco
CM	Carnegie Museum, Pittisburgh
CNHM	Field Museum, Chicago
DZSP	Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, S. Paulo

MCZ	Museum of Comparative Zoology, Harvard, University
MG	Museum Paraense "Emilio Goeldi", Belém, Pará
MNRJ	Museum Nacional, Rio de Janeiro
MP	Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris
UMMZ	University of Michigan Museum of Zoology
ZMB	Zoologisches Museum, Berlin

BREVE HISTÓRICO DA SISTEMÁTICA

A história da classificação de qualquer grupo de lagartos — quer ao nível das famílias, quer dentro delas — pode sempre ser dividida em três períodos. O primeiro vai dos primórdios da zoologia à publicação da "Erpétologie Générale" de Duméril & Bibron (1834-1854); o segundo vai até a publicação do "Catalogue of the Lizards in the British Museum", de Boulenger (1885-1887); no terceiro estamos.

PRIMEIRO PERÍODO

As intensas atividades de exploração geográfica dos fins do século XVIII e começo do XIX trouxeram ao conhecimento dos europeus numerosas espécies animais, que foram sendo descritas numa quantidade de obras, de âmbito sistemático ou geográfico, e de feitura lineana.

O histórico da pesquisa durante êsse período é excelentemente resumido por Duméril pai (*in* Duméril & Bibron, 1834, 1835), na "Erpétologie", e não é necessário reproduzi-lo, de vez que as classificações propostas eram bastante ingênuas, como de resto o caso para tôda a Zoologia da época.

A evidente insuficiência dos sistemas baseados em caracteres externos não criticamente examinados estimulou a aplicação da anatomia comparada à sistemática dos vertebrados; à escola de Cuvier, a que pertencia Duméril pai, couberam as primeiras grandes sínteses. No campo da herpetologia, contudo, o conhecimento anatômico progrediu relativamente pouco nessa fase, e o sistema dos répteis de Duméril (derivado do de Brongniart) era essencialmente baseado na morfologia externa. Basta dizer que os crocodilianos ainda eram incluídos entre os lagartos.

O grupo dos gecos (que chamaremos, com Underwood, 1954, a super-família Gekkonoidea), porém, fisionômicamente muito homogêneo, estava bem delimitado, e tôdas as formas nele incluídas o eram legitimamente. Autores subseqüentes que dividiram o grupo em várias famílias, deixaram sempre claro considerá-las como estreitamente aparentadas entre si.

Eram considerados, característicos da família (Duméril & Bibron, 1835: 596-597) a folidose granular da cabeça, a pele "quase lisa ou com tubérculos isolados" (na realidade ausência de dorsais grandes e imbricadas), os dedos livres e frequentemente achatados, o corpo depresso, a língua fungiforme, sem bainha, espessa, livre apenas na extremidade anterior, e os olhos grandes, com pálpebras reduzidas.

Na conceituação dos gêneros, 7 ao todo (Duméril & Bibron, 1836: 289), eram usados unicamente os caracteres digitais.

SEGUNDO PERÍODO

Grande quantidade de dados morfológicos e distribucionais acumulou-se no decorrer do século XIX, durante cuja segunda metade a herpetologia foi dominada por dois homens de gênio: Cope e Boulenger. Trabalhando separadamente, lançaram os reais fundamentos do sistema dos répteis. Cope (1864) publicou a primeira classificação dos lagartos com ampla base anatômica. Boulenger (1884) aproveitou muitas das idéias de Cope e propôs o sistema que, por muito tempo, foi o mais aceito.

Uma primeira dicotomia separava os Rhyptoglossa (camaleões) dos Lacertilia Vera.

Êstes eram subdivididos em três grupos, com base na morfologia da língua e da clavícula. Assim, na sua ordenação e omitindo os caracteres das famílias:

- A. Língua lisa, ou com papilas vilosas; clavícula dilatada proximalmente em alça: 1. Geckonidae e 2. Eublepharidae.
- B. Língua lisa, ou com papilas vilosas; clavícula não dilatada proximalmente: 3. Uroplatidae, 4. Pygopodidae, 5. Agamidae, 6. Iguanidae, 7. Xenosauridae, 8. Zonuridae, 9. Anguidae, 10. Anniellidae, 11. Helodermatidae, 12. Varanidae.
- C. Língua com papilas escamosas imbricadas ou com pregas oblíquas; clavícula dilatada proximalmente, freqüentemente em alça: 13. Xantusiidae, 14. Teiidae, 15. Amphisbaenidae, 16. Lacertidae, 17. Gerrhosauridae, 18. Scincidae, 19. Anelytropidae, 20. Dibamidae.

Nesta classificação, os Gekkonidae achavam-se espalhados em 3 famílias: Geckonidae, Eublepharidae e Uroplatidae. As duas primeiras juntas em uma divisão; a terceira, encabeçando a divisão seguinte.

Para afastar os Uroplatidae dos demais, Boulenger dava peso decisivo à forma da clavícula; no mais não diferiam dos Geckonidae. Já as diferenças entre êstes e os Eublepharidae eram mais sérias, em especial a presença de vértebras procélicas nos segundos e anficélicas nos primeiros.

Na conceituação dos gêneros de Gekkonidae e Eublepharidae, Boulenger utilizava inicialmente a morfologia dos dedos e, secundariamente, a pupila, a cauda e as escamas. É êste um dos grupos em que sua classificação genérica era mais pragmática e menos natural.

Em 1892, Cope, na sua osteologia dos lacertílios, introduziu novos dados anatômicos. Êsse trabalho é a base da obra póstuma (1900) "Crocodilians, Lizards and Snakes of North America"; no campo de presente interêsse, contudo, não divergiu de Boulenger.

PERÍODO MODERNO: CAMP E NOBLE

À publicação do Catálogo de Boulenger seguiu-se nôvo período de grande expansão do conhecimento herpetológico: ficara fácil descrever

espécies novas ou identificar as que se tinha em mãos para estudos anatômicos.

Houve nova ênfase na aplicação da anatomia comparada à sistemática, mas com uma diferença importante em relação ao período anterior. Boulenger e Cope, como gente de sua época, buscavam caracteres-chave que resolvessem toda a classificação da ordem. Modernamente, procura-se trabalhar com grupos de famílias e, além da aplicação dos caracteres-chave, buscar, como critério sistemáticos, dados da história natural e tendências evolutivas.

Na sistemática dos gecos tiveram enorme influência dois discípulos de William K. Gregory: Charles L. Camp e G. K. Noble.

Camp (1923) escreveu uma das típicas teses inspiradas por Gregory: uma classificação dos lagartos (até o nível de família) estribada principalmente na musculatura, e lançando mão de todos os dados anatômicos e paleontológicos disponíveis.

Dividiu os lagartos (1923: 296 *seq.*) em duas grandes Divisões: Ascalabota e Autarchoglossa.

A primeira divisão incluía as Seções Gekkota (famílias Gekkonidae e Uroplatidae), Iguania (Iguanidae e Agamidae) e Rhiptoglossa (Chamaeleontidae).

O conceito de "Seção Gekkota", que Underwood (1954) aproveitou como super-família Gekkonoidea, é extremamente útil, pois engloba todos os grupos que ninguém nega sejam estreitamente aparentados, mas que são diversamente conceituados ao nível de família. Camp define as Gekkota como tendo: vértebras anficélicas ou procélicas, neste caso com côndilos pequenos e intercentros persistentes; centros curtos, com extremidades de mesma espessura e região mediana estreitada; língua carnuda e não extensível; arco postorbital incompleto ou ausente; seis vértebras cervicais; *mylohyoideus anterior* em camada única.

Dentro dos Gekkota, Camp via apenas duas famílias, Gekkonidae (incluindo Eublepharidae) e Uroplatidae, separadas por diferenças osteológicas (Gekkonidae com nasais separados, Uroplatidae fundidos) e miológicas (Gekkonidae com músculos do tronco bem desenvolvidos, *rectus abdominis* extenso, *mylohyoideus anterior* forte e não recoberto pelo *constrictor colli*; Uroplatidae ao contrário).

Noble (1921), em trabalho fundamental, examinando as relações de alguns gêneros, procedeu a uma análise crítica de caracteres osteológicos (vértebras, costelas e hióide) e externos (escutelação distal dos dígitos simples) que de muito ultrapassou o âmbito do problema que o ocupava no momento e marcou as diretrizes para o trabalho moderno. Com efeito, a aplicação pura e simples de caracteres "de chave" havia causado a inclusão espúria na família Eublepharidae de alguns gêneros neotropicais como *Lepidoblepharis* e *Pseudogonatodes*. Noble, pela introdução de novos critérios anatômicos e, principalmente, pela consideração das afinidades genéricas, deu início ao reexame crítico das classificações.

PERÍODO MODERNO: UNDERWOOD

Underwood (1954), aplicando e estendendo as observações de Walls (1942) e Bellairs (1948) sobre a estrutura das pálpebras e "óculos" (*brille, spectacle*) dos lagartos, utilizando os elementos disponíveis sobre a estrutura da retina (e suas conseqüências sobre o cristalino) e introduzindo (Underwood, 1951) a forma da pupila como critério taxonômico, propôs uma classificação dos Gekkonoidea que tem sido da maior importância na evolução das idéias modernas.

Seu esquema é o seguinte, incluída a atualização que publicou em 1955, quando situou gêneros que deixara "incertae sedis" em 1954:

Super-família Gekkonoidea (= Gekkota)

Arco temporal superior ausente; ôsso temporal único; arco post-orbital ausente; jugal ausente; forame pineal ausente; ossos frontais unidos e abraçando o cérebro anterior; *stapes* perfurada para passagem da artéria estapedial; dentes cilíndricos e pleurodontes; um par de dentes de ovo; arco hióide unido ao processo paroccipital; vértebras pro- ou anficélicas; clavículas geralmente afiladas medialmente e perfuradas; 3 a 5 costelas esternais; cauda frágil. Olhos com pálpebras ou óculos; células visuais consistindo de elementos simples (tipo A), elementos duplos tipo padrão (tipo B) e elementos duplos peculiares (tipo C). Língua com papilas vilosas e tendo a ponta inteira ou apenas ligeiramente entalhada; palato paleoconado. Membros sempre bem desenvolvidos. Pele mole, ocasionalmente com osteodermas. Escudos simétricos ausentes na cabeça. Coxins pilosos de fricção comumente presentes nos dígitos. Macho geralmente com poros preanais ou femurais ou ambos, comumente com sacos e ossos post-anais também. Pigmentação peritoneal ausente. Geralmente dotados de voz. Ovos com casca dura, somente um ou dois postos por vez.

Família Eublepharidae

Pálpebras verdadeiras, óculos ausentes; vértebras procélicas, parietais fundidos; pupila vertical; dígitos retos, delgados, sem coxins; sacos e ossos post-anais presentes. Gêneros incluídos: *Aeluroscalabotes* Günther, *Coleonyx* Gray, *Eublepharis* Gray, *Hemitheconyx* Stejneger, *Holodactylus* Boettger.

Família Sphaerodactylidae

Óculos cobrindo os olhos; segundo arco branquial quase completo, interrompido entre basi- e epibranchial; vértebras procélicas; clavícula perfurada ou não; 4 ou 5 pares de costelas esternais; coxins digitais, se presentes, simples, terminais; fóvea temporal presente. Sacos e ossos post-anais ausentes; poros pré-anais e femorais ausentes; parietais separados; pupila redonda, elíptica ou vertical lisa. Gêneros incluídos: *Coleodactylus* Parker, *Gonatodes* Fitzinger, *Lepidoblepharis* Peracca, *Pseudogonatodes* Ruthven, *Sphaerodactylus* Wagler.

Família Gekkonidae

Óculos cobrindo os olhos; vértebras anficélicas; clavícula perfurada ou secundariamente imperfurada; 3 ou 4 pares de costelas esternais; dígitos com ou sem coxins pilosos; fôvea ausente; macho comumente com poros pré-anais ou femorais, ou ambos, e com sacos e ossos post-anais.

Sub-família Diplodactylinae

Pupila vertical, com margens lisas, ou circular. Gêneros incluídos: *Aristelliger* Cope, *Bavaya* Roux, *Carphodactylus* Günther, *Chondrodactylus* Peters, *Colopus* Peters, *Diplodactylus* Gray, *Eurydactylus* Spix, *Hoplodactylus* Gray, *Lucasius* Kinghorn, *Naultinus* Gray, *Nephrurus* Günther, *Oedura* Gray, *Palmatogekko* Anderson, *Phelsuma* Gray, *Phyllurus* Schinz, *Ptenopus* Gray, *Quedenfeldtia* Boettger, *Rhacodactylus* Fitzinger, *Rhoptropella* Hewitt, *Rhoptropus* Peters, *Saurodactylus* Fitzinger, *Teratoscincus* Strauch.

Sub-família Gekkoninae

Pupila tipo *Gekko* (margens lobadas) ou secundariamente circular. Gêneros incluídos: *Afroedura* Loveridge, *Ancylodactylus* L. Müller, *Agamura* Blanford, *Ailuronyx* Fitzinger, *Alsophylax* Fitzinger, *Blaesodactylus* Boettger, *Bogertia* Loveridge, *Briba* Amaral, *Calodactylus* Strauch, *Ceramodactylus* Blanford, *Cnemaspis* Strauch, *Crossobamon* Boettger, *Cyrtodactylus* Gray, *Dravidogekko* Smith, *Ebenavia* Boettger, *Geeckolepis* Grandidier, *Geckonia* Mocquard, *Gehyra* Gray, *Gekko* Laurenti, *Hemidactylus* Cuvier, *Hemiphyllodactylus* Bleeker, *Heteronota* Gray, *Homonota* Gray, *Homopholis* Smith, *Lepidodactylus* Fitzinger, *Luperosaurus* Gray, *Lygodactylus* Gray, *Narudasia* Methuen & Hewitt, *Pachydactylus* Wiegmann, *Paragehyra* Angel, *Phyllopezus* Peters, *Phyllodactylus* Gray, *Platyurus* Oken, *Pristurus* Rüppel, *Pseudogekko* Taylor, *Pseudothecadactylus* Brongersma, *Ptychozoon* Kuhl, *Ptyodactylus* Cuvier, *Rhynchoedura* Günther, *Stenodactylus* Fitzinger, *Tarentola* Gray, *Thecadactylus* Cuvier, *Tropicolotes* Peters, *Uroplatus* Duméril, *Wallsaurus* Underwood.

Há dois pontos maiores que, a meu ver, merecem crítica no sistema de Underwood. Um é a conceituação da família Sphaerodactylidae; o outro a divisão dos seus Gekkonidae em duas sub-famílias.

OS SPHAERODACTYLIDAE DE UNDERWOOD

Desde que proposto por Noble em 1921 e corrigido e ampliado por Parker em 1926, ninguém jamais duvidou de que os gêneros *Lepidoblepharis*, *Pseudogonatodes*, *Coleodactylus* e *Sphaerodactylus* constituíssem um grupo natural. As vértebras procélicas, o hióide com segundo epi-branquial completo ou quase, a presença de uma dobra superciliar, formando falsa pálpebra, e a estrutura do estajo ungueal são caracteres

óbvios e muito importantes. Underwood (1954) juntou a êsse raciocínio morfológico uma racional ecológica, ou seja, o abandono da vida crepuscular ou noturna pela atividade diurna.

Se não existisse *Gonatodes*, não resta dúvida de que êsse grupo poderia ser considerado como uma família à parte. Dados, porém, os caracteres intermediários dêsse gênero, uma discussão do *status* do grupo deve fundar-se na análise de suas características.

No sistema de Underwood os seguintes caracteres permitiriam separar sem ambiguidade os *Sphaerodactylidae* dos *Gekkonidae*:

1. O segundo arco branquial completo ou quase.
2. As vértebras procélicas.
3. A fóvea temporal.

Quanto ao primeiro caráter, *Gonatodes* distancia-se dos demais gecos e aproxima-se dos *sphaerodactylíneos* — foi aliás êsse caráter que levou Noble a restringir o nome às espécies neotropicais.

Quanto às articulações inter-vertebrais, verifica-se que as de *Gonatodes* são tipicamente anficélicas, afastando-se da diagnose de Underwood (Holder, 1960).

Finalmente, a presença de uma fóvea em *Gonatodes* e *Sphaerodactylus* é, sem dúvida, um caráter importante; embora os demais gêneros não hajam sido investigados dêsse ponto de vista, é de esperar que a fóvea seja neles encontrada.

Assim, se por um lado deve ser reconhecida a homogeneidade e peculiaridade do grupo de gêneros próximos a *Sphaerodactylus*, por outro é excessivo basear uma família em apenas um caráter do hióide e um da retina. Acresce a posição intermediária de *Gonatodes*, não só na questão das vértebras, mas também na do estojo ungueal, a ser discutida mais adiante. O mesmo Underwood (1955) terminou por situar gêneros com base (não explícita) na escutelação geral e na osteologia e não na morfologia ocular: "On characters of osteology and squamation, *Ancylodactylus*, *Cnemaspis* and *Pristurus* appear to be related to *Cyrtodactylus* and are therefore placed in the Gekkoninae."

Neste ponto parece-me adequado discutir brevemente a contribuição trazida pela anatomia do ouvido interno à sistemática dos lagartos gekkonoides.

O OUVIDO INTERNO

Shute & Bellairs (1953) chamaram a atenção para a importância da parte auditiva do ouvido interno na sistemática dos lagartos. Estudaram, entre os gecos, os gêneros *Hemidactylus*, *Stenodactylus*, *Cyrtodactylus* (*C. kotschii*, como *Gymnodactylus*), *Sphaerodactylus*, *Cnemaspis*, *Gonatodes*, *Ptenopus*, *Phelsuma* e *Coleonyx*. Deram ênfase ao *limbus*, nome que criaram para a "knorpelschenkel" dos autores alemães, ou seja, a placa de tecido conjuntivo modificado que dá apoio à *papilla basilaris* do ducto coclear. Concluíram que todos os gekkonoides investigados apresentavam um peculiar "lábio" no limbo, e que essa estrutura era também característica dos *Pygopodidae* (uma aproximação nova, mais

tarde confirmada por Underwood, 1957). Verificando outras famílias (Agamidae, Iguanidae, Lacertidae, Teiidae, Xantusiidae, Varanidae, Scincidae, Amphisbaenidae, Anniellidae e Anguidae), encontraram condição semelhante, mas menos pronunciada, em *Tupinambis teguixin*, o único teídeo examinado.

Baird (1960) investigou os anexos perilinfáticos da porção auditiva do ouvido interno nos principais grupos de répteis. De interesse para nós viu os gekkonóides *Coleonyx*, *Sphaerodactylus*, *Hemidactylus*, *Aristelliger* e o teídeo *Cnemidophorus* (1 espécie de cada).

Verificou que, nesses gêneros, a membrana timpânica secundária tem situação profunda no *recessus scalae tympani*, olhando para baixo (ou para baixo e para fora), ao contrário da situação predominante, em que o saco perilinfático preenche todo o recesso e a membrana forma parte da parede medial da cavidade timpânica. Assim, êste dado corrobora o de Shute & Bellairs (1953), sôbre a unidade dos gekkonoides e estende a mais um gênero a curiosa (e, por enquanto, inexplicável) coincidência com os teídeos.

Outro fato descoberto por Baird e de interesse para a sistemática dos gekkonoides é a ausência, em *Sphaerodactylus*, da *scala sacculi*, um divertículo da *scala vestibuli* que fica adpresso à *macula sacculi*. Em outros grupos (Iguanidae, Teiidae, Scincidae) êsse divertículo também está ausente.

Em estreito contacto com Baird, usando em parte o mesmo material, Hamilton (1960) publicou uma análise da porção auditiva do ouvido interno dos gekkonoides. Partiu, como partira Baird, da classificação de Underwood. O material de que dispôs era em parte bom (duas espécies de *Coleonyx*; uma de cada de *Gonatodes*, *Sphaerodactylus* e *Lepidoblepharis*) em parte parco (uma espécie de *Hemidactylus*, *Phyllodactylus*, *Thecadactylus*, *Aristelliger* e *Cyrtodactylus*, êste ainda como *Gymnodactylus*). Êste número de formas, pequeno em relação ao tamanho do grupo, não permitiu que os Gekkonidae *sensu* Underwood fossem adequadamente caracterizados ou que se definissem tendências evolutivas. Assim, no diagrama final de relações filogenéticas, *Aristelliger* e *Thecadactylus* (2 sôbre 5 gêneros estudados) são acompanhados de pontos de interrogação.

Apesar disso, diversos fatos da maior importância emergem do estudo de Hamilton.

Inicialmente, reforça-se a idéia da unidade fundamental dos gekkonóides. Além da já referida morfologia do limbo, são caracteres comuns: (i) a crista inferior da cisterna perilinfática bem definida; (ii) a posição da membrana timpânica secundária, já vista por Baird; (iii) a lagena reduzida e, possivelmente, a extensão da mácula lagenar às paredes anterior e lateral do ducto coclear.

Outros caracteres permitem analisar as relações entre os grupos de gêneros dentro da família (conservamos aqui a nomenclatura de Hamilton, que é a de Underwood). No que diz respeito aos sphaerodactylídeos, os principais elementos são os seguintes.

Há um grupo de caracteres que lhes são exclusivos: (i) o orifício para o oitavo par craneano é dividido horizontalmente por uma trabécula; pela metade superior passam os ramos provenientes do vestibulo, pela inferior os do recesso coclear; (ii) o ducto sáculo-coclear é mal individualizado, sendo praticamente absorvido pelo sáculo; (iii) dois divertículos do sistema perilinfático estão ausentes, ou seja, a *scala sacculi*, como já visto por Baird (1960), e a *scala tympani accessoria* (em relação com a parte posterior da papila basilar).

Em outros caracteres *Lepidoblepharis* e *Sphaerodactylus* divergem dos Gekkonidae, com os quais concorda *Gonatodes*: (i) nos gekkonídeos a haste da columela insere-se excêntricamente na placa basal, e o forâmen perilinfático está à altura da porção anterior da placa; os sphaerodactylídeos apresentam inserção central e o forâmen enfrentando o meio da placa; em *Gonatodes* a inserção da haste é excêntrica e o forâmen fica na segunda posição; (ii) a membrana timpânica secundária é relativamente rasa nos sphaerodactylídeos, bem profunda nos gekkonídeos e em *Gonatodes*.

Finalmente, há caracteres em que os sphaerodactylídeos concordam entre si e divergem dos gekkonídeos estudados por Hamilton, mas em que um dos últimos concorda com êles. Trata-se de *Cyrtodactylus kotschii* (que Hamilton cita como *Gymnodactylus*). Êstes caracteres são dois, provávelmente conjugados: tanto o sáculo quanto o ducto coclear dos sphaerodactylídeos são bem mais altos que longos, ao passo que nos gekkonídeos (menos *Cyrtodactylus*) o comprimento prepondera um pouco sobre a altura.

Hamilton declara que seus achados confirmam a classificação de Underwood. Penso que se deva dizer que êles confirmam a existência dos sphaerodactylídeos como grupo natural, mas que, ao mesmo tempo, mostram um gênero, *Gonatodes*, claramente anectante. Mostram também que o seu conceito de família Gekkonidae, com base em caracteres do ouvido interno, não é suficientemente nítido. As poucas formas estudadas apresentam discrepâncias muito grandes e, o que é mais importante do ponto de vista sistemático, transgridem os limites estabelecidos para os outros grupos. Transcrevo um comentário do próprio Hamilton (1960: 1010):

"Insufficient work has been done on the eublepharids to draw firm conclusions at this time; it appears, however, that the sacculle and cochlear duct of *Coleonyx* assume shapes significantly different from those shown by the majority of other gekkonoids studied here... Horizontal shortening and vertical elongation of the sacculo-cochlear complex is typical of the Sphaerodactylidae. The gekkonoids are less easily categorized, possibly because they are a less homogeneous group, as indicated by Underwood's (1954) split of the family into two subfamilies. *The otic morphology of one member of the gekkonoids resembles that of Coleonyx and that of another resembles the sphaerodactylid condition* [grifo meu]. Until more is known about the otic morphology of the gekkonoids, no typical organization can be postulated; possibly, after more

specimens are studied, some rational order may be ascertained on the basis of morphological evidence from the inner ear”.

CONCLUSÃO SÔBRE OS SPHAERODACTYLIDAE

Romer (1956), ainda sem utilizar os dados de Underwood (1954), pois a bibliografia de seu monumental tratado fecha-se praticamente em 1953, preferiu agrupar todos os gekkonoides (que chama Nyctisaura) em uma única família Gekkonidae. Provavelmente seja essa a atitude mais sensata, mas não me acho qualificado para opinar sôbre os eublepharídeos e *Uroplatus*. Por outro lado, no que diz respeito ao grupo que Underwood chamou de Sphaerodactylidae, penso que os caracteres de *Gonatodes* nos forcem a rebaixá-lo ao nível de sub-família. Com isto quer-se dizer que é uma unidade evolutiva, mas que não há um hiato definido entre ela e a massa dos demais gêneros.

A PUPILA LOBADA

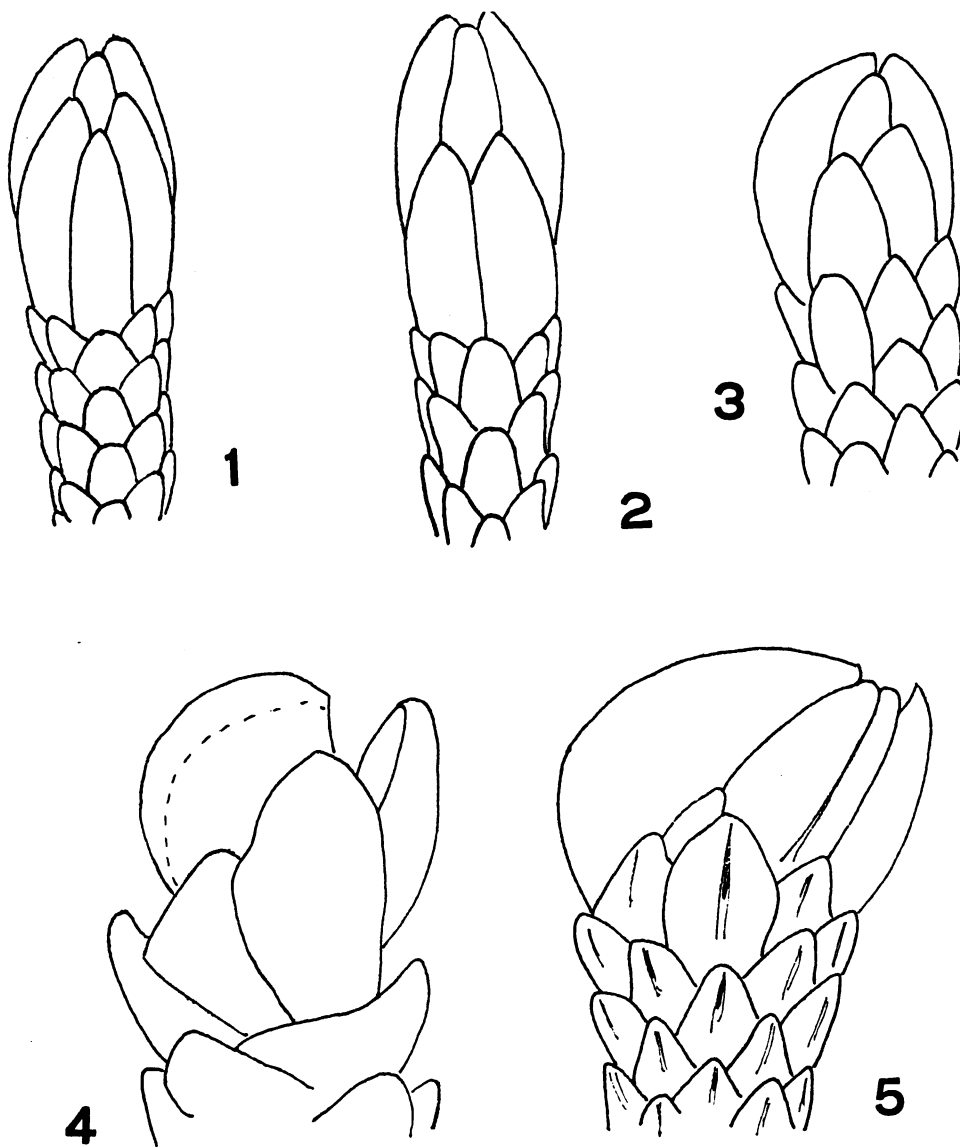
O refinamento introduzido por Underwood na consideração da forma da pupila dos geccos foi um dos passos mais importantes na moderna sistemática da família. Permitiu, por exemplo, retirar do gênero *Gymnodactylus* as espécies meridionais, o que muito simplificou a geografia do grupo.

Dentro do seu critério de dar “prime importance” (1954: 481) aos caracteres oculares na sistemática supragenérica dos geccos, Underwood dividiu seus Gekkonidae em duas sub-famílias, Diplodactylinae e Gekkoninae, de acôrdo com, respectivamente, a ausência ou presença de lobação na pupila. Não invocou, porém, nenhum outro caráter (1954, p. 482: “In the time available it was not possible to attempt to find other characters besides pupil form on which the Diplodactylinae and Gekkoninae might be distinguished”).

O próprio Underwood reconhece que pupilas redondas o podem ser “secundariamente” (gêneros terciariamente diurnos, como *Lygodactylus*) — o que rouba ao caráter o poder definidor e leva ao apêlo a outros caracteres, que Underwood não explicita.

Parece-me muito perigoso analisar uma fauna tão grande e de distribuição tão ampla com base em apenas um caráter, especialmente êste, que não se provou não tenha surgido independentemente em diversas linhagens e que às vezes deve ser inferido em formas ancestrais. Transcrevo Underwood (1954: 482-483): “It has been suggested to me that the Gekkoninae is a polyphyletic group. It seems to be unlikely that the *Gekko*-type pupil would arise twice quite independently. *Coleonyx* has a pupil which would appear to be functionally similar but which is significantly different in detail. The appearance of some of the preserved material suggested that there may be some forms in which a straight vertical pupil can in life pucker to give a regular pattern of lobes. The *Gekko* type pupil form could perhaps have arisen by “fixing” of such facultative puckerers. From the material examined it could be

suggested that such a "fixation" has taken place more than once [grifomeu]. In such a case inclusion of the facultatively puckering ancestral forms within the Gekkoninae would make of it a monophyletic assemblage."



Estôjo ungueal de sphaerodactylíneos. 1, *Lepidoblepharis xanthostigma* (de Parker, 1926). 2, *Pseudogonatodes barbouri* (idem). 3, *Coleodactylus meridionalis* (idem). 4, *Coleodactylus amazonicus* (de Vanzolini, 1957). 5, *Sphaerodactylus microlepis* (de Parker, 1926). (Sem escala).

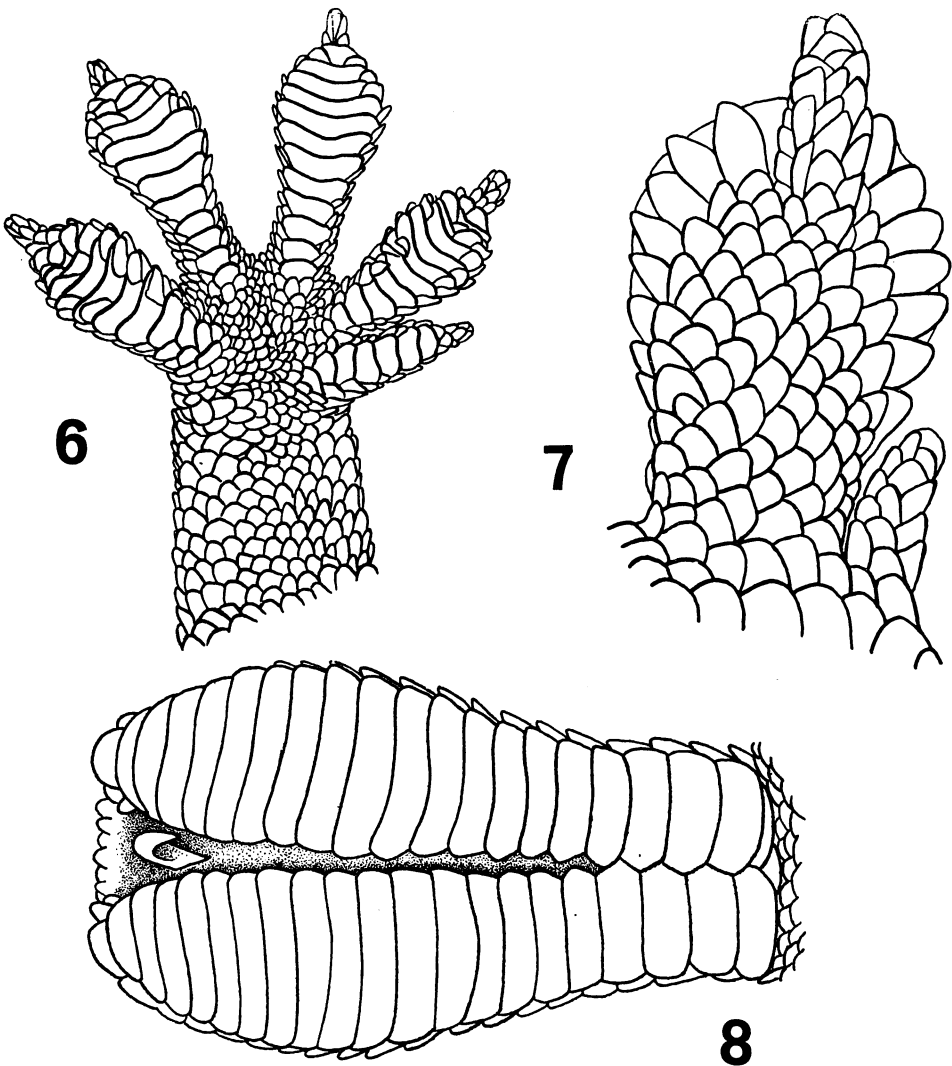
A ser verdadeira a hipótese de que a lobação fixa tivesse aparecido independentemente em diversas linhagens, as sub-famílias de Underwood seriam categorias horizontais e não filéticas, verticais. De fato, é o que provou Stephenson (1960), analisando a fauna australiana, que é o material de escolha para essa discriminação. Não encontrou ele caráter outro nenhum, correlato com a forma de pupila, que justificasse a conceituação de duas sub-famílias dentro dos Gekkonidae de Underwood.

Finalmente, Wermuth (1965) preferiu considerar apenas uma família Gekkonidae, com 3 subfamílias; Gekkoninae, Sphaerodactylinae e Eublepharinae, a primeira sendo os Gekkonidae de Underwood, sem subdivisões. É esta a classificação que acho indicada, com exceção dos Eublepharidae que, como já disse, não conheço de primeira mão.

CHAVE ARTIFICIAL PARA OS GÊNEROS SUL AMERICANOS DE GEKKONIDAE

1.	Estôjo ungueal presente (figs. 1-5)	2
1'.	Ausente	6
2	(1). Pupila lobada	<i>Garthia</i>
2'.	Simples	3
3	(2'). Estôjo ungueal simétrico (figs. 1-2)	4
3'.	Assimétrico (figs. 3-5)	5
4	(3). Estôjo com 4 escamas dorsais diferenciadas (fig. 2)	
 <i>Pseudogonatodes</i>	
	3 escamas dorsais diferenciadas (fig. 1) <i>Lepidoblepharis</i>	
5	(3'). Assimetria acentuada (fig. 5). Um acúleo superciliar	
 <i>Sphaerodactylus</i> .	
5'.	Assimetria pouco acentuada (figs. 3-4). Acúleo ausente	
 <i>Coleodactylus</i>	
6	(1'). Dígito sem artículos dilatados	7
6'.	Pelo menos algumas falanges dilatadas (figs. 6-8) ...	8
7	(6). Pupila lobada	<i>Homonota</i>
7'.	Simples	8
8	(7'). Lepidose dorsal homogênea	<i>Gonatodes</i>
8'.	Heterogênea	<i>Gymnodactylus</i>
9	(6'). Tôdas as falanges dilatadas (fig. 8). ...	<i>Thecadactylus</i>
9'.	Apenas as basais dilatadas	10
9'.	Apenas as distais dilatadas	<i>Phyllodactylus</i>
10	(9'). Falanges distais implantadas na margem da dilatação pro-	
	ximal	<i>Lygodactylus</i>
10'.	Implantadas dentro da dilatação	11

11	(10').	Lamelas infradigitais simples	12
11'		Duplas	13
12	(11).	Polegar com garra (fig. 5)	<i>Phyllopezus</i>
12'		Inerme, rudimentar ou ausente (fig. 7)	<i>Bogertia</i>
13	(11').	Polegar com garra	<i>Hemidactylus</i>
13'		Inerme	<i>Bribo</i>



Detalhes de extremidades de gekkoníneos. 6, face palmar da mão direita de *Phyllopezus pollicaris*. 7, face dorsal dos artelhos I e II de *Bogertia lutzae*. 8, vista ventral de um artelho de *Thecadactylus rapicauda* (de Brongersma, 1934). (Sem escala).

Gonatodes Fitzinger, 1843

Espécie tipo: *Gymnodactylus albigularis* Duméril & Bibron, 1836 (por *albogularis*); por designação original.

Cyrtodactylus Gray, 1831: 59; *partim*.

Gymnodactylus Duméril & Bibron, 1836 3: 408; *partim*.

Gonatodes Fitzinger, 1843: 18, 91.

Saurodactylus (*Saurodactylus*) Fitzinger, 1843: 18, 91; *partim*.

Goniodactylus Gray, 1845: 171. (*nec* Kuhl, 1827).

Gymnodactylus, Aug. Duméril, 1856: 470; *partim*.

Gonatodes, Boulenger, 1885: 56; *partim*.

Gonatodes, Noble, 1921: 1 seq. M. A. Smith, 1933: 9 seq. Underwood, 1954: 476 seq.; Wermuth, 1965: 42 seq.

COMENTÁRIO

O gênero *Gonatodes*, apesar de estabelecido por Fitzinger em 1843, só veio a ser convenientemente delineado muito mais tarde, em consequência dos trabalhos de Noble (1921) e Malcolm Smith (1933).

A história do conceito genérico de *Gonatodes*, tal como se reflete na nomenclatura, pode ser dividida em três fases: a) da descrição da primeira espécie até a publicação do Catálogo de Boulenger; b) até a publicação do trabalho de Noble (1921) sobre *Sphaerodactylus* e gêneros afins; c) até a atualidade.

No primeiro período nota-se o que é comum a toda a sistemática herpetológica: a constituição de gêneros heterogêneos, baseados em "caracteres de chave". Nesta fase a descrição do gênero *Gonatodes* foi não tanto determinada por uma necessidade conceitual, quanto pelo sistema que tinha Fitzinger de multiplicar as categorias sistemáticas.

Das espécies que integram o gênero no conceito atual, a primeira a ser descrita foi *Gonatodes ocellatus* (Gray, 1831), originalmente incluída no gênero *Cyrtodactylus* Gray, 1827 (tipo *pulchellus*).

No 3.º volume da *Erpétologie Générale* (1836), Duméril & Bibron descreveram duas espécies novas de *Gymnodactylus*: *G. albogularis*, da Martinica, e *G. Gaudichaudii*, do Chile. Não há menção da espécie de Gray, seja neste, seja em outro gênero. A partir deste momento a história de *Gonatodes* passa a se entrelaçar intimamente com a de outros gêneros de gekkonídeos de dedos simples, principalmente *Gymnodactylus* e seus sinônimos alternativamente usados.

Fitzinger, no "Systema Reptilium" (1843), também ignorou a espécie de Gray, alistando, porém, as de Duméril & Bibron. *Gymnodactylus albogularis* (que ele grafou *albigularis*) foi feita tipo de *Gonatodes*; *G. gaudichaudii* colocada no gênero *Saurodactylus*, sub-gênero *Saurodactylus* (tipo *Gymnodactylus mauritanicus* Duméril & Bibron). Fitzinger incluiu também em *Gonatodes* duas outras espécies, que atribuiu a Gravenhorst, *Stenodactylus brachypus* e *St. binoculatus*, para as quais propôs os novos nomes *Gonatodes gravenhorstil* e *G. laevis*, respectivamente. Não consegui encontrar nenhuma outra menção dessas formas, que suponho sejam *nomina nuda*.

Gray, no Catálogo de lagartos (1845), incluiu seu *ocellatus* (com dúvida) e o *albogularis* de Duméril & Bibron no gênero *Goniodactylus*. O conceito dêste gênero adotado por Gray não é o mesmo de Kuhl, originador do nome (M. A. Smith, 1935: 65). Quanto a *G. gaudichaudii*, Gray fê-lo o tipo de um nôvo gênero, *Homonota*. Boulenger, reestudando o material de Gray, verificou que a identificação de *gaudichaudii* estava errada, tratando-se na verdade de uma espécie nova. (Ver discussão do gênero *Homonota*).

Em 1856, Auguste Duméril reuniu novamente todos os gecos de dedos simples inferiormente lamelados no gênero *Gymnodactylus*.

Desde a publicação original até o aparecimento do Catálogo de Boulenger, o nome *Gonatodes* foi utilizado em apenas uma ocasião: por Cope em 1863, descrevendo seus *Gonatodes ferrugineus* e *gillii*. Os outros autores que descreveram ou comentaram formas sul-americanas, hoje atribuídas a *Gonatodes*, usaram os seguintes nomes:

Gymnodactylus: Guichenot, 1855; Lichtenstein, 1856; Günther, 1859; Rheinhardt & Lütken, 1862, 1863; Steindachner, 1869; Peters, 1871; F. Müller, 1884.

Goniodactylus: O'Shaughnessy, 1875, 1881; F. Müller, 1882; Cope, 1885.

Stenodactylus: Hallowell, 1855.

No 1.º volume do seu Catálogo, Boulenger (1885) separou definitivamente *Gymnodactylus* e *Gonatodes*, dando, contudo, demasiada amplitude a ambos os gêneros. Noble (1921), comparando a anatomia de *Gonatodes dickersoni*, forma africana, com a de várias formas americanas, estabeleceu as bases para a separação de dois grupos; criou êle então o nôvo gênero *Paragonatodes*. Malcolm Smith (1933) ampliou os resultados de Noble, mostrando a congeneridade das formas africanas e asiáticas e a aplicabilidade a elas do nome de Strauch *Cnemaspis*.

ELENCO

1. *Gonatodes albogularis*

- 1.a. *Gonatodes a. albogularis* (Duméril & Bibron, 1836)
Gymnodactylus albogularis D. & B., 1836 3: 415.

Loc. tipo: Martinica (Plée col.) V. Barbour, 1937: 108.

Distr.: Região de Cucuta, Colômbia.

Ref.: Vanzolini & Williams, 1962.

- 1.b. *Gonatodes albogularis fuscus* (Hallowell, 1855)
Stenodactylus fuscus Hallowell, 1855: 33.

Loc. tipo: Rama, Nicaragua, fixado por Smith & Taylor, 1950: 45.

Distr.: Do norte do Peru (rio Connacco, Peracca, 1897a: 1) até Chiapas, no México.

Ref.: Vanzolini & Williams, 1962.

2. *Gonatodes annularis* Boulenger, 1887 (p. 153)
Loc. tipo: Maccasseema, Guiana Inglesa (Sclater col.).
Dist.: Norte das Guianas Inglesa e Holandesa.
Nota: Examinei o tipo de *G. beebei* Noble, 1923, e verifiquei que se trata de sinônimo óbvio.
3. *Gonatodes atricucularis* Noble, 1921 (p. 135)
Loc. tipo: Bellavista, Cajamarca, Peru (Harvard Peru Exp. col.)
Dist.: Localidade tipo
Ref.: Descrição original
4. *Gonatodes boonii* van Lidth de Jeude, 1904 (p. 87).
Loc. tipo: Região de Coppename, Guiana Holandesa.
Dist.: Guianas Inglesa e Holandesa.
Ref.: Descrição original.
5. *Gonatodes caudiscutatus* (Günther, 1859)
Gymnodactylus caudiscutatus Günther, 1859: 410
Loc. tipo: Andes do Equador Ocidental (Fraser col.)
Dist.: Equador Ocidental. Ilhas Galapagos (Vanzolini, 1964).
Ref.: Descrição original. Figura de Mertens, 1963.
6. *Gonatodes ceciliae* Donoso-Barros, 1965 (p. 3)
Loc. tipo: Península de Paria, Venezuela.
Dist.: Localidade tipo
Ref.: Donoso-Barros, 1966 (mencionada de novo como espécie nova; localidade tipo restrita a Cerro Azul, próximo a Macuro, Península de Paria, Estado Sucre).
7. *Gonatodes concinnatus* (O'Shaughnessy, 1881)
8. *Gonatodes falconensis* Shreve, 1947
Gonatodes caudiscutatus falconensis Shreve, 1947: 520.
Loc. tipo: Pauji e Ojo de Agua, Falcón, Venezuela (Kugler col.)
Dist.: Falcón, Venezuela.
Ref.: Descrição original.
Nota: Dou *status* específico a *falconensis* por ser remota a possibilidade de contato geográfico com *caudiscutatus*.
9. *Gonatodes hasemanni* Griffin, 1917.
10. *Gonatodes humeralis* (Guichenot, 1855).

11. *Gonatodes ocellatus* (Gray, 1831).
Cyrtodactylus ocellatus Gray, 1831: 59.
 Loc. tipo: Tobago.
 Distr.: Tobago, Trinidad e costa vizinha.
 Ref.: Boulenger, 1885 1: 60. pl. 5. 1.
12. *Gonatodes seigliei* Donoso-Barros, 1965 (p. 3).
 Loc. tipo: Puertas del Garapiche, Sucre, Venezuela.
 Distr.: Estado Sucre, Venezuela.
 Ref.: Danoso-Barros, 1966 (mencionada de novo como espécie nova).
13. *Gonatodes taniae* Roze, 1963 (p. 1, fig. 1).
 Loc. tipo: Parque Nacional Henri Pittier de Rancho Grande, Aragua, Venezuela.
 Distr.: Aragua, Venezuela.
 Ref.: Descrição original.
14. *Gonatodes varius* (Aug. Duméril, 1856)
 Loc. tipo: Caiena.
 Distr.: Localidade tipo.
 Ref.: Vanzolini, 1955.
15. *Gonatodes v. vittatus* (Lichtenstein, 1856)
Gymnodactylus vittatus Lichtenstein, 1856: 6.
 Loc. tipo: La Guaira, Puerto Cabello e Caracas, Venezuela.
 Distr.: Trinidad, Dutch Leeward Islands, norte da Guiana Inglesa, Venezuela e Colômbia.
 Ref.: Boulenger, 1885 1: 60
 Nota: Há outra sub-espécie, insular (Roze, 1956).

NOTA SÔBRE IDENTIFICAÇÃO

Gonatodes é um gênero difícil, pois os caracteres evolutivamente importantes concentram-se em um só sexo e preservam-se mal pelos meios de rotina. Trata-se de gecos diurnos, cuja evolução deu muita ênfase ao colorido dos machos adultos, a cuja complexa variação correspondem apenas e, às vezes, nem isso — sutis diferenças folidóticas.

Em geral, o colorido das fêmeas constitui-se de um fundo acastanhado, com zebruras e marmoreações transversais e marcas umerais diversas. Os machos jovens também apresentam colorido dêste tipo. Os machos adultos desenvolvem uma espécie de capuz: o colorido da cabeça e ombros é marcadamente distinto do resto do corpo, geralmente terminando abruptamente na região escapular. As côres são muito vivas: amarelo-enxôfre, rosa, vermelho, verde, azul, etc.

O padrão feminino de colorido conserva-se bem, mas as côres espetaculares dos machos desbotam completamente, tornando-se impossível qualquer inferência quanto ao aspecto em vida.

Êsses fatos recomendam muita cautela na identificação de *Gonatodes* e, especialmente, na descrição de espécies novas, que só deve ser feita em presença de boas séries, se possível com auxílio de material vivo e sempre com a possível minúcia.

No caso das espécies aqui incluídas, *G. hasemanni* é imediatamente identificável pelo padrão folidótico gular (Estampa 2): há apenas 1-2 fileiras de escamas aumentadas entre a sinfiscal e os miudos grânulos gulares, ao contrário do que acontece em *humeralis* e *concinatus*, que apresentam uma área gular ampla ocupada por escamas aumentadas, chatas. O espinho superciliar é nítido.

G. humeralis e *concinatus* são muito semelhantes em escutelação. O colorido, porém, permite fácil separação (estampas 1 e 2): especialmente diagnóstica é a posição da faixa transversal clara que, em *humeralis*, rodeia a inserção do braço e termina sobre esta em *concinatus*.

Gonatodes humeralis (Guichenot, 1855)

- Gymnodactylus humeralis* Guichenot, 1855: 13. pl. 3: 1, a b. (Loc. tipo: Sarayacu, Rio Ucayali, Loreto, Peru. Castelnau col. MP). Aug. Duméril, 1856: 474 (repetição de Guichenot).
- Gymnodactylus incertus* Peters, 1871: 397 (Loc. tipo: Pebas, Loreto, Peru. Abendroth col. ZMB).
- Goniodactylus sulcatus* O'Shaughnessy, 1875: 265 (Loc. tipo: Cuba. 1 ex. BM; fide Boulenger, 1885).
- Gonatodes humeralis*, Boulenger, 1885: 62, pl. 5: 3. (Yurimaguas, Rio Huallaga, Hahnel col.; Cayaria & Puerto del Mairo, Veitch col.; Santarem, Wickham col.; Cuba, loc. dub. *G. sulcatus* O'Sh., BM). Goeldi, 1902:511. Peracca, 1904: 2. (Urucum, Borelli col., Museu de Torino). Griffin, 1917: 306. (Villa Bella, Rio Beni, Hasemann col. CM). Procter, 1923: 1064 (Marajó, Ehrhardt col. BM). Parker, 1928: 96 (Urucum, Mt. Colenette col. BM).
- Gonatodes annularis*, Crawford, 1931: 14. *partim*. Chave (aparentemente não visto; parcialmente confundido com *humeralis*).
- Gonatodes humeralis*, Burt & Burt, 1931: 246 (Serro de Cucuí, La Varre col. AMNH). Burt & Burt, 1933: 3. Parker, 1935 a: 513 (Moraballi Creek, Oxford Univ. Exp. col.; Alto Rio Cuyuni, Cambridge Univ. Exp. col. BM; caracterização, diagnose diferencial com *annularis*). Amaral, 1937: 169. Beebe, 1944 a: 153 (Kartabo. Colorido em vida).
- Gonatodes annularis*, Beebe, 1944 a: 148. figs. 3, 4, pl. 1: 3, pl. 2: 4 (Hioide, embriões, cabeça lateral, ovos. V. Parker, 1935 a).
- Gonatodes humeralis*, Amaral, 1949: 108. Cunha, 1961: 38 (Belém, Cunha col.; prx. Itaituba, Rio Tapajós, Cunha col.; Mangabeira, prx. Baião, Rio Tocantins, Cunha col.; Amapá, Alto Rio Maracá, Moreira col.; MG). Wermuth, 1965:45.

DESCRIÇÃO

Focinho afilado; olhos grandes. Corpo delgado, mais curto que a cauda. Membros bem desenvolvidos.

Rostral alta, posteriormente incisa. Narinas indentando a rostral; marginadas posteriormente por 3 escamas; atrás de cada narina uma fosseta rasa, porém nítida. Uma supra-nasal grande de cada lado, tumefeita, em amplo contato com a margem posterior da rostral e separada de sua simétrica por uma fileira de grânulos, dos quais o anterior indenta a rostral na linha mediana. Focinho coberto por grânulos relativamente grandes, chatos, lisos, diminuindo para a frente e adquirindo na região inter-ocular o tamanho diminuto que apresentam em tôdas as partes dorsais do tronco e membros. 5-7 supra-labiais e 4-7 infra-labiais de cada lado, tanto menores quanto mais posteriores. Ólho cercado totalmente pela pálpebra; esta com margem granulosa, sendo os grânulos mais proeminentes no semi-círculo anterior. Acúleo às vezes indicado. Sinfusal grande, seguida por duas gulares regularmente grandes, nem sempre iguais; gulares anteriores maiores, rapidamente decrescendo e reduzindo-se a grânulos em tôda a extensão da garganta. Escamas ventrais do tronco e membros ciclóides, imbricadas, lisas, transformando-se gradualmente nos flancos nos grânulos dorsais. Cauda dorsalmente recoberta por grânulos maiores que os do tronco, chatos, lisos, levemente imbricados. Escamas ventrais da cauda alargadas, irregulares na porção proximal da cauda, mais regulares para a ponta. 17-21 (6-8 + 11-13) lamelas sob o 4.º artelho.

Colorido em álcool: Fêmea — Dorso castanho-claro com manchas irregulares mais escuras; faixa vertebral mais clara. Cabeça com variações escuras, que se podem ocasionalmente condensar em linhas horizontais; face dorsal dos membros como a do tronco. Na região escapular de cada lado uma linha branca, marginada de escuro, que faz a volta anteriormente à raiz do membro. Em frente dessa linha clara as manchas do dorso podem confluir, formando uma mácula negra arredondada. Partes ventrais claras, mais ou menos aspergidas de finas pontuações negras. Garganta com vermiculações castanhas mais ou menos intensas, convergindo para trás. Lábios com manchas negras no centro das labiais.

Macho — Dorso castanho-escuro, com finas pontuações negras uniformemente distribuídas. Lábios, região escapular e partes ventrais como na fêmea.

Colorido em vida: exemplares colhidos no parque do Museu Goeldi, em Belém, em Junho de 1963, examinados vivos e recém-mortos (Estampa 1).

Fêmea — Colorido geral castanho nitidamente esverdeado, com manchas castanho-enegrecido. A cabeça dorsalmente é mosqueada. Uma faixa escura vai do nariz à região pré-escapular, passando pelo ólho e pelo tímpano. Acima dela, uma série de arcos incompletos e indecisos, o último formando quase um chevron até o meio do pescoço. Abaixo da faixa transtimpânica uma outra, menos nítida na região massetéica.

Lábios pontuados de negro. Faixa vertebral esverdeada, de margens em zig-zag, com infusão castanha, marginada no pescoço e tórax por uma faixa escura de cada lado, faixas essas que no terço médio se transformam em uma sucessão de manchas alongadas. Paralelamente à faixa e série de manchas para-vertebrais de cada lado, uma série de manchas pequenas nos flancos. Uma linha clara (esverdeada) pré-escapular; na frente desta, um ponto negro grande, na direção da faixa transtimpânica. As manchas escuras da linha para-vertebral continuam na cauda, unindo-se as simétricas para formar faixas transversais irregulares, marginadas posteriormente de claro. Membros dorsalmente mosqueados. Partes ventrais: gula cinzenta, com pontuações. Peito e abdômen com sufusão amarelo-esverdeada. Cauda ventralmente rosada, com pontuações.

Jovem — Colorido como o da fêmea, porém mais vivo. As manchas escuras marginadas de branco ou verde claro.

Macho — De maneira geral, o padrão da fêmea, com vermelho vivo onde esta tem côres escuras. Côr geral do dorso esverdeada, com densas vermiculações vermelhas. Nuca e ombro mais verdes. Cabeça dorsalmente mesclada de vermelho vivo, vermelho acastanhado e verde, o último predominando no focinho, os vermelhos no demais. Uma nítida linha verde, de olho a olho, passando pela nuca em nível um pouco posterior ao do tímpano. Atrás desta, 2 ou 3 chevrons vermelhos, irregulares e interrompidos, continuando-se com as séries de manchas dorsais. O primeiro chevron margeia a faixa verde de olho a olho; o terceiro sai de trás do olho. Do tímpano saem duas faixas verdes interspersas de vermelho, correndo para trás e para cima. Região massetéica esverdeada. Lábios verdes, com pontuações negras, mais abundantes anteriormente. Três séries de manchas vermelhas ao longo do dorso, sobre fundo vermiculado, a mais externa no meio do flanco, a mais mediana para-vertebral. Uma faixa vertical pré-escapular verde claro; na frente dela um ponto negro em cima e um vermelho em baixo. Membros dorsalmente reticulados de castanho e esverdeado, vermelho ausente ou muito escasso. Cauda dorsalmente castanho escuro, sem anéis. Gula verde-sujo, com pontuações negras, êste padrão se estendendo ao peito e parte ventral do braço. O demais das partes inferiores cinza escuro esverdinhado. "Escudo" sem colorido diferencial. Base da cauda ventralmente avermelhada, com reticulações escuras. No mais uniforme avermelhado escuro. Superfície ventral das coxas como a dos braços, verde-sujo pontuado.

Macho sub-adulto — O padrão masculino começa a aparecer na parte posterior do dorso, pelo desaparecimento do branco e substituição do preto pelo vermelho.

DISTRIBUIÇÃO

Distribue-se na Guiana e na Amazônia. Há 2 registros estranhos a esta área: (i) Urucum, no sudoeste de Mato Grosso (trata-se de provável extensão de área ao longo das terras baixas do leste boliviano); (ii)

Barra do Tapirapés, na margem do Araguaia, dentro do cerrado, mas com matas ciliares.

BRASIL. *Amapá*: Alto Rio Maracá (Cunha, 1961). Rio Felício, braço Sul (DZSP). *Roraima*: Surumu (DZSP). *Pará*: Belém (Cunha, 1961; DZSP). Rio Paru de Leste (DZSP, MNRJ). Santarém (Boulenger, 1885). Marajó (Procter, 1923; DZSP). Moreira, prx. Itaituba, Rio Tapajós; Mangabeira, prx. Baião, Rio Tocantins (Cunha, 1961). Canindé, Rio Gurupi (DZSP). *Amazonas*: Igarapé Belém. Parintins. Manáus. Fortaleza, Médio Purus. Boca do Rio Catuá. Benjamin Constant (DZSP). Serro de Cucuí (Burt & Burt, 1931). *Acre*: Alto Purus. Feijó (DZSP). *Mato Grosso*: Urucum (Peracca, 1904; Parker, 1928). Barra do Tapirapés (DZSP). *Maranhão*: Aldeia Araçu, 50 km E Canindé, Gurupi (DZSP).

GUYANA [INGLÊSA]. Moraballi Creek. Alto Rio Cuyuni (Parker, 1935 a). Kartabo (Beebe, 1944 a; visto). Demerara River. Moruca River. Kurupung, Mazaruni Distr. Aruan River. (UMMZ; visto).

SURINAM. Lawa River. Langaman Kondre (DZSP).

PERU. *Loreto*: Sarayacu (loc. tipo). Yurimaguas, Rio Huallaga (Boulenger, 1885). Rio Ampiyacu (DZSP). *Huanuco*: Cayaria. Puerto del Mairo (Boulenger, 1885).

EQUADOR. *Napo-Pastaza*: Rio Bobonaza, entre Sarayacu e Canelos (DZSP).

BOLÍVIA. *Beni*: Villa Bella (Griffin, 1917).

VENEZUELA. C. Rivero-Blanco (*in litt.*) reporta numerosas localidades em todo o país.

NOTAS ECOLÓGICAS

Na Amazônia brasileira é comum. É diurno. Vive em troncos de árvores de diâmetros variáveis (de 10 a 40 cm), na parte mais baixa, até 1,50 m do chão. Perturbado, corre para o folhido do chão, mas não se afasta do pé da árvore, em que frequentemente sobe de novo. A. S. Rand descobriu-o dormindo sobre fôlhas de aráceas, no parque do Museu Goeldi, em Belém.

Gonatodes hasemanni Griffin, 1917

Gonatodes hasemanni Griffin, 1917: 304. pl. 32 (Loc. tipo: Villa Bella, Rio Beni, Bolívia, Hasemann col., 3 exs.; CM). Burt & Burt, 1931: 246 (Notas sobre colorido, 4 exs., Ivon, Bolívia, Mulford Biol. Exp. col., AMNH).

Gonatodes spinulosus Amaral, 1932: 56. figs. 7, 8 (Loc. tipo: Rio Juruá, Amazonas, Garbe col. DZSP).

Gonatodes hasemanni, Burt & Burt, 1933: 3.

Gonatodes spinulosus, Amaral, 1937: 169.

Gonatodes hasemanni, Vanzolini, 1953: 73 (Sinonimiza *spinulosus*, de que viu o tipo; 1 ex. Iquiri, Acre, Exped. DZSP col.; DZSP). Cunha, 1961: 38. Wermuth, 1965: 44.

DESCRIBÇÃO

Cabeça curta e larga. Membros robustos.

Rostral alta e larga, superiormente incisa. Narina indentando a rostral, não tocando a 1.^a supra-labial, posteriormente marginada por 2 a 3 pequenos grânulos irregulares. Supra-labiais moderadamente grandes, túmidas, separadas por um escudo maior que os circunjacentes, que indenta profundamente a margem posterior da rostral na linha mediana. Grânulos do focinho e cabeça grandes, uniformes, do mesmo tamanho, pouco maiores que os dorsais do corpo e cauda e que os da face dorsal dos membros. Grânulos da metade anterior do supercílio aumentados, cônicos, proeminentes, o último formando um nítido acúleo de côr escura. 6-7 supra- e outras tantas infra-labiais, decrescentes. Sinfisal muito grande, acompanhada por 3 escamas moderadas, que lhe indentam a margem posterior; atrás destas uma fileira irregular de escamas pequenas, a que se seguem os grânulos gulares, que são pouco menores que os dorsais e se transformam gradativamente nas escamas caudais. Estas são ciclóides, tendendo para hexagonais, imbricadas, aumentando de tamanho na parte posterior do ventre e face ventral das coxas. Região peri-anal coberta de grânulos. Escamas sub-caudais fortes, alongadas, parecendo dorsais de serpentes. Falanges basais ligeiramente achatadas. distais muito comprimidas; lamelas infra-digitais pouco mais estreitas que ou tão largas quanto as falanges basais.

Colorido do macho, em álcool (Estampa 2). Colorido de fundo castanho escuro; cabeça pouco mais clara, com faixas transversais onduladas mais ou menos distintas. Uma faixa longitudinal clara de cada lado do dorso, começando no ôlho e perdendo-se no sacro. Aos lados dessas faixas uma série de manchas claras e escuras transversalmente alongadas, uma ou outra côr predominando; entre as faixas um padrão semelhante, com as manchas escuras de cada lado confluindo com as simétricas e sucessivas, isolando às vêzes pequenas manchas claras adjacentes às linhas longitudinais. Êste desenho mediano continuado na cauda. Labiais tarjadas de negro, menos nas suturas. Garganta e mento brancos, com finas linhas escuras convergentes para trás. Partes ventrais esbranquiçadas anteriormente, tornando-se cinzentas para trás. Superfície ventral da cauda cinzento-chumbo, com manchas transversais brancas.

Colorido da fêmea, em álcool (traduzido de Burt & Burt, 1931). Dorso: A fêmea não possui linhas laterais claras, mas tem uma conspícua faixa médio-dorsal mais ou menos larga, esbranquiçada ou isabelina, com margens irregulares. Pares de manchas castanho-escuras frequentemente se apresentam nas beiradas desta faixa, ou dentro dela, mas são menores e em menor número que as do macho, não havendo manchas claras. O colorido fundamental dos flancos é castanho escuro, como no macho.

COMENTÁRIO

Aparentemente esta espécie apresenta dimorfismo sexual de tipo diverso das outras, pois o macho tem um rico padrão de marcas melâni-

cas. Será necessário mais material, mesmo conservado, para decidir se os 2 machos até agora descritos são mesmo adultos (ou se não há erro de sexagem) e, obviamente, machos vivos para que se conheça o verdadeiro colorido.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Distribui-se pela Amazônia sul-ocidental.

BOLÍVIA. *Pando*: Villa Bela, Rio Beni (loc. tipo). Ivon, próximo a Riberalta (Burt & Burt, 1931, visto).

BRASIL. *Acre*: Iquiri (DZSP). *Amazonas*: Rio Juruá (loc. tipo de *spinulosus*).

Gonatodes concinnatus (O'Shaughnessy, 1881)

Goniodactylus concinnatus O'Shaughnessy 1881: 237. pl. 23: 2 (fig. total; Canelos, Equador, 3 exs., Buckley col., BM).

Goniodactylus buckleyi O'Shaughnessy, 1881: 238. pl. 23: 3 (fig. total; Pallatanga e Canelos, Equador, 3 exs., Buckley col., BM).

Goniodactylus concinnatus, F. Müller, 1882 a: 173 (Topótipo. Museu de Basiléia).

Gonatodes concinnatus, Boulenger, 1885: 61 (Reviu os tipos das duas espécies de O'Shaughnessy). ?Mertens, 1932: 324 (Puerto Colombia). Burt & Burt, 1933: 2.

Gonatodes caudiscutatus, Burt & Burt, 1933: 2 (*nec* Günther, 1859) (exs. de Villavicencio).

Gonatodes concinnatus, Wermuth, 1965: 44.

COMENTÁRIO

Boulenger, examinando os tipos de *concinnatus* e *buckleyi*, verificou que as supostas diferenças específicas eram realmente devidas ao sexo, já que os tipos de *concinnatus* são todos machos e os de *buckleyi*, fêmeas.

Quanto à citação de Mertens, vide comentário à distribuição geográfica.

DESCRIÇÃO

Forma geral grácil, delgada.

Rostral alta, incisiva. Narina em contacto com a rostral, uma supranasal inflada e diversas post-nasais, estas em uma nítida fosseta. Diversas escamas entre as supranasais, indentando a rostral. Grânulos do focinho grosseiros, do vértice muito finos, do dorso intermediários entre estes. Supralabiais 5-6. Infralabiais 6-7. Sinfisal grande, seguida de uma área de gulares aumentadas, chatas, e depois de minúsculos grânulos gulares, que se transformam rapidamente nas ventrais, que são ciclo-hexagonais, lisas, grandes. Acúleo superciliar presente ou indicado.

Braço ventralmente com grânulos, com escamas no demais; antebraço ao contrário. Membro inferior com superfície dorso-posterior granulosa, no mais com escamas. 20-21 lamelas sob o 4.º artelho.

Escutelação da base da cauda como a do tronco, mais distalmente uma fileira de médio-ventrais pouco alargadas.

Colorido em álcool. Fêmea (Estampa 2): Partes dorsais castanhas, com zebruras transversais mais escuras, interrompidas na linha mediana. Uma faixa clara arqueada, de olho a olho, passando pela nuca. Uma faixa clara transversal, sinuosa, ao nível da raiz do braço. Partes ventrais mais claras. Garganta com chevrons claros abertos para a frente. Cauda com anéis claros e escuros, mais visíveis distalmente.

Macho (AMNH 56395): Cabeça, parte anterior do tronco e membro anterior quase brancos, imaculados. Dorso, flancos e membro posterior escuros, com manchas brancas cobrindo cerca de 10 grânulos cada. Partes ventrais mais claras que as dorsais, pontuadas de escuro. Garganta levemente zebreada. Escudo pouco distinto. Outro exemplar (AMNH 57453) com nítida faixa branca escapular e um ocelo no cotovelo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Amazônia norte-ocidental. O exemplar de Mertens (1932), de Puerto Colombia, Atlântico, Colombia, deve ser uma fêmea de outra espécie.

EQUADOR. *Napo-Pastaza*: Canelos (loc. tipo e loc. tipo em parte de *G. buckleyi*). Pallatanga (loc. tipo em parte de *G. buckleyi*). Loreto (DZSP). Andoas (AMNH). San José de de Sumaco (AMNH).

PERU. *Loreto*: Vale do Rio Utoquinia (AMNH). Sarayacu (MCZ) Mouth of Rio Loretoyacu (MCZ).

COLÔMBIA. *Meta*: Villavicencio (AMNH; DZSP; MCZ).

Pseudogonatodes Ruthven, 1915

Espécie-tipo: *Pseudogonatodes furvus* Ruthven, 1915. Por designação original.

Pseudogonatodes Ruthven, 1915: 2; 1916: 3.

Lepidoblepharis, Noble, 1821: 133, 135; 1921 a: 1-4. (*nec* Peracca, 1897).

Pseudogonatodes, Parker, 1926: 297.

Lepidoblepharis, Roux, 1927: 252. (*nec* Peracca, 1897).

Pseudogonatodes, Burt & Burt, 1933: 10 (*partim*); Parker, 1935: 514; Shreve, 1947: 522; Underwood, 1954: 476; Wermuth, 1965: 152.

DIAGNOSE

Dígitos curtos, cilíndricos, as falanges distais formando ângulo com as basais, ventralmente com lamelas transversais lisas; garra verticalmente retrátil em um estôjo comprimido, grande, constituído por 5 escamas (fig. 2): um par de infero-laterais alongadas, em contato su-

periormente, e uma pequena terminal no ângulo entre as pontas das súpero-laterais. Escamas das partes ventrais lisas, imbricadas; dorsais tuberculares ou imbricadas. Pupila redonda. Aba palpebral superiormente bem desenvolvida. Rostral grande, sem depressão dorsal. Clavícula moderadamente dilatada, não perfurada. Poros preanais e femorais ausentes.

ELENCO

1. *P. amazonicus* Vanzolini, 1967.
2. *P. barbouri* (Noble, 1921).
Lepidoblepharis barbouri Noble, 1921 a: 133.
Loc. tipo: Perico, Cajamarca, Peru.
Distr.: Vales áridos do Chinchipe e do Marañon (Cajamarca, Peru) de Perico no norte a Jaen e Bellavista no sul.
Ref.: Vanzolini, 1967.
3. *P. furvus* Ruthven, 1915 (p. 2).
Loc. tipo: San Lorenzo (5 000 ft.), Serra de Sta. Marta, Colombia.
Distr.: Serra de Sta. Marta.
Ref.: Vanzolini, 1967.
4. *P. guianensis* Parker, 1935.
Loc. tipo: Alto Rio Cuyuni, Guiana Inglesa.
Distr.: Norte da Guiana Inglesa.
Ref.: Vanzolini, 1967.
5. *P. lunulatus* (Roux, 1927)
Lepidoblepharis lunulatus Roux, 1927: 252.
Loc. tipo: El Mene, Falcon, Venezuela.
Ref.: Vanzolini, 1967.

***Pseudogonatodes amazonicus* Vanzolini, 1967**

Pseudogonatodes amazonicus Vanzolini, 1967:2. (Igarapé Belém, Rio Solimões, Am. B. Malkin col. DZSP, MCZ, CAS).

DESCRIÇÃO

Rostral alta, com margem posterior ao nível da narina, incisa, indentada por três grânulos grandes e chatos, característicos. Escutelação dorsal do focinho constituída por grânulos chatos, menores e mais proeminentes em direção ao vértice. Narina na sutura entre a rostral e a primeira labial, em contacto acima com a post-rostral lateral. Supralabiais 4, 1.^a e 2.^a maiores, formando em conjunto um pentágono cuja altura é a sutura. Grânulos loreais semelhantes aos frontais. Aba palpebral estendendo-se do quadrante infero-anterior do olho ao súpero-posterior, mais larga no quadrante ântero-superior, anteriormente esca-

mosa, posteriormente granulosa. Sinfisal grande, angular, com lados posteriores paralelos aos anteriores. Infralabiais 3, a primeira 4 vezes a segunda, a terceira reduzida a um grânulo achatado. Gulares granulosas, chatas, lisas. Têmperas granulosas. Tímpano pequeno, seu maior diâmetro, o vertical, menos de metade do diâmetro do olho.

Partes dorsais do tronco com grânulos cônicos, altos, homogêneos. Ventrals grandes, largas, ovoides, passando abruptamente para as gulares a meio caminho entre a raiz do braço e o tímpano, arrumadas em 52-55 fileiras oblíquas bastante regulares. Rima anal granular.

Membro anterior dorsalmente com escamas grandes, no demais com grânulos. Membro posterior escamoso ventral e anteriormente, no mais granuloso. Estojo ungueal típico para o gênero, com a escama dorsal ímpar relativamente pequena.

Cauda com escamas lisas, imbricadas, semelhantes às ventrais, menores na superfície dorsal.

Colorido geral das partes dorsais e laterais castanho sujo, com as seguintes manchas claras: (i) as suturas do focinho (inclusive a rostral) são claras e coalescem, formando uma rede que envolve os centros escuros dos grânulos; (ii) um losango claro na região parietal (estampa 3, fig. 5), com vértices laterais à altura do canto posterior dos olhos; (iii) de cada olho parte para trás uma faixa clara longitudinal, que termina na vertical do tímpano; nessa altura a faixa de cada lado se funde com uma mancha quadrada nugal, unida à sua simétrica por um estreito istmo claro; (iv) dessas manchas nucais partem linhas indistintas, em direção aos olhos; (v) as suturas labiais são claras, o centro das escamas escuro; (vi) nos lados do dorso há uma série de chevrons indistintos, cujos extremos laterais tendem a unir-se em uma faixa festonada, pouco visível no tronco, porém nítida na cauda. Os grânulos situados dentro dessas áreas claras são pontilhados de castanho.

As partes ventrais são claras, com as seguintes manchas escuras: (i) um arco que ocupa a metade anterior das infralabiais e da sinfisal, interrompido nas suturas, continuando-se, menos distinto e encurvado para dentro, nos grânulos laterais da gula; (ii) um arco, pouco marcado, posterior e paralelo ao anterior, de que se separa pela metade posterior clara das labiais e sinfisal; (iii) a margem posterior das ventrais e das subcaudais medianas é variavelmente maculada.

A transição entre o colorido dorsal e o ventral é abrupta do membro anterior para a frente, e realçada por uma estreita faixa escura. No tronco é menos óbvia.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Só conhecida da localidade tipo.

Lepidoblepharis Peracca, 1897

Espécie tipo: *Lepidoblepharis festae* Peracca, 1897. Monobásico.
Lepidoblepharis Peracca, 1897: 1.

Lathrogecko Ruthven, 1916: 1. Noble, 1916: 87; 1921 a: 2-14; 1923: 2. *Lepidoblepharis*, Parker, 1926: 292; Burt & Burt, 1933: 5; Underwood, 1954: 476; Vanzolini, 1953: 263; Cunha, 1961: 39; Wermuth, 1965: 95.

COMENTÁRIO

O que julgo (Vanzolini, 1953) ser a espécie mais antiga deste gênero *L. oxycephalus* (Werner, 1894) foi descrita como um *Gonatodes*.

Logo após, Peracca (1897) descreveu *L. festae* e caracterizou o gênero. Em 1910, Werner descreveu nova espécie, *L. buchwaldi*.

Ruthven (1916) criou o gênero *Lathrogecko*, comparando-o com *Pseudogonatodes* e incluindo ambos na família Eublepharidae.

Noble (1916), descrevendo uma espécie da Costa Rica, conservou *Lathrogecko*, sem comentários. No seu trabalho de 1921, sobre a estrutura dos gêneros sphaerodactyloides, conservou Noble *Lepidoblepharis* (compôsto, em seu conceito, pois incluía *Pseudogonatodes barbouri*, forma que examinou) e *Lathrogecko*, não entrando nos detalhes das relações entre ambos. Em 1923, ao descrever *Lathrogecko microlepis*, não fez nenhum comentário.

Em 1926, Parker reviu o gênero, apresentando uma chave. Esta foi a última contribuição significativa à sinonímia.

DIAGNOSE (PARKER, 1926)

Dígitos curtos ou moderados, cilíndricos, as falanges distais formando ângulo com as basais, ventralmente com lamelas transversais lisas; garra verticalmente retrátil num estôjo comprimido, constituído por 6 escamas (fig. 1): um par de infero-laterais alongadas, ventralmente em contato; um par de súpero-laterais alongadas, separadas por uma mediana dorsal também alongada; uma terminal pequena situada no ângulo formado pelas pontas das súpero-laterais. Lepidose da cabeça e pescoço granular; do dorso granular ou escamosa; das partes ventrais escamosa. Pupila redonda; aba palpebral produzida superiormente, parcialmente granular e parcialmente escamosa. Rostral grande, com depressão superior em forma de U. Clavícula moderadamente dilatada, não perfurada. Poros femorais e pré-anais ausentes.

ELENCO

1. *L. buchwaldi* Werner, 1910 (p. 8)

Loc. tipo: Hacienda Clementina, Babahoyo, Los Rios, Equador.

Distr.: Localidade tipo.

Ref.: Descrição original.

2. *L. festae* Peracca, 1897.

3. *L. intermedius* Boulenger, 1914. (p. 814, pl. 1: 2)
 Loc. tipo: Peña Lisa, Chocó, Colômbia.
 Distr.: Chocó; Ilha Gorgona.
 Ref.: Descrição original; Parker, 1926: 294.
4. *L. microlepis* (Noble, 1923)
Lathrogecko microlepis Noble, 1923: 2.
 Loc. tipo: Rio Quesada, região do Rio Atrato, Colômbia.
 Distr.: Localidade tipo.
 Ref.: Descrição original.
5. *L. oxycephalus* (Werner, 1894)
Gonatodes oxycephalus Werner, 1894: 413.
 Loc. tipo: Equador (sem mais)
 Distr.: Localidade tipo.
 Ref.: Descrição original.
6. *L. peraccae* Boulenger, 1908: 111.
 Loc. tipo: Los Mangos, SW Colômbia, 300 m.
 Distr.: SW Colômbia; Chocó; Ilha Gorgona.
 Ref.: Descrição original.
7. *L. ruthveni* Parker, 1926: 295.
 Loc. tipo: Chimbo, Equador.
 Distr.: Equador ocidental.
 Ref.: Descrição original.
8. *L. sanctae-martae* (Ruthven, 1916)
Lathrogecko sanctae-martae Ruthven, 1916: 2.
 Loc. tipo: Fundación, Sierra de Sta. Marta.
 Distr.: Serra de Santa Marta.
 Ref.: Descrição original.

Lepidoblepharis festae Peracca, 1897

Lepidoblepharis festae Peracca, 1897: 2. fig. (San José de Cuchipamba, Equador oriental, Festa col.; Museu de Torino). Parker, 1926: 294, 297 (Chave). Vanzolini, 1953. (Rio Juruá, Garbe col., DZSP). Cunha, 1961. (Amapá, M. Moreira col., Museu Goeldi). Wermuth, 1965 : 96.

DESCRIÇÃO (VANZOLINI, 1953)

Rostral muito grande, com uma depressão superior em forma de V de braços curvos para fora, apresentando uma incisura mediana que vai da margem posterior ao vértice do V. Narina entre a rostral, 2 post-

nasais e 1 supra-nasal; esta separada de sua simétrica por um grânulo mediano grande, que indenta a margem posterior da rostral. Focinho coberto de grânulos lisos, uniformes, justapostos, diminuindo de tamanho para trás, mínimos na região parietal, aumentando daí para trás, transformando-se finalmente nos grânulos dorsais. Aba palpebral evidente nos 3/4 superiores da rima orbital (estampa 3); sua parte anterior granulosa, estreita; parte média (superior) formada por 3-4 escamas maiores, lisas, das quais a penúltima é a maior, separadas do supercílio por estreita faixa granulosa; parte posterior granulosa, com grânulos marginais cônicos, salientes, sub-espinhosos. 5 supra-labiais, a primeira enorme, quase alcançando a narina, a última ultrapassando de pouco o meio do olho. 6 infra-labiais, primeira enorme, as demais decrescendo para trás, a última ultrapassando o limite posterior da órbita. Porção posterior de ambos os lábios granular. Sinfisal grande, com amplo rebaixo mediano que acolhe uma fileira de escamas gulares aumentadas, lisas, em número de 1 central grande, 1 grande e 2 pequenas à direita e 1 grande à esquerda; uma incisão em cada lado da sinfisal e uma terceira, menos evidente, no meio, tôdas tocando a margem posterior mas não a anterior. Escamas gulares lisas, arredondadas, imbricadas, transformando-se abruptamente nas ventrais.

Dorso coberto de grânulos pequenos, iguais aos do focinho, sub-iguais entre si, cônicos, justapostos, tendendo a achatar-se e imbricar-se na região sacral. Ventrais grandes, cicloides, lisas, imbricadas, em 18 fileiras longitudinais e 48 transversais, mais ou menos irregulares em ambos os sentidos.

Membro anterior com escamas dorso-anteriores imbricadas, pequenas, lisas; restante do membro granuloso. Membro posterior com a metade anterior escamosa, posterior granulosa. Estôjo ungueal com terminal curta e sub-terminal muito longa. 14 lamelas na face ventral do 4.º artelho.

Base da cauda com escamas dorsais pequenas, lisas imbricadas; laterais e ventrais iguais às ventrais do tronco. Parte regenerada da cauda com escamas dorsais pequenas, mais largas que longas, quase formando fileiras transversais; uma série de ventrais medianas muito largas.

33 + 19 mm

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

EQUADOR. *Santiago-Zamora*: San José de Cuchipamba (loc. tipo). *Napo-Pastaza*: Montalba, Rio Bobonaza (AMNH).

BRASIL. *Amapá*: Alto Rio Maracá (Cunha, 1961). *Amazonas*: Rio Juruá (DZSP). *Pará*: Ilha de Marajó (DZSP).

PERU. *Loreto*: Rio Ucayali (AMNH).

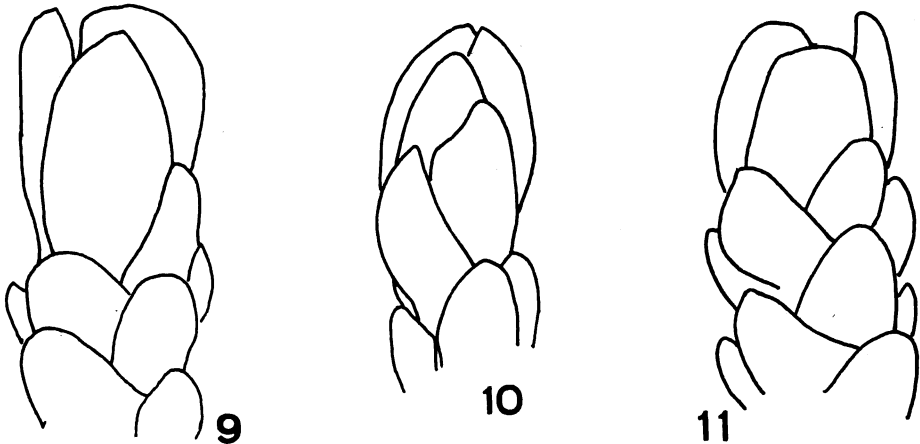
Coleodactylus Parker, 1926

Espécie tipo: *Sphaerodactylus meridionalis* Boulenger, 1888, por designação original.

- Sphaerodactylus* Boulenger, 1888: 40. (*nec* Wagler, 1830). Anderson, 1918: 1 (*idem*).
Coleodactylus Parker, 1926: 299. Wettstein, 1928: 110. Burt & Burt, 1933: 1.
Homonota, Amaral, 1935: 254. (*nec* Gray, 1845).
Sphaerodactylus, Miranda-Ribeiro, 1937: 46. (*nec* Wagler, 1830).
Coleodactylus, Amaral, 1937: 168.
Homonota, Amaral, 1937: 170. (*nec* Gray, 1845).
Sphaerodactylus, Amaral, 1937: 171. (*nec* Wagler, 1830).
Homonota, Amaral, 1937 b: 1703 (republicação de Amaral, 1935), (*nec* Gray, 1845). Amaral, 1937 a: 1734 (*idem*).
Sphaerodactylus, Amaral, 1937 a: 1734. (*nec* Wagler, 1830).
Coleodactylus, Amaral, 1937 a: 1734; 1949: 108.
Sphaerodactylus, Amaral, 1949: 108. (*nec* Wagler, 1830).
Coleodactylus, Underwood, 1954: 476. Vanzolini, 1957: 1. Cunha, 1961: 39. Wermuth, 1965: 17.

DIAGNOSE

Estôjo ungueal constituído por um par de ventrais, em contato pelo menos na linha mediana ventral e por um número variável de escamas dorsais diferenciadas; assimetria moderada (figs. 3, 4, 9-11). Folidose dorsal homogênea (estampa 3). Pupila redonda. Aba palpebral bem desenvolvida. Clavícula dilatada, imperfurada. Vértex procélicas. Poros ausentes.



Estôjo ungueal de *Coleodactylus*. 9, *C. guimaraesi*, holótipo. 10, *C. meridionalis*, DZ 3509, Surumu, Roraima. 11, *C. brachystoma*, IB 568, parátipo. (Sem escala).

ELENCO

1. *C. amazonicus* (Anderson, 1918).
2. *C. brachystoma* (Amaral, 1935).
3. *C. guimaraesi* Vanzolini, 1957.
4. *C. meridionalis* (Boulenger, 1888).

NOTA SÔBRE IDENTIFICAÇÃO

Coleodactylus amazonicus e *guimaraesi* têm dorsais carenadas. O estôjo ungueal do primeiro é mais assimétrico (fig. 4) e apresenta menos fusões entre escamas que o do segundo (fig. 9).

Coleodactylus meridionalis e *brachystoma* têm dorsais lisas; os estôjos ungueais (figs. 10 e 11) diferem maiormente nas proporções das escamas; o número de escamas à volta do meio do tronco (até 47 em *meridionalis* e de 45 a 51 em *brachystoma*) é parcialmente diagnóstico.

Não é impossível que estejamos em presença de dois pares de subespécies. Dado, porém, o enorme território coberto, e a escassez de exemplares, prefiro ser cauteloso.

Coleodactylus amazonicus (Anderson, 1918)

Sphaerodactylus amazonicus Anderson, 1918: 1. (Loc. tipo: Lago Po-
raquêcuara, Amazonas, Roman col. Museu de Stockolm).

Coleodactylus zernyi Wettstein, 1928: 110. (Loc. tipo: Taperinha,
Pará, Zerny col. Museu de Viena).

Sphaerodactylus amazonicus, Burt & Burt, 1933: 10.

Coleodactylus zernyi, Burt & Burt, 1933: 1.

Sphaerodactylus amazonicus, Amaral, 1937: 171.

Coleodactylus zernyi, Amaral, 1937: 168.

Sphaerodactylus amazonicus, Amaral, 1937 a: 1734.

Coleodactylus zernyi, Amaral, 1937 a: 1734.

Sphaerodactylus amazonicus, Amaral, 1949: 109.

Coleodactylus zernyi, Amaral, 1949: 108.

Coleodactylus amazonicus, Vanzolini, 1957: 4. (Rio Paru de Leste, Pará,
J. C. M. Carvalho col., MNRJ, DZSP; Iquiri, Acre, Exp. DZSP
col., DZSP). Cunha, 1961: 48 (Alto rio Maracá, Amapá, M. Mo-
reira col., Museu Goeldi). Wermuth, 1965: 17.

DESCRIÇÃO (VANZOLINI, 1957) (ESTAMPA 3)

Espécie pequena (cabeça e tronco 22 mm; cauda 15 mm); focinho curto e rombo.

Rostral grande, com uma depressão dorsal semi-circular, limitada anteriormente por uma nítida moldura; margem posterior incisa. Focinho com grânulos justapostos, irregularmente poligonais, parcialmente carenados, diminuindo rapidamente de tamanho na região inter-ocular, que é estreita; grânulos da região parieto-occipital pequenos, transformando-se gradativamente nas escamas dorsais. Região supra-orbitária anteriormente entumescida, com um esboço de semi-círculo; coberta anteriormente de escamas pequenas, pontudas, lisas, imbricadas, que se transformam posteriormente em grânulos carenados, justapostos, intermediários em tamanho entre os grânulos do focinho e da nuca, com os últimos dos quais acabam por se confundir. Narina entre a rostral, 1 post-nasal e 1 supra-nasal grande, separada de sua simetria por 3 grânulos, dos quais o mediano maior, às vezes reduzidos a 2 por fusões

irregulares. A 1.^a supra-lábial pode insinuar-se debaixo da post-nasal, alcançando a narina; algumas vezes a parte insinuada separa-se da labial, simulando uma 2.^a post-nasal (inferior). Aba palpebral com 4 escamas quadrangulares anteriores e porção posterior granulosa pequena; 1-2 grânulos salientes na orla posterior. 4-5 supra-labiaais, a última atingindo o meio do olho; 4-5 infra-labiaais, atingindo o mesmo nível; restante dos lábios granular. Sinfisal enorme, sagitada, quase atingindo a sutura entre 1.^a e 2.^a supra-labiaais, apresentando uma incisura posterior. Gulares anteriores grandes, lisas, justapostas, diminuindo de tamanho e imbricando-se posteriormente, aumentando no pescoço e transformando-se gradualmente nas ventrais.

Escamas dorsais do tronco losangulares, carenadas, sub-mucronadas, aumentando de tamanho para trás.

Ventrais grandes, maiores que as dorsais, sub-ciclóides, imbricadas, lisas. 41-45 escamas à volta do meio do tronco; 32-35 ventrais entre a transversal anterior da raiz do braço e o ânus.

Escamas dorsais do membro anterior semelhantes às do tronco; ventrais menores que as do peito; tôdas as distais menores que as proximais.

Escamas dorsais das coxas grandes e lisas ou fracamente carenadas; as crurais menores, carenadas; tôdas as ventrais do membro posterior lisas, menores que as abdominais; face posterior da coxa granulosa.

Estôjo ungueal como na figura 4.

As escamas da cauda são semelhantes às do tronco, sendo lisas, imbricadas e um tanto maiores que aquelas; as médio-ventrais são ainda maiores que as outras.

O colorido é bastante variável. O padrão mais simples mostra as partes dorsais castanho-escuras, com a cabeça um pouco mais clara; o focinho e a região supra-orbitária um tanto mais escuros. As partes ventrais são muito mais claras, com pontuações esparsas, mais densas na garganta, lados do abdômen e região pré-asal.

O extremo oposto é encontrado no único exemplar do Acre (DZSP 354):

Os lábios superiores mostram uma faixa escura, interrompida na linha mediana da rostral e nas suturas labiais. Da narina parte outra faixa, mais escura ainda, que atinge a base do entumescimento orbitário, e continua atrás do olho, aí infletindo-se para baixo na região post-ocular, fundindo-se com a faixa labial atrás da comissura e seguindo para trás até a raiz do braço, onde se dilui. No tópo do focinho há um par de faixas claras paralelas (uma de cada lado), adjacentes às faixas escuras que partem das narinas; as duas faixas claras convergem na região inter-ocular e prolongam-se, como faixa única, na região pariéto-occipital, onde se notam interrupções irregulares. Do ângulo postero-superior de cada olho parte outra faixa clara, que se dirige longitudinalmente para o pescoço, sem atingir a nuca. Assim, há no tópo da cabeça 3 faixas claras (mais ou menos marginadas de negro) paralelas. Na nuca há uma barra transversal clara, irregular; atrás desta, algumas variegações irregulares, após as quais o dorso assume côr cas-

tanha escura uniforme, com pontuações negras nas escamas. O lábio inferior assemelha-se ao superior.

Entre êsses dois extremos notam-se intergradações; no material em mãos essas são sempre para o lado mais obsoleto, apresentando-se as manchas cefálicas no máximo como meras indicações do padrão observado no exemplar acreano; mais freqüentemente apenas a margem escura das faixas claras é aparente.

O colorido da cauda também varia. O colorido pode ser semelhante ao do dorso, com a região médio-ventral mais clara; pode também ser inteiramente uniforme. A extremidade da cauda íntegra pode ser mais clara que o restante, ou da mesma côr.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

GUYANA [INGLÊSA]. Marudi (AMNH)

GUIANA FRANCESA. Caiena (DZSP)

BRASIL. Acre: Iquirí (Vanzolini, 1957). Amapá: Alto Rio Maracá (Cunha, 1961). Amazonas: Lago Poraquêcuara (loc. tipo). Pará: Taperinha (loc. tipo de *zernyi*); Rio Paru de Leste (Vanzolini, 1957); km 93 Rodovia Belém-Brasília (DZSP).

NOTAS ECOLÓGICAS

Espécie diurna, que frequenta o folhço do chão da mata sombria. Foge, serpenteando, para dentro do folhço.

Coleodactylus brachystoma (Amaral, 1935)

Homonota brachystoma Amaral, 1935: 254, fig. 8 (Loc. tipo: Cana Brava, Goiás; DZSP).

Sphaerodactylus pfrimeri Miranda-Ribeiro, 1937: 46, fig. (Loc. tipo: Rio das Palmas, Goiás, R. Pfrimer col. MNRJ).

Homonota brachystoma, Amaral, 1937: 171; 1937 b: 1703 (re-publicação de Amaral, 1935); 1937 a: 1734.

Sphaerodactylus pfrimeri, Amaral, 1937: 172.

Coleodactylus brachystoma, Vanzolini, 1957: 4, fig.; Wermuth, 1965: 17.

DESCRIÇÃO (VANZOLINI, 1957) (ESTAMPA 3)

Espécie maior que as demais. (Cabeça e tronco 28 mm; cauda 25 mm). Cabeça curta, focinho rombudo.

Rostral grande, com margens superiores convergindo na linha mediana; parte da margem superior uma funda incisura, muito longa, que separa dois lobos entumescidos da rostral. Escamas do focinho lisas, arredondadas, sub-imbricadas, diminuindo de tamanho para trás, transformando-se no pescoço em minúsculos grânulos justapostos. Região supra-orbitária indiferenciada, não entumescida. Narina entre a rostral, 3 post-nasais, e uma supra-nasal; a 1.^a supra-labial, indentada pela

post-nasal inferior, pode alcançar a narina. Supranasais separadas na linha mediana por escamas irregulares. 4-5 supra-labiais, decrescentes, escassamente ultrapassando o olho. 7-8 infra-labiais, 1.^a enorme, decrescente, ocupando todo ou quase todo o lábio inferior. Aba palpebral com parte anterior escamosa, lisa, preponderante; parte granular posterior muito reduzida, formada por poucos grânulos salientes.

Sinfisal grande, em forma de cogumelo, posteriormente marginada por 3 escamas irregularmente poligonais, lisas, a mediana muito maior que as outras. Gulares diminuindo para trás, lisas, imbricadas, aumentando de novo no pescoço e se transformando nas ventrais. Uma prega longitudinal da comissura bucal até abaixo do ouvido, que é redondo e moderado.

Dorsais do tronco, membros e cauda, lisas, ciclóides, imbricadas. Ventrais muito semelhantes à dorsais, menos regulares. 45-54 escamas à volta do meio do tronco; 41-46 ventrais na linha mediana entre a transversal anterior da raiz do braço e o ânus. Face posterior do membro anterior e da coxa granulosa.

Estôjo ungueal como na figura 11.

O colorido varia enormemente, mesmo nesta série de uma mesma localidade.

Num dos extremos, o colorido de todas as partes dorsais, incluindo a cabeça, que é a parte mais variável, é castanho quase negro, uniforme. Os lábios são irregularmente marmoreados de claro. A garganta é clara, com pontuações esparsas. O resto das partes ventrais tem fundo claro, com manchas arroxeadas nas escamas; manchas essas mais densas na face ventral dos membros e da cauda. Os flancos são intermediários entre o dorso e o abdômen.

Na cabeça podem-se encontrar, simultânea ou separadamente, vários tipos de desenho: a) uma faixa clara, bordada de negro, que vai da narina, passando através do olho e acima do ouvido, até os flancos ou mesmo continuando-se na cauda; b) uma faixa clara, bordada de negro, partindo de cada olho e convergindo com sua simétrica na nuca, limitando um triângulo escuro de base anterior; c) no interior desse triângulo às vezes outro, este claro, de base anterior, situada entre os olhos; d) um triângulo branco de vértice anterior no focinho.

Na cauda pode-se ver, além da faixa inferior, continuação daquela dos flancos, outra, latero-dorsal, clara, marginada de negro, ou simplesmente negra.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Só conhecida da localidade tipo.

Coleodactylus guimaraesi Vanzolini, 1956

Coleodactylus guimaraesi Vanzolini, 1956: 8, fig. (Loc. tipo: Pôrto Velho, Rondônia, Exp. DZSP col. DZSP); Wermuth, 1965: 18.

DESCRIÇÃO

Espécie pequena (corpo 23 mm).

Rostral muito grande, com parte superior depressa em ferradura, de borda posterior em dupla curva, incisa; posteriormente duas escamas pequenas medianas em contato com ela; ao lado dessas, duas supra-nasais grandes, formando um "canthus" nítido. Focinho dorsalmente coberto por grânulos grandes e chatos, tornando-se menores, mas ainda chatos, na frente e região parieto-occipital. Grânulos supra-orbitários iguais em tamanho aos da frente, porém mais salientes. Narina entre a rostral, a 1.^a supra-labial, uma post-nasal e uma supra-nasal. Pálpebra triangular, com a parte anterior escamosa e uma pequena área granulosa posterior; a orla é irregular, mas não há acúleo. Ouvido pequeno, irregular. 4 supralabiais, 1.^a e 2.^a grandes, sub-iguais, 3.^a e 4.^a muito pequenas, não alcançando a vertical da margem posterior da órbita; 3 infra-labiais, 1.^a sub-igual à 1.^a e 2.^a supra-labiais, 2.^a pequena, 3.^a quase granular, alcançando o nível da última supra-labial; parte posterior dos lábios ocupada por poucos grânulos chatos. Sinfisal grande, curta, arqueada, posteriormente incisa. Gulares moderadas, lisas, diminuindo rapidamente para trás, sem escamas diferenciadas em contato com a sinfisal.

Escamas dorsais do pescoço granulares, chatas, lisas, justapostas, transformando-se gradativamente nas dorsais, que são filóides, carenadas, imbricadas. Ventrals lisas, imbricadas, mais largas que longas, maiores que as dorsais do tronco; 35 ventrais na linha mediana, entre a transversal anterior da raiz do braço e o ânus; 41 escamas à volta do meio do tronco.

Membro anterior com escamas dorsais, anteriores e posteriores, semelhantes às do dorso, um pouco maiores que elas; face ventral com escamas pouco maiores e mais imbricadas que as abdominais.

Membro posterior com escamas dorsais e anteriores semelhantes às do dorso; ventralmente com escamas iguais às abdominais; face posterior das coxas granulosa.

Estôjo ungueal como na figura 9.

Cauda mutilada; escamas da raiz semelhantes às dorsais, maiores e mais pontudas.

Colorido geral das partes dorsais castanho avermelhado. Focinho com suturas esbranquiçadas. Uma faixa estreita, enegrecida, abraçando a porção vertical da rostral e dirigindo-se ao olho, passando por sobre a narina. Região supra-orbitária enegrecida. Nuca e pescoço indistintamente variegados de negro. Partes ventrais esbranquiçadas, com pequenas manchas negras, raras no ventre, mais densas na garganta; lábio inferior enegrecido. A separação entre o colorido dorsal e o ventral é nítida.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Só conhecida da localidade tipo.

COMENTÁRIO

Agradeço a A. S. Rand por ter chamado minha atenção sobre um engano na descrição original. Registrei dorsais lisas; na verdade, elas são muito indistintamente carenadas na frente, porém têm quilhas distintas do meio do tronco para trás. Dessa maneira, resta como diferença entre *guimaraesi* e *amazonicus* a estrutura do estôjo ungueal e apresenta-se a incômoda hipótese de que a primeira seja apenas um variante da segunda.

Coleodactylus meridionalis (Boulenger, 1888)

Sphaerodactylus meridionalis Boulenger, 1888: 40. (loc. tipo Iguarasse — erro por Iguarassu — Pernambuco, Ramage col. MB).

Coleodactylus meridionalis, Parker, 1926: 300, fig. (Redescricao dos tipos); Amaral, 1937: 168; 1937 a: 1734; Vanzolini, 1957: 2, fig. (S. Miguel, Alagoas; Surumu, Roraima; DZSP); Cunha, 1961: 39; Wermuth, 1965: 18.

DESCRIÇÃO (VANZOLINI, 1957) (ESTAMPA 3)

Espécie pequena, (cabeça e corpo 20 mm, cauda 17 mm); focinho agudo.

Rostral muito grande, com parte horizontal (superior) não depressa, em forma de ferradura, de concavidade voltada para trás, com a margem posterior incisa; concavidade da rostral ocupada por grânulos irregulares. Focinho coberto dorsalmente de grânulos relativamente grandes, chatos, tornando-se mais salientes e menores na frente e região parieto-occipital. Grânulos da região supra-orbitária iguais aos da frente. Narina entre a rostral e 3 post-nasais, escassamente separada da supra-labial. Pálpebra dilatada no alto em aba triangular de vértice lateral, com a parte anterior formada por 3-4 escamas quadrangulares lisas, as medianas maiores; o resto da aba palpebral é formado por grânulos, dos quais os marginais, principalmente no vértice, são mais salientes, não chegando, porém, a formar acúleos. 5 supralabiais, decrescentes, das quais a última ultrapassa de pouco o olho; 3-4 infralabiais, 1.^a enorme, última ao nível da última supralabial; parte posterior dos lábios granulosa. Oviduto redondo, moderado. Sinfisal moderada, posteriormente truncada. Gulares granulosas, as anteriores do mesmo tamanho que os grânulos do focinho, diminuindo rapidamente de tamanho para trás; a escama adjacente à sinfisal na linha mediana é maior que as demais.

Escamas dorsais do pescoço granulares, pequenas, transformando-se gradativamente nas dorsais, que são sub-ciclóides, chatas, lisas, imbricadas. Escamas ventrais uniformes a partir da constrição do pescoço, semelhantes em forma e pouco maiores em tamanho que as dorsais do tronco; 41-45 ventrais na linha mediana, entre a transversal anterior da raiz do braço e o ânus; 41-47 escamas à volta do meio do tronco.

Membro anterior com escamas dorsais e anteriores semelhantes às do tronco, pouco maiores que elas; face ventral com escamas pouco maiores e mais imbricadas que as abdominais; na face posterior uma faixa estreita de grânulos.

Membro posterior com escamas dorsais e anteriores semelhantes e pouco maiores que as dorsais do tronco, decrescendo distalmente; face ventral da coxa e ventral e posterior da perna granulosa.

Dígitos como nas figuras 3 e 10.

Cauda curta, grossa e rombuda, inteiramente coberta de escamas filóides, lisas, imbricadas, um tanto desordenadas na porção basal, mais regulares e um tanto eriçadas na porção terminal.

Colorido geral das partes dorsais castanho-avermelhado.

Cabeça castanha, mais escura que o dorso, com manchas brancas na incisura da rostral e nas suturas labiais superiores e inferiores; uma mancha no focinho, branca, pura ou manchada de negro, mais ou menos trapezoidal, com margem posterior unindo a extremidade anterior das órbitas. Uma mancha clara mais ou menos triangular na região inter-ocular. Uma estria clara post-ocular, evidente ou mais ou menos obsoleta, terminando em uma mancha (de cada lado) em forma de V irregular de vértice posterior, situada à altura do tímpano ou pouco atrás. Uma série de 2-3 manchas brancas pequenas, redondas, de cada lado do pescoço, continuando a série de manchas brancas do lábio.

Dorso do tronco e cauda uniformes, castanho-avermelhados, com pontuações negras irregulares nas escamas.

Garganta e ventre claros, com vermiculações negras irregulares, mais densas na parte posterior do abdomen e muito densas na face ventral do membro posterior e da cauda.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

GUYANA [INGLÊSA]. Serra de Pacaraima (Parker, 1935).

BRASIL. *Roraima*: Surumu (Vanzolini, 1957). *Paraíba*: Mamanguape (DZSP). *Pernambuco*: Igarapé (loc. tipo; DZSP). *Alagoas*: S. Miguel (Vanzolini, 1957). *Bahia*: Buritirama (DZSP).

COMENTÁRIO

É este talvez o caso mais extremo de disjunção geográfica dentre os lagartos sul-americanos. Trata-se de forma que habita o interior da mata, conforme Rand e eu pudemos observar na localidade tipo, onde vimos muitos exemplares e apanhamos alguns. Assim, a explicação (já aventada, Vanzolini, 1957) para a distribuição disjunta, parece ser a substituição, na Amazônia, por *amazonicus* e a sobrevivência nas matas periféricas.

Sphaerodactylus Wagler, 1830

Espécie tipo: *Lacerta sputator* Sparrmann, 1784 (*apud* Barbour, 1921:266). Por designação de Fitzinger, 1843.

- Sphaerodactylus* Wagler, 1830: 143.
Sphaeriodactylus, Gray, 1831: 52. Wiegmann, 1834: 20. Duméril & Bibron, 1836: 401.
Sphaerodactylus, Duméril, Bocourt & Mocquard, 1873: 44. Fitzinger, 1843: 18, 93. Gray, 1845: 168. Boulenger, 1885: 217. Barbour, 1921: 218. Noble, 1921: 1 seq. Burt & Burt, 1933: 10. Underwood, 1954: 476 seq. Wermuth, 1965: 162.

COMENTÁRIO

O conceito do gênero *Sphaerodactylus* data de 1829 e é devido a Cuvier que, na 2.^a edição do Reino Animal, criou o nome vernáculo "Sphérodactyle" para a *Lacerta sputator* de Sparrman.

No ano seguinte Wagler deu forma latina errônea ao nome, incluindo no gênero 3 espécies: a) o *Gecko porphyreus* de Daudin, que Gray (1831: 50) transferiu para *Phyllodactylus*; b) o "Gecko sputateur à bandes" de Lacépède (*L. sputator* Sparrmann); c) uma nova espécie, *S. cinereus*, baseada na figura (pl. 28:2) de Lacépède (1788), do que este chamava uma variedade unicolorida de *sputator*.

Gray (1831) removeu *G. porphyreus* do gênero, mas conservou as duas formas de Lacépède, dando a *sputator* proeminência e apenas citando (sem referência ao nome) o *cinereus* de Wagler.

Duméril & Bibron, na história do gênero (*loc. cit.*: 390), referem-se à sua criação por Cuvier, dizendo que Wagler foi infeliz na transliteração, pois "Sphérodactyle" deveria ser latinizado como *Sphaeriodactylus*, e não *Sphaerodactylus*, que não significa a mesma coisa.

Em 1843, Fitzinger designou expressamente *sputator* como espécie tipo.

Barbour (1921), na sua revisão do gênero, não fez a menor menção à história do mesmo.

DIAGNOSE

Dígitos estreitos, livres; estôjo ungueal assimétrico, com uma placa inferior redonda indivisa, fenda da garra abrindo-se lateralmente; pupila redonda ou sub-elíptica; pálpebra circular, com parte anterior dilatada em aba saliente; acúleo superciliar presente; clavícula dilatada, perfurada.

ELENCO

1. *S. molei* Boettger, 1894 (p. 80) (*apud* Barbour, 1921).
 Loc. tipo: Caparo, Trinidad.
 Distr.: Trinidad; Guiana Inglesa; Venezuela (costa).
 Ref.: Barbour, 1921.
2. *S. scapularis* Boulenger, 1902 (p. 54).
 Loc. tipo: San Javier, NW Equador.
 Distr.: Oeste do Equador e Colômbia. Ilha Gorgona.
 Ref.: Descrição original.

3. *S. venezuelanus* Roux, 1927 (p. 234)
 Loc. tipo: El Mene, Falcón, Venezuela.
 Distr.: Localidade tipo.
 Ref.: Descrição original.

Homonota Gray, 1845

Espécie tipo: *Gymnodactylus Guidichaudi* (por *Gymnodactylus gaudichaudi* Duméril & Bibron, 1835, erroneamente identificada = *Homonota darwini* Boulenger, 1885). Monobásico.

Gymnodactylus Duméril & Bibron, 1836: 418; *partim*.

Homonota Gray, 1845: 171.

Cubina Gray, 1845: 174. Espécie tipo: *Gymnodactylus fasciatus* Duméril & Bibron, 1845.

Gymnodactylus, Burmeister, 1861 1: 309; 2: 522; *partim*. Boulenger, 1885: 23.

Homonota, Boulenger, 1885: 21.

Gymnodactylus, Berg, 1895: 191 (*nec* Spix). Peracca, 1897 b:2. Burt & Burt, 1933: 3.

Homonota, Burt & Burt, 1933: 5.

Wallsaurus Underwood, 1954: 475. Tipo: *Gymnodactylus horridus* Burmeister, 1861, por designação original.

Homonota, Underwood, 1955: 1089. Kluge, 1964: 6 *seq.* (*partim*). Wermuth, 1965: 92; 200 (*partim*).

Gymnodactylus, Wermuth, 1965: 46 (*partim*).

COMENTÁRIO

A situação nomenclatural deste gênero não é líquida, pois é baseado em espécie erroneamente identificada. Com efeito, Gray julgava ter em mãos o *Gymnodactylus gaudichaudii* de Duméril & Bibron, quando tinha em verdade uma espécie nova, que só veio a ser descrita, 40 anos depois, por Boulenger, no Catálogo.

Tais casos são de competência direta da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, único órgão autorizado a resolvê-los. Não resta dúvida, porém, de que o bom senso aconselha a conservar *Homonota* como correntemente entendido.

O arranjo abaixo adotado é o de Kluge (1964), com a diferença de que prefiro conservar *Gymnodactylus gaudichaudii* em *Garthia*. Também deve ser notado que os materiais de *fasciata* e *dorbignii* não são suficientes para que se tenha certeza da situação dessas espécies. Kluge apresenta uma chave.

Wermuth (1965) tomou conhecimento do trabalho de Kluge (1964) apenas em tempo de incluir seu tratamento como apêndice à lista (p. 200), modificando o que havia feito no texto (pp. 92 e 46).

Algumas formas aqui incluídas eram tradicionalmente colocadas em *Gymnodactylus* ou *Wallsaurus*. A transição entre folidose homogênea e

heterogênea é evidente em *borellii* e a uniformidade nos outros caracteres também justifica o presente arranjo.

DIAGNOSE

Gekkoninae. Dígitos não dilatados, sem estôjo ungueal. Ceratobranquial 2 presente. Pupila lobada. Lepidose dorsal homogênea ou heterogênea.

ELENCO

1. *Homonota borellii* (Peracca, 1879)
Gymnodactylus borellii Peracca, 1897 b: 2.
 Loc. tipo: Salta, Argentina (Borelli col.).
 Distr.: Nordeste da Argentina
 Ref.: Kluge, 1964
2. *H. darwinii* Boulenger, 1885 (p. 21, pl. 3: 7)
 Loc. tipo: Port Desire (Puerto Deseado), Gob. Santa Cruz, Argentina (Darwin col.).
 Distr.: Argentina, de Entre Rios à Patagônia, sempre a leste.
 Ref.: Kluge, 1964.
3. *Homonota dorbignii* (Duméril & Bibron, 1836).
Gymnodactylus dorbignii Duméril & Bibron, 1836: 418.
 Loc. tipo: Pampa Ruiz, entre Valle Grande e Pescado, no Rio Grande, Chuquisacá, Bolívia (D'Orbigny col.). v. Kluge, 1964.
 Distr.: Bolívia.? Chile.
 Ref.: Kluge, 1964.
4. *Homonota horrida* (Burmeister, 1861)
Gymnodactylus horridus Burmeister, 1861 1: 309; 2: 522.
 Loc. tipo: Mendoza
 Distr.: Do sul da Bolívia a Mendoza
 Ref.: Kluge, 1964.
5. *Homonota mattogrossensis* (Berg, 1895)
6. *Homonota pasteuri* (Wermuth, 1965) (p. 201)
Gymnodactylus (*G.*) *pasteuri* Wermuth, 1965 (p. 63) *nomen novum* para *G. fasciatus* D. & B.
 Loc. tipo: "Martinique" (Plée col.)
 Distr.: Desconhecida.
 Ref.: Kluge, 1964 (*H. fasciata*)

7. *Homonota underwoodi* Kluge, 1964 (p. 25)
 Loc. tipo: Agua de la Pena, Hogada de Ischigualasto, Depto. Valle Fertil, San Juan, Argentina (Bryan Patterson col.)
 Distr.: Localidade tipo.
 Ref.: Descrição original
8. *Homonota uruguayensis* (Vaz-Ferreira & Soriano, 1961)
9. *Homonota whitii* Boulenger, 1885 (p. 22, pl. 3: 6)
 Loc. tipo: Cosquin, Córdoba, Argentina
 Distr.: Norte da Argentina
 Ref.: Kluge, 1964

ESPÉCIES INCLUÍDAS

Incluo aqui *H. uruguayensis*, que fatalmente será encontrada em território brasileiro, e *H. mattogrossensis*, sobre que tenho sérias dúvidas.

***Homonota uruguayensis* (Vaz-Ferreira & Soriano, 1961)**

Wallsaurus uruguayensis Vaz-Ferreira & Soriano, 1961: 2, figs. (Arroyo de la Invernada, Artigas, Uruguay. Lab. Zool. Vert. Fac. Human. y Ci., Montevideo; Museu de Montevideo). Kluge, 1964: 13, figs. 4 (Los Catalanes, Artigas, BM).

Homonota uruguayensis, Kluge, 1964: 13, figs. 4 (Los Catalanes, Artigas, BM). Wermuth, 1965: 202.

Gymnodactylus uruguayensis, Wermuth, 1965: 68.

DESCRIÇÃO (ADAPTADA DA DESCRIÇÃO ORIGINAL)

Cabeça: Dorsalmente, rostral com 5 lados, algo mais larga que alta, apresentando no vértice superior (em contato com uma única escama internasal entumescida) um sulco que alcança a metade da altura. Labiais superiores: 13 a 15, 7-8 anteriores à constricção sub-ocular. Focinho com escamas penta- e hexagonais uniformes, grandes, entumescidas, decrescendo para trás. Narina em contato com a rostral, 3 escamas diferenciadas e a primeira labial. Cabeça, onde a pele é aplicada sobre o osso, com escamas semelhantes às do focinho, menores, entremeadas de grânulos. Áreas musculares com grânulos muito pequenos e tubérculos quilhados. Região supraorbitária com escamas lisas menores que as da cabeça. Loros com escamas entumescidas, lisas. Aba palpebral com escamas grandes. Do olho para trás grânulos e tubérculos, estes concentrados sobre o tímpano. Sinfisal em bigorna. Infralabiais, 5-6 grandes, seguidas de uma série de indiferenciadas. Duas post-sinfisais grandes, seguidas por algumas escamas que fazem a transição para as gulares, que decrescem até a linha inter-timpânica e crescem daí para trás.

6 fileiras longitudinais de tubérculos dorsais, carenados, separados por grânulos. Escamas dos flancos grandes, carenadas, semelhantes aos tubérculos dorsais, imbricadas. Ventrais lisas, imbricadas, maiores na união do terço médio com o terço posterior do abdomen.

As escamas do corpo geralmente denticuladas na margem posterior.

Raiz da cauda com escamas grandes, carenadas, imbricadas; no demais da superfície dorsal, escamas grandes, lisas. Ventralmente, na base 9 fileiras de escamas lisas, imbricadas, de bordo posterior denticulado; depois 3 pares de escamas grandes, lateralmente imbricadas; distalmente uma série mediana de escamas muito alargadas, e séries laterais de escamas grandes, lisas, subtriangulares.

Escamas dorsais do membro anterior carenadas, imbricadas, com margem livre denticulada, diminuindo de tamanho distalmente; o mesmo na margem posterior do membro, carenas mais fracas ou ausentes na margem anterior; superfície ventral granulosa. Lamelas simples, sub-quadradas.

Foldose do membro posterior semelhante à do anterior, com uma área granulosa na linha de flexão tarsal. Lamelas simples, maiores proximalmente, terminal chanfrada.

Cabeça dorsalmente castanho claro com manchas mais escuras, irregulares. Corpo castanho acinzentado, com manchas escuras ou esbranquiçadas. Cauda mais maculada que o dorso. Uma faixa escura da narina à órbita e a um ponto acima do tímpano. Labiais com centro mais escuro. Uma faixa escura pouco evidente, nascendo na axila e se perdendo no flanco. Gula cinzenta rósea, com labiais mais escuras. Ventre cinza róseo mais escuro. Abundantes pontuações negras ventrais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

URUGUAY. *Artigas*: Arroyo de la Invernada (loc. tipo); Los Catalanes; entre Artigas e Punta del Cuaró Chico; Sepulturas (Vaz-Ferreira & Soriano, 1961). Barra del Jacaré; Gruta del Chiflero, Quinta Tres Cruces Grande (Kluge, 1964). *Tacuarembó*: Puntas del Arroyo Laureles; Pozo Hondo, Tambores; Costas del Arroyo Laureles (Vaz-Ferreira & Soriano, 1961). Rincón de la Basura (Kluge, 1964). *Rivera*: Sem mais dados (Kluge, 1964).

Homonota mattogrossensis (Berg, 1895)

Gymnodactylus mattogrossensis Berg, 1895: 192, fig. 2. Mato Grosso (Koslowsky col. Museu de Buenos Aires). Burt & Burt, 1933: 4. Amaral, 1937: 4. 1937 a: 1734. Liebermann, 1939: 64 (Chaco; La Rioja; Catamarca).

Homonota horrida, Kluge, 1964: 16 (*partim*).

COMENTÁRIO

Esta espécie é duvidosa e é aqui mantida a título precário. A distribuição dada por Liebermann faz-me duvidar da procedência do tipo.

Kluge (1964) sinonimiza esta espécie com *H. horrida*, mas com base apenas na descrição, o que é plausível, mas prematuro.

Não é possível concordar com o raciocínio de Kluge sobre a restrição da localidade tipo à cidade de Mato Grosso com base apenas na distribuição de uma suposta "Tropical Deciduous Forest", como mapeada por Smith & Johnson (1945).

DESCRIÇÃO (TRADUÇÃO DA DESCRIÇÃO ORIGINAL)

"Quanto ao colorido, desenhos e aspeto geral, esta espécie é muito parecida com a figura que dá Boulenger do *Gymnodaetklus horridus* Burm., mas se distingue muito desta espécie pela cabeça mais larga e achatada, pela estrutura e configuração das placas e escamas dos diversos órgãos, pelo número e forma dos escudos labiais, etc.

O corpo é superiormente castanho pardacento ou fuliginoso, adornado de faixas transversais esbranquiçadas ou amareladas; destas há: uma occipital, arqueada, que começa atrás do olho; outra mais larga e mais curta no princípio da parte dilatada da nuca; uma no pescoço, imediatamente adiante dos membros anteriores; quatro ou cinco no corpo, das quais as penúltimas irregulares ou incompletas, e a última está sobre os membros posteriores. As quatro faixas sub-anulares da cauda são mais largas que as do corpo, havendo, ademais, na cauda, linhas esbranquiçadas esmaecidas. Os membros são igualmente adornados por faixas esbranquiçadas, pouco evidentes, porém. A parte inferior de todo o corpo é brancacenta.

A cabeça é medianamente alargada e deprimida, e a nuca entumescida, formando, adiante do pescoço propriamente dito, uma dilatação sub-triangular. O espaço entre o olho e o focinho é algo maior que a largura do espaço inter-ocular e a distância entre o olho e o tímpano. O olho subcircular caberia 1 1/2 vezes no rosto, e o orifício auricular quase duas vezes no diâmetro do olho. O orifício nasal encontra-se entre a placa rostral, a primeira nasal e as nasais. Há 9-10 placas supralabiais, das quais as 3 últimas muito pequenas, e 7 infralabiais; tôdas são pouco elevadas e suas matrizes mostram uma mancha central parda. A sinfisa é trapezóide e plana, seguindo-se a ela 2 pentagonais ou hexagonais e após 4 ou 5, e assim sucessivamente outras menores e também planas, que pouco a pouco diminuem de tamanho e se confundem com os pequenos escudos granulares da parte anterior da garganta (fig. 2). Os escudos cefálicos são em geral pentagonais e bastante convexos; por causa da matriz pardacenta no centro, parecem manchados ou verrucosos, ao passo que, na realidade são lisos; aquêles da parte occipital se acham entremeiados de outros muito maiores e elevados, subcirculares ou ovais e subtectiformes. A ruga entumescida apresenta, além dos grânulos, outros maiores, cujo centro é tectiforme, com a parte posterior abrupta.

O tronco é coberto por pequenas placas ou escamas algo côncavas, com margens um tanto espessadas e o centro às vezes carenado, que se sobrepõem em parte, e por outras grandes, sub-triangulares, altamente carenadas no centro, formando cerca de doze fileiras longitudinais. As

escamas dos flancos são em parte carenadas, e as do ventre (em cerca de 18 séries) lisas.

A cauda tem mais ou menos a configuração e estrutura da de *Gymnodactylus horridus* Burm.: dorsalmente, na metade basal, entre cada secção de 4-5 séries transversais de escamas côncavas, pequenas, há um verticilo constituído geralmente por duas séries de escamas carenadas, semelhantes às grandes do tronco; a metade terminal é coberta de escamas alargadas e lisas.

Os membros anteriores têm as escamas pouco carenadas, sendo as da parte inferior do braço, como em todos os congêneres, muito pequenas; os posteriores têm muitas escamas grandes e carenadas. Os dedos são delgados, algo comprimidos e com pequenas escamas bem desenvolvidas. A perna adpressa anteriormente não alcança o ombro. Não existem poros femurais nem anais”.

Garthia Donoso-Barros & Vanzolini, 1965

Espécie tipo: *Gymnodactylus gaudichaudii* Duméril & Bibron, 1836. Por designação original.

Garthia Donoso-Barros & Vanzolini, in Donoso-Barros, 1965: 3. Donoso-Barros, 1965 a: 1 (republicação do trabalho anterior).

Garthia Vanzolini & Donoso-Barros, 1966: 129. Espécie tipo: *Gymnodactylus gaudichaudii* Duméril & Bibron, 1836.

COMENTÁRIO

Estava em impressão o trabalho de Vanzolini & Donoso-Barros (1966), quando o segundo desses autores publicou (1965) e republicou (1965a) uma nota de divulgação sobre o novo gênero, contendo dados que podem ser considerados como diagnósticos. Quaisquer que sejam as dúvidas que se possa nutrir sobre a sensatez da publicação de Donoso-Barros, nenhuma cabe quanto à sua validade nomenclatural. Assim, *Garthia* Vanzolini & Donoso-Barros, 1966, é, ao mesmo tempo, sinônimo e homônimo de *Garthia* Donoso-Barros & Vanzolini, 1965.

DIAGNOSE

Gekkoninae. Dígitos não dilatados, com estôjo ungueal simples. Ceratobranquial 2 presente. Pupila lobada. Lepidose dorsal homogênea, granular.

ELENCO

Garthia gaudichaudii (Duméril & Bibron, 1836)

Gymnodactylus gaudichaudii Duméril & Bibron, 1836: 413.

Loc. tipo: Coquimbo, Chile.

Distr.: Chile, províncias de Aconcagua, Coquimbo, Atacama, Antofagasta.

Ref.: Vanzolini & Donoso-Barros, 1966.

Gymnodactylus Spix, 1825

Espécie tipo: *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825. Monobásico.

Gymnodactylus Spix, 1825: 17.

Stenodactylus Fitzinger, 1826: 13, 47;

Gymnodactylus Wagler, 1830: 144;

Cyrtodactylus Gray, 1831: 52; *partim*.

Gymnodactylus Duméril & Bibron, 1836: 408;

Gonyodactylus (*Dasyderma*) Fitzinger, 1843: 18, 92.

Gymnodactylus (*Gymnodactylus*), Fitzinger, 1843: 18, 90. (*nec* Spix, 1825, *partim*).

Cubina Gray, 1845:175;

Gymnodactylus, Gray, 1845: 176. Boulenger, 1885: 22; *partim*. Burt & Burt, 1933: 3 (*partim*). Amaral, 1937: 169; *partim*. Amaral, 1937 a: 1734 (*partim*). Vanzolini, 1953 a: 225 seq. Underwood, 1954: 474.

Gymnodactylus (*Gymnodactylus*), Wermuth, 1965: vii, 46 seg.

COMENTÁRIO

Até a publicação do trabalho de Underwood (1964) o gênero *Gymnodactylus* vinha recebendo dos autores amplitude indevida. Trata-se, felizmente, de um gênero monobásico, criado para a espécie brasileira *G. geckoides* por Spix em 1825.

Já em 1828, Fitzinger, na "Neue Classification", citava a espécie de Spix, colocando-a no gênero *Stenodactylus* juntamente com uma espécie asiática e outra africana. Gray, em suas publicações anteriores ao Catálogo de 1845, incluiu *geckoides* no seu gênero *Cyrtodactylus*. Wagler (1830) conservou *Gymnodactylus* para *geckoides*, adicionando uma espécie australiana.

Duméril & Bibron (1836), na "Erpétologie Générale", negaram a identidade de *geckoides*, que pensavam ser baseada em um exemplar transviado (em coleções) do Mediterrâneo. O seu conceito do gênero era bastante amplo, incluindo praticamente todos os gekkonídeos de dedos livres.

Fitzinger (1843), no "Systema", transferiu *geckoides* para *Gonyodactylus* (*Dasyderma*), fazendo-se tipo a única espécie do subgênero. No sub-gênero *Gymnodactylus* (*Gymnodactylus*) colocou duas espécies americanas (*fasciatus* e *dorbignii*), descritas por Duméril e Bibron em 1836.

Gray (1845), no Catálogo, conservou *geckoides* em *Gymnodactylus* descrevendo outras espécies em *Cubina*, tipo *fasciatus* D. & B.

Boulenger (1885), no grande Catálogo do Museu Britânico, definiu o gênero de forma a incluir espécies do mundo todo. Esse estado de coisas perdurou até que Underwood (1954) separasse o complexo em 4 gêneros: *Gymnodactylus* e *Wallsaurus*, sul-americanos, *Phyllurus* australiano, e *Cyrtodactylus*, de ampla distribuição no Velho Mundo e Pacífico.

Wermuth (1965) preferiu reduzir os gêneros de Underwood a subgêneros. Sem dúvida o grupo é complexo e não se tem um bom estudo de conjunto, de maneira que uma opinião definitiva seria prematura. Puramente por preferência pessoal mantenho o arranjo de Underwood, até que se saiba mais sobre o grupo.

DIAGNOSE

Gekkoninae. Mãos e pés pentadáctilos; dígitos livres, sem dilatações, com lamelas simples na face ventral; a falange distal dos dedos 2 a 5 formando um ângulo pronunciado com a porção basal; garra entre 2 escamas, a inferior entalhada; pupila vertical reta; lepidose dorsal heterogênea, com grânulos e tubérculos.

COMENTÁRIO

Underwood (1954) refere "back with or without large tubercles". *G. antillensis* seria a única forma de lepidose dorsal homogênea. Penso que deva ser removida do gênero e colocada em *Gonatodes*.

Das diversas espécies de *Gymnodactylus* atribuídas à América do Sul, apenas *G. geckoides* (e suas raças) pode ser incluída com certeza no gênero. Utilizo aqui os dados de minha revisão de 1953, confirmados por material visto desde então.

Gymnodactylus g. geckoides Spix, 1825

- Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825: 17, pl. 18: 1. (Loc. tipo: "confinibus Bahiae". Spix & Martius col.). Originalmente em Munich; destruído na guerra. L. Müller, *in litt.*)
- Stenodactylus geckoides*, Fitzinger, 1826: 47.
- Gymnodactylus geckoides*, Wagler, 1830: 144.
- Cyrtodactylus geckoides*, Gray, 1831: 12.
- Gymnodactylus (Dasyderma) spinulosus* Fitzinger, 1846: 18, 92. (*nomen novum*).
- Gymnodactylus geckoides*, Griffin, 1917: 307 (Queimadas e Bom Jesus da Lapa, Bahia. CM).
- Gymnodactylus conspicuus* Amaral, 1932: 57, figs. 9-10 (Localidade tipo, Villa Nova, Bahia, agora Bonfim. Garbe col. DZSP).
- Gymnodactylus geckoides*, Burt & Burt, 1933: 4.
- Gymnodactylus conspicuus*, Amaral, 1934: 189 (Sta. Luzia, Paraíba. Instituto Butantan).
- Gymnodactylus conspicuus*, Amaral, 1935 a: 230 (Custódia, Pernambuco. Instituto Butantan). 1937: 169.
- Gymnodactylus geckoides*, Amaral, 1937: 170. 1937 a: 1734.
- Gymnodactylus conspicuus* Amaral, 1937 a: 1734. 1937 d: 1713 (republicação de Amaral, 1935 a).
- Gymnodactylus geckoides*, Schmidt & Inger, 1951: 450 (Baixa Verde; Ceará Mirim; Extremoz; Natal, Rio Grande do Norte. CNHM).

Gymnodactylus geckoides geckoides, Vanzolini, 1953 a: 252, pl. 1. Wermuth, 1965: 53.

DESCRIÇÃO

Além dos dados da diagnose, mais o seguinte:

Colorido dorsal uniforme, castanho acinzentado, ou marmoreado de negro (Estampa 4). Tubérculos em 12 fileiras (6 de cada lado); 37-46 tubérculos em uma fileira para-mediana; 17-22 fileiras longitudinais de escamas ventrais; 16-20 lamelas ventrais no 4.^o artelho. 46 + x mm; 37 + 51 mm.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Nordeste do Brasil, na caatinga.

BRASIL. *Rio Grande do Norte*: Baixa Verde. Ceará Mirim. Extremoz. Natal (Schmidt & Inger, 1951). *Paraíba*: Sta. Luzia (Amaral, 1934, visto). Piancó (DZSP). *Pernambuco*: Custódia (Amaral, 1935, visto). *Bahia*: Salvador (loc. tipo). Queimadas. Bom Jesus da Lapa (Griffin, 1917). Bonfim (Amaral, 1932, visto). Canudos. Paulo Afonso (Vanzolini, 1953a).

Gymnodactylus geckoides amarali Barbour, 1925

Gymnodactylus amarali Barbour, 1925: 101 (Loc. tipo: Engenheiro Dodt, Sta. Filomena, Alto Rio Parnaíba, Piauí. MCZ).

Gymnodactylus amarali, Barbour & Loveridge, 1929: 271.

Gymnodactylus conspicuus, Amaral, 1935b: 242. (*nec* Amaral, 1932) (Cana Brava e Barra do Rio São Domingos, Goiás. Inst. Butantan).

Gymnodactylus amarali, Amaral, 1935b (Cana Brava, Goiás. Inst. Butantan). 1937: 169. 1937 a: 1734.

Gymnodactylus conspicuus, Amaral, 1937 c: 1721 (*nec* Amaral, 1932) (republicação de Amaral, 1935 b).

Gymnodactylus amarali, Amaral, 1937 c: 1721 (republicação de Amaral, 1935 b).

Gymnodactylus geckoides amarali, Vanzolini, 1935 a: 255, pl. 2: 2-3. Wermuth, 1965: 53.

DESCRIÇÃO

Além dos dados já referidos:

Colorido uniforme, marmoreado ou apresentando ocelos escuros de orla mais ou menos completa e centro mais claro. (Estampa 4). 12 a 16 fileiras de tubérculos dorsais; 32-43 tubérculos em uma fileira para-mediana; 19-24 fileiras longitudinais de escamas ventrais; 13-19 lamelas ventrais no 4.^o artelho. 49 + x mm; 40 + 46 mm.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Meio-norte e Brasil central, no cerrado.

BRASIL. *Maranhão*: Carolina (DZSP). *Piauí*: Engenheiro Dodt (loc. tipo). *Goiás*: Piauís (Vanzolini, 1953 a). Cana Brava. Barra do

Rio São Domingos (Amaral, 1932, vistos). Alvorada (DZSP). *Mato Grosso*: São Domingos, Rio das Mortes (Vanzolini, 1953 a). *Bahia*: Os Gerais, vale do Rio Branco (DZSP).

***Gymnodactylus geckoides darwinii* (Gray, 1845)**

Cubinia (Cubina) Darwinii Gray, 1845: 274 (Loc. tipo: Rio de Janeiro, Gb, restrita por Vanzolini, 1953. Darwin col. BM).

Gymnodactylus girardi Steindachner, 1869: 15 pl. 2: 3-3 a. (Loc. tipo: desconhecida. "Novara" col. Museu de Viena).

Gymnodactylus geckoides, (nec Spix, 1825), Boulenger, 1885: 39. Travassos & Freitas, 1949: 626 (Sooretama, Espírito Santo).

Gonatodes helgae Amaral, 1950: 281 (Loc. tipo: Ilha de São Sebastião, São Paulo. H. Urban col. DZSP).

Gymnodactylus geckoides darwinii, Vanzolini, 1953: 73 (Sinon.). Vanzolini, 1953 a: 256, pl. 2: 1. Wermuth, 1965: 53.

DESCRIÇÃO

Além dos dados já referidos:

Colorido fundamental das partes dorsais castanho rufo, com marmorizações negras mais ou menos distintas (Estampa 4). Na região parietal há uma série de linhas negras concêntricas, irradiando da extremidade posterior das órbitas. A mais posterior dessas linhas, que é também a mais nítida, atinge a nuca, formando uma distinta marca em forma de U, negra, mais ou menos distintamente marginada de claro. 12-16 fileiras de tubérculos em uma fileira para-mediana; 13-16 fileiras longitudinais de escamas ventrais; 12-16 lamelas ventrais no 4.º artelho. 55 + 65 mm.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Mata atlântica, da Bahia até o litoral norte de São Paulo.

BRASIL. *Bahia*: Ilhéus (DZSP). *Espírito Santo*: Sooretama (Travassos & Freitas, 1949). Sta. Leopoldina (Vanzolini, 1953 a; MCZ). *Minas Gerais*: Sereno (Vanzolini, 1953 a). *Rio de Janeiro*: Austin. Angra dos Reis (Vanzolini, 1953 a). Itaguaí (DZSP). *Guanabara*: Rio de Janeiro (Vanzolini, 1953 a). *São Paulo*: Ilha de São Sebastião (loc. tipo de *G. helgae*, visto; DZSP). Caraguatatuba. Ilha dos Búzios. Ilha Vitória. Jetuba. Praia de Boracéia. (DZSP).

COMENTÁRIO

Ao conceituar esta forma como subespécie, baseei-me apenas na semelhança morfológica e na alopatría. Não há certeza de que intergrade com *G. geckoides*.

***Phyllopezus* Peters, 1877**

Espécie tipo: *Phyllopezus goyazensis* Peters, 1877 (= *Thecadactylus pollicaris* Spix, 1825).

Thecadactylus, Spix, 1825: 17. (*nec* Oken, 1817).
Phyllopezus Peters, 1877 a: 415, fig. Boulenger, 1885: 145. Burt & Burt, 1933: 9. Amaral, 1937: 171. Amaral, 1937 a: 1734. Vanzolini, 1953 d: 353, Underwood, 1954: 479. Hellmich, 1960: 19.

DIAGNOSE

Gekkoninae. Membros pentadáctilos. Todos os dígitos dotados de unhas. Falanges proximais dilatadas, ventralmente revestidas de lamelas íntegras (fig. 6). Falanges distais comprimidas, implantadas na face dorsal da dilatação proximal. Lepidose dorsal heterogênea, com tubérculos irregularmente disseminados entre grânulos. Lepidose dorsal da cauda homogênea. Pupila lobada. Poros ausentes.

***Phyllopezus pollicaris pollicaris* (Spix, 1825)**

Thecadactylus pollicaris Spix, 1825: 17 pl. 18: 2. (Loc. tipo: "Sylvis interioris Bahiae campestribus". Spix & Martius col. Museu de Munich).

G. [ecko] mabouia, Cuvier, 1829: 54, 55 (roda-pé).

Platydactylus pollicaris, Schlegel, 1858: 15 (Müller & Brongersma, 1933).

Phyllopezus goyazensis Peters, 1877: 411, 414. 1877 a: 415, fig (Loc. tipo: Estado de Goiás. Behn col. Museu de Berlim).

Hemidactylus mabouia, Boulenger, 1885: 122; (*partim*: inclui entre os sinônimos).

Phyllopezus goyazensis, Boulenger, 1885: 145. Hoffmann, 1890: 1202. Goeldi, 1902: 512, Griffin, 1917: 307 (*partim*; São João del Rey Minas Gerais. Carnegie Museum).

Phyllopezus pollicaris, Müller & Brongersma, 1933: 156 seq. (Revisão dos tipos). Burt & Burt, 1933: 9.

Platydactylus Spixii Schlegel, *in* Müller & Brongersma, 1933: 1 (Nome proposto em MS, fac-símile publicado por Müller & Brongersma).

Phyllopezus pollicaris, Amaral, 1935: 243 (Rio Pandeiro, Minas Gerais; Cana Brava e Barra do Rio São Domingos, Goiás. Instituto Butantan).

Phyllopezus p. pollicaris, Amaral, 1937: 171.

Phyllopezus pollicaris, Amaral, 1937 a: 1734. 1937 c: 1721 (republicação de Amaral, 1935). Themido, 1945: 3. ("Brasil". Museu de Coimbra).

Phyllopezus p. pollicaris, Vanzolini, 1953 c: 354, pls. 1-2. Gans, 1960: 308. (Rio Reto). Wermuth, 1965: 147.

DESCRIÇÃO (VANZOLINI, 1953 c) (ESTAMPA 5)

"Corpo espesso, membros curtos e fortes. Cabeça achatada, olhos muito grandes. Cauda pouco mais longa que o corpo. 75 + 95 mm.

Rostral muito larga, medianamente incisa na margem superior. Narina entre a rostral, a 1.^a supra-labial, 2 post-nasais aumentadas e 1 supra-nasal grande, entumescida, em contato com a sua simétrica. Grâ-

nulos do focinho grandes, lisos, maiores lateralmente, bem menores no tampo da cabeça. 7 a 10 supra-labiais, não ocupando todo o lábio superior; entre elas e os grânulos do focinho, uma série de escamas poligonais pequenas, alcançando o meio da órbita. 6-9 infra-labiais, ultrapassando posteriormente a última supra-labial, mas também não ocupando todo o lábio. Rima bucal com curva sigmóide, achatada, na sua porção posterior. Tímpano grande, oblíquo para trás e para cima, com um esbôço de franja marginal, cercado de tubérculos esparsos, redondos, lisos, pequenos, irregularmente dispostos. Sinfisal grande, pentagonal de base anterior, seguida de 2 post-sinfisais grandes, em contato ou (raramente) pouco separadas na linha mediana. Atrás destas duas post-sinfisais, uma série transversal de 3-6 escamas variáveis, das quais a mediana, muito maior que as companheiras, parcialmente se insinua entre as post-sinfisais anteriores. Grânulos da garganta pequenos, lisos, justapostos, sendo maiores aqueles que ficam em contato com as infra-labiais.

Lepidose dorsal (da região parietal à raiz da cauda) com grânulos pequenos, menores que os do focinho e garganta, mais ou menos regulares, lisos, justapostos. Entre eles tubérculos esparsos, mais ou menos cônicos, lisos ou fracamente carenados, de tamanho variável e disposição irregular. Escamas ventrais sub-hexagonais ou cicloides, lisas, imbricadas; 28-33 escamas na linha médio-ventral. A transição entre os grânulos dorsais e as escamas ventrais é brusca. Dorso dos membros anteriores coberto de grânulos iguais aos do focinho; face ventral com grânulos menores. Face dorsal dos membros posteriores com grânulos iguais aos dorsais, que passam gradativamente na face anterior a escamas semelhantes às ventrais, que ocupam parte da face inferior da coxa, cuja parte posterior é ocupada por grânulos, sendo a transição abrupta. Falanges proximais dilatadas, sendo as do pollex e hallux (os dígitos menores) menos que as demais; as margens dessas dilatações basais são revestidas por uma série de escamas sub-denticuladas. Lamelas ventrais das falanges basais inteiras, curvas (convexidade voltada para trás), em número de 9 a 13 no 4.º artelho. Falanges distais emergindo da face dorsal da última proximal, comprimidas, curvas, ungueadas.

Cauda íntegra dorsalmente revestida de escamas lisas, sub-quadrangulares, imbricadas, formando fileiras transversais mais ou menos regulares. Escamas ventrais da cauda maiores que as dorsais (3:1 de comprimento), quase todas as da fileira mediana fortemente dilatadas transversalmente.

Os exemplares menores (até 40 mm de comprimento corporal) apresentam no dorso uma nítida série de barras transversais escuras sobre o fundo claro; essas barras se continuam na cauda. Na cabeça há uma faixa lateral que parte do lóro, passa através do olho, por cima do tímpano e atinge a altura da axila, unindo a extremidade lateral das 3-4 barras dorsais anteriores. O dorso da cabeça e membros é indistintamente variegado. As partes ventrais são claras, imaculadas.

Com o crescimento, o colorido fundamental do dorso vai escurecendo, e as barras se tornando menos nítidas; na região vertebral vai-se tornando mais evidente uma faixa longitudinal clara.

Nos adultos grandes o dorso é plúmbeo, com vestígios de barras confluentes e uma distinta linha vertebral clara. A faixa lateral do focinho, bem como o colorido dos membros, cauda e partes ventrais, pouco ou nada mudam durante a vida do animal.”

NOTA SÔBRE A ONTOGENÊSE

Os tubérculos ad-anais não aparecem em exemplares de 40 mm ou menos de comprimento corporal. Sua presença é constante nos indivíduos de 55 mm ou mais. Ela coincide sempre com a presença de colorido tipo adulto (v. supra).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

BRASIL. *Maranhão*: Aldeia do Ponto (DZSP). *Paraíba*: Piancó (DZSP). *Bahia*: “Interior” (loc. tipo); Paulo Afonso (Vanzolini, 1953 c). *Buritirama* (DZSP). *Goiás*: Cana Brava. Barra do Rio São Domingos (Amaral, 1935, vistos). *Minas Gerais*: São João del Rey (Griffin, 1917); Rio dos Pandeiros (Amaral, 1935, visto).

***Phyllopezus pollicaris przewalskii* Koslowsky, 1895**

- Phyllopezus goyazensis* (nec Peters, 1877), Peracca, 1895: 2 (Rio Apa. Museu de Torino). Boulenger, 1895: 722.
- Phyllopezus przewalskii* Koslowsky, 1895: 371, pl. (Loc. tipo: Descalvado, Mato Grosso. Museu de La Plata).
- Phyllopezus goyazensis*, (nec Peters, 1877), Boulenger, 1897: 20 (Reduz *Ph. przewalskii* à sinonímia de *goyazensis*). Peracca, 1897: 3 (Missão de São Francisco, Chaco boliviano. Museu de Torino).
- Phyllopezus przewalskii*, Koslowsky, 1898: 166 (Corrientes. Museu da Univ. de Buenos Aires).
- Phyllopezus goyazensis* (nec Peters, 1877), Schenkel, 1902: 181 (Paraguay”. Museu de Basileia). Peracca, 1904: 2 (Urucum; Carandazinho; Corumbá, Mato Grosso. Museu de Torino). Werner, 1910: 7 (Puerto Max, Paraguay. Museu de Hamburgo).
- Phyllopezus goyazensis*, Griffin, 1917: 307; *partim* (Puerto Suarez, Bolivia. Carnegie Museum).
- Phyllopezus goyazensis* (nec Peters, 1877), Mertens, 1929: 59 (Villa Montes, Alto Pilcomayo, Bolivia. Museu de Senckenberg).
- Phyllopezus pollicaris*, Müller & Brongersma, 1933: 160; Burt & Burt, 1933: 9.
- Phyllopezus przewalskii*, Amaral, 1937 a: 1734. Liebermann, 1939: 64.
- Phyllopezus pollicaris przewalskii*, Vanzolini, 1953 c: 358. Gans, 1960: 308 (Bolívia, Sta. Cruz de la Sierra: El Carmen; Roboré; El Portón; San José de Chiquitos. Tarija: Villa Montes. Carnegie Museum). Hellmich, 1960: 19 (Bolívia, Sta Cruz de la Sierra: San José; San Ramón; Buena Vista; Tarija: Villa Montes. Paraguay, Concepción: Centurión. Museu de Munich). Wermuth, 1965: 147.

DIAGNOSE

Semelhante a *p. pollicaris*, com as seguintes diferenças:

1. Número menor de escamas ventrais (26-29), ou seja, ventrais maiores.
2. Número menor de lamelas ventrais no 4.º artelho (8-11).
3. Os tubérculos ad-anais nos adultos não são constantes.

COMENTÁRIO

Pensei originalmente (Vanzolini, 1953 c), que os tubérculos ad-anais fossem ausentes nesta forma, como também Koslowsky ao conceituá-la. Hellmich (1960) demonstrou que isso não é sempre verdade, mas confirmou (como também Gans, 1960) que os caracteres merísticos separam duas raças.

Este é, ao que eu saiba, o primeiro caso claro de diferenciação transversal ao longo da faixa de cerrados brasileiros.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

BRASIL. *Mato Grosso*: Descalvado (loc. tipo). Urucum. Carandá-zinho (Peracca, 1904). Corumbá (Peracca, 1904; Vanzolini, 1953 c). Rio Aricá. Guaicurus (Vanzolini, 1953 c).

PARAGUAY. *Concepción*: Río Apa (Peracca, 1895). Puerto Max (Werner, 1910). Centurión (Hellmich, 1960).

BOLÍVIA. *Santa Cruz de la Sierra*: San Francisco (Peracca, 1897). Puerto Suarez (Griffin, 1917). El Carmem. El Portón. Roboré (Gans, 1960). San José de Chiquitos (Gans, 1960; Hellmich, 1960). San Ramón; Buena Vista (Hellmich, 1960). *Tarija*: Villa Montes (Mertens, 1924; Hellmich, 1960).

Bogertia Loveridge, 1941

Espécie tipo: *Bogertia lutzae* Loveridge, 1941, por designação original.

Bogertia Loveridge, 1941: 195. Underwood, 1954: 478. Wermuth, 1965: 10.

DIAGNOSE

Dígitos providos de unhas, pés pentadáctilos, mãos tetradáctilas ou com polegar muito rudimentar. Falanges proximais dilatadas, inferiormente revestidas de lamelas simples, em forma de V aberto, às vezes incisadas medianamente; falanges distais comprimidas, implantadas aquém da borda distal da dilatação basal. Lepidose dorsal e ventral granulares, homogêneas. Cauda mais curta que o corpo, com escamas dorsais pequenas, imbricadas, em fileiras transversais, e ventrais medianas alargadas. Pupila lobada. Poros pré-anais ausentes.

Bogertia lutzae Loveridge, 1941

Bogertia lutzae Loveridge, 1941: 190. (Loc. tipo: Pituba, Salvador, Bahia Bertha Lutz col. MCZ e MNRJ). Wermuth, 1965: 10.

DESCRIBÇÃO

Focinho muito longo e achatado. Ôlho grande, pupila lobada. Membros curtos e espessos. Cauda curta. 57 + 47 mm.

Focinho coberto de grânulos lisos, decrescendo posteriormente em tamanho. Rostral alta, de margem posterior mais ou menos curva para a frente, medianamente incisa. Narina entre a rostral, a primeira supra-labial, duas post-nasais e uma supra-nasal, separada totalmente ou em parte de sua simétrica por grânulos medianos. Ouvido em fenda estreita, oblíquo para trás e para cima. Parte lateral estrema da rima bucal recurva para cima. 9-10 supra-labiais, separadas dos grânulos do focinho por uma fileira de escamas poligonais lisas. 8-9 infra-labiais. Sinfisal grande, com ponta para trás, seguida de 2 séries de escamas ovóides irregulares, lisas. Gulares granulares, lisas, muito pequenas.

Grânulos dorsais iguais aos da parte média do focinho, lisos, justapostos. Ventrais granulares, lisas, maiores e mais chatas do que os grânulos do dorso, um pouco maiores e semi-imbricadas na parte média do abdômen.

Lepidose dos membros semelhante às do dorso e ventre, respectivamente.

Mãos com 4 dedos grandes, dotados de unhas; polegar às vezes presente, rudimentaríssimo. Pés pentadáctilos, sendo o 1.º artelho muito reduzido, adpresso ao 2.º, dotado, porém, de unha. Falanges proximais muito dilatadas, com 9-11 lamelas inferiores, largas, em forma de V muito aberto, às vezes parcial e levemente incisadas. Falanges distais emergindo da superfície superior das proximais, curtas, recurvas.

Escamas dorsais da cauda pequenas, lisas, sub-hexagonais, imbricadas, dispostas em fileiras transversais bastante regulares. Escamas infero-medianas da cauda transversalmente dilatadas.

Colorido: Partes dorsais variegadas de cinzento sujo e de castanho escuro, uma ou outra cor predominando. Focinho com 2 a 3 faixas estreitas longitudinais, convergindo para a frente; a mais lateral dessas faixas vai da narina à têmpora, passando pelo meio do ôlho. Abaixo desta faixa uma outra, menos distinta, indo do ôlho ao tímpano. Lábios castanhos.

Partes ventrais branco-acinzentadas, com finíssimas pontuações negras.

COMENTÁRIO

Loveridge, em sua descrição original, assinala a presença de um rudimento de polegar como caráter sexual secundário, próprio à fêmea. Dos exemplares que pude examinar, apenas 1 macho o apresenta.

DISTRIBUIÇÃO

BRASIL. *Bahia*: Arredores de Salvador (loc. tipo; DZSP). *Per-nambuco*: Igarapé (DZSP).

Briba Amaral, 1935

Espécie tipo: *Briba brasiliana* Amaral, 1935 por designação original.

Briba Amaral, 1935: 253. 1937: 168. 1937 a: 1733. 1937 b: 1701 (republicação de Amaral, 1935). 1954: 480. 1955: 1809. Wermuth, 1965: 10.

DIAGNOSE

Gekkoninae. Membros pentadáctilos, falanges distais do primeiro dedo e primeiro artelho rudimentares. Falanges proximais dilatadas, inferiormente revestidas por uma fileira dupla de lamelas. Falanges distais comprimidas, curtas, emergindo de dentro da face superior das falanges basais. Lepidose dorsal heterogênea. Cauda intacta segmentada, cada segmento com um anel de tubérculos aculeados. Cauda regenerada muito dilatada na base, de lepidose homogênea, granular. Pupila lobada. Poros pré-anais no macho.

Briba brasiliana Amaral, 1935

Briba brasiliana Amaral, 1935: 253. Figs. 4-7. (Loc. tipo: Rio Pandeiros, Minas Gerais. Inst. Butantan). 1937: 168. 1937 a: 1733. 1937 b: 1701, figs. 1-2 (republicação de Amaral, 1935). Wermuth, 1965: 10.

DESCRIÇÃO

Corpo espesso, membros curtos, cauda curta e grossa. Cabeça larga, focinho obtuso e curto. 50 + 33 mm.

Cabeça coberta dorsalmente por grânulos chatos, maiores no focinho, muito menores no tampo da cabeça, onde se vêem pequenos tubérculos esparsos. Rostral muito larga, medianamente incisa, seguida por uma fileira transversal de 4 escamas, das quais as laterais são as supra-nasais. Narina entre a rostral, duas post-nasais, das quais a inferior a separa parcial ou totalmente da primeira labial, e uma supra-nasal. 8-10 supra- e 7-9 infra-labiais, que não atingem a comissura; porção lateral dos lábios revestida de grânulos. Pupila vertical. Ouvido pequeno, arredondado. Sinfisal grande, triangular; 2 post-sinfisais arredondadas, tocando-se na linha mediana. Uma série irregular de gulares maiores, lisas, em contato com as infra-labiais; garganta coberta de minúsculos grânulos lisos.

Superfície dorsal do tronco e membros coberta de pequenos grânulos, lisos ou com 1 ou mais carenas; entre êles tubérculos moderados, cônicos, estriados, quase dispostos em fileiras. Ventrais do tronco e membros lanceoladas, pequenas, lisas, imbricadas. Poros pré-anais no macho, formando um ângulo de vértice anterior na região pré-anal; em número de 8 (4 exs.) ou 9 (1 ex.).

Dedos com falanges basais fortes, dilatadas, com lamelas inferiores duplas; em número de 7 a 9 no 4.º artelho. Falanges distais muito curtas, comprimidas, terminando em garra. Falanges distais do polegar e hallux rudimentares, reduzidas a uma fileira levantada de escamas, sem garra.

Cauda intacta apresentando segmentos cilíndricos, cada um dos quais mostra uma coroa de tubérculos cônicos de base estreita, variando de erectos a procumbentes. A fratura da cauda dá-se em um nível ótimo, muito mais estreito que a parte regenerada, que atinge largura muito grande (lembrando *Thecadactylus*). Cauda, tanto intacta quanto regenerada, bastante mais curta que o corpo.

Colorido: Partes dorsais plúmbeas, mais ou menos distintamente marmoreadas de mais claro. Uma nítida estria clara da narina à escápula, passando pelo olho. Lábios maculados de castanho. Garganta imaculada. Partes ventrais do tronco e membros esbranquiçadas, finamente pontuadas de negro. Cauda acastanhada, com pares de manchas brancas, freqüentemente confluentes, na face ventral de segmentos alternados.

DISTRIBUIÇÃO

BRASIL. *Minas Gerais*: Rio Pandeiro [dos Pandeiros] (loc. tipo). Jatobá (DZSP).

Hemidactylus Oken, 1817

Espécie tipo: Vide discussão abaixo.

Hemidact. [*ylus*] Oken, 1817: col. 1183.

Hemidactylus, Gray, 1825: 199. Fitzinger, 1826: 13. Gray, 1827: 55.

Wagler, 1830: 142. Gray, 1831: 50. Wiegmann, 1834: 20. 1835: 236. Duméril & Bibron, 1836: 344.

Boltalia Gray, 1842: 58.

Hoplopodion (*Microdactylus*) Fitzinger, 1843: 19, 104.

Hoplopodion (*Onychopus*) Fitzinger, 1843: 19, 103.

Hemidactylus (*Hemidactylus*), Fitzinger, 1843: 19, 104.

Hemidactylus (*Tachybates*), Fitzinger, 1843: 19, 105.

Hemidactylus (*Pnoepus*) Fitzinger, 1843: 19, 106.

Valernesia Gray, 1845: 156.

Doryura Gray, 1845: 150.

Leiurus Gray, 1845: 157 (*nec* Hemprich & Ehrenberg, 1829).

Nubilila Gray, 1845: 273.

- Hemidactylus*, Duméril & Duméril, 1851: 38. A. Duméril, 1856: 459.
Leiurus Cope, 1862: 32 (*nec* Ehrenberg & Hemprich, 1828), (*apud* Loveridge, 1947).
Teratolepis Günther, 1869: 504.
Hemidactylus, Boulenger, 1885: 113.
Bunocnemis Günther, 1894: 85.
Hemidactylus, Burt & Burt, 1933: 4.
Lophopholis M. A. Smith & Deranyiagala, 1934: 235.
Hemidactylus, M. A. Smith, 1935: 83. Amaral, 1937: 170. 1937 a: 1734.
Aliurus Dunn & Dunn, 1940: 11.
Hemidactylus, Loveridge, 1947: 95. Amaral, 1949: 108. Underwood, 1954: 479. Wermuth, 1965: 69.

COMENTÁRIO

A situação nomenclatural deste gênero é muito confusa, pois a espécie tipo formal não passa de uma "species inquirenda", não estando afastada a possibilidade de que pertença a outro gênero. Procuro analisá-la, com base em meus próprios recursos bibliográficos e em esclarecimentos fornecidos por A. Loveridge, a quem agradeço cordialmente.

Cuvier (1817: 47) diagnosticou seu gênero "*Hemidactyle*", incluindo 4 espécies, as duas primeiras no texto e as duas últimas em nota ao pé da página 48: a) "*Le Gecko de Siam*", apelé *Tokuie* (*G. Tuberculeux* de Daud.) Perrault. *Mém. sur les anim.* II part. pl. 67".; b) "*Le Gecko de Java*"; c) "*G. à tubercles trièdres*" (de Daudin); d) "*G. à queue épineuse de Daud.*"

Oken (1817: coluna 1183, *fide* Loveridge, *in litt.*), noticiando o livro de Cuvier, referiu, sem mais, "*Hemidact.*", que tem sido e pode ser tomado por *Hemidactylus*, pois Oken usava sistematicamente nomes latinos; a lista é encabeçada por *Thecadactylus*.

Gray (1825: 199) deu uma diagnose de *Hemidactylus*; "*H. tuberculatus* Gray. *Gecko*, Daud." foi incluída com certeza, e *G. triedrurus*, *aculeatus* e *platyrus*, atribuídas a Merrem, com dúvida.

O mesmo Gray (1827: 55, *fide* Loveridge, *in litt.*) deu nova redação à diagnose de *Hemidactylus* alistando desta vez apenas "*Gecko tuberculatus* Daud."

Poderemos aceitar o nome de Oken, 1817, tomando a diagnose e lista de espécies de Cuvier, 1817, como a "indicação" requerida pelas Regras de Nomenclatura. O próximo nome válido será *Hemidactylus* Gray, 1825.

Nenhum dos dois nomes é acompanhado pela designação de uma espécie tipo. Isto pode ser considerado como tendo sido virtualmente feito por Gray (1827), que incluiu apenas *G. tuberculatus* Daudin no gênero; a designação é legítima por estar a espécie incluída originalmente no gênero.

Passamos a examinar a situação de *Gecko tuberculatus* Daudin. Nomenclaturalmente a espécie é válida, pois foi descrita (1802: 158) adequadamente e recebeu nome específico latino.

Acontece, porém, que esta espécie — de procedência desconhecida ao autor — não foi mais, afora menções formais, reconhecida em publicação alguma que tivesse chegado ao meu conhecimento; o próprio Catálogo de Boulenger não a refere.

O tipo é dito por Daudin (*loc. cit.*) estar no Museu de Paris; no entanto, nem a "Erpétologie Générale" (Duméril & Bibron, 1836), nem o "Catalogue Méthodique" (Duméril & Duméril, 1851) o mencionam.

No conceito de Cuvier (*loc. cit.*), *G. tuberculosus* Daudin seria o "Gecko de Siam, appelé Tokaie" de Perrault. Esta espécie é, segundo Duméril & Bibron (1836: 281) o *Gekko gekko* (L.), que Daudin descreveu como *Gecko guttatus* (1802: 122), sem conhecer a pátria, e que lhe serviu de termo de comparação para descrever o *G. tuberculosus*. Dêsse modo, temos duas hipóteses: a) Cuvier mencionava um compôsto na diagnose original de "Hemidactyle", ou b) as duas formas são de fato sinônimas, e a espécie tipo de *Hemidactylus* não cabe na diagnose original do gênero, por ter lamelas infra-digitais simples e não duplas.

Como se vê, não há o menor apoio nomenclatural para a designação, que freqüentemente se faz, de *G. mabouia* Moreau de Jonnés como tipo de *Hemidactylus*.

A situação é das mais complexas e atinge a estabilidade de um gênero de amplíssima distribuição (praticamente cosmopolita), cujo conceito nunca sofreu a mais ligeira dúvida.

Parece-me que a única solução viável é a oficialização do status atual (*Hemidactylus* Oken, 1817, espécie tipo *Gecko mabouia* Moreau de Jonnés, 1818) pela Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica. Apraz-me anotar que A. Loveridge pensa de maneira idêntica.

DIAGNOSE (LOVERIDGE, 1947)

Dígitos livres ou parcialmente ligados, as falanges distais curtas ou longas, levantando-se angularmente de dentro da porção basal dilatada, coberta superiormente por escamas, não denticulada lateralmente, com lamelas ou escamas na face ventral da porção basal não dilatada, com escansores geralmente divididos na porção basal dilatada; com garras. Pupila vertical lobada; pálpebra superior distinta, inferior vestigial; lepidose dorsal com escamas, grânulos ou tubérculos, pequenos ou grandes, homogêneos ou heterogêneos. Cauda entumescida, cilíndrica e atenuada, ou deprimida e radiculiforme. Machos com, raramente sem, poros pré-anais e/ou femorais.

ELENCO

1. *Hemidactylus leightoni* Boulenger, 1911 (p. 19)

Loc. tipo: Honda, Colômbia.

Distr.: Colômbia, da costa norte ao centro.

Ref.: Descrição original.

Nota: Kluge (1967) refere-se, de passagem, a esta espécie como um sinônimo de *H. brooki*, sem especificar a subespécie.

2. *H. mabouia* (Moreau de Jonnès, 1818).
3. *H. peruvianus* Wiegmann, 1835 (p. 240)

Loc. tipo: Tacna, Peru.
 Distr.: Localidade tipo.
 Ref.: Boulenger, 1885: 141.

Nota: Esta espécie nunca mais foi colecionada após a descrição original. Não é difícil que se trate de exemplar com rótulo trocado, pois fazia parte das coleções de Meyen, produto de uma viagem de circum-navegação do globo. Da mesma coleção, e também do Peru, foi descrito *Ablepharus poecilopleurus* (= *boutoni*), forma não mais encontrada na América do Sul. Também não é impossível que se trate de exemplares trazidos por balsas naturais ou embarcações humanas.

Hemidactylus mabouia (Moreau de Jonnès, 1818)

A sinonímia seguinte refere-se apenas à América do Sul.

- Gecko mabouia* Moreau de Jonnès, 1818: 139. (Loc. tipo "Amerique, les contrées continentales qui avoisinent au midi l'Archipel des Antilles, . . . îles du même archipel depuis la Trinité jusqu'à la Jamaïque").
- Gecko tuberculatus* Raddi, 1823: 63 (*apud* Boulenger, 1885).
- Gecko aculeatus* Spix, 1825: 16. pl. 18: 3 (Loc. tipo: Rio de Janeiro, Gb. Spix & Martius col. Museu de Munich).
- Gecko cruciger* Spix, 1825: 16, pl. 13: 3. (Loc. tipo: Estado da Bahia. Spix & Martius col. Museu de Munich).
- Gecko incanescens* Wied, 1825: 102.
- Gecko armatus* Wied, 1825: 104.
- Hemidactylus tuberculatus*, Fitzinger, 1826: 13.
- Gecko mabouia*, Cuvier, 1829: 54.
- Hemidactylus mabouia*, Duméril & Bibron, 1836: 362. Gray, 1845: 154 (4 exs. Brasil, 1 Pernambuco. Museu Britânico).
- Hemidactylus (Tachybates) mabuya*, Fitzinger, 1846: 19, 105.
- Hemidactylus (Tachybates) armatus*, Fitzinger, 1846: 105.
- Hemidactylus mabouia*, Guichenot, 1855: 12 (Brasil. Museu de Paris). Lichtenstein, 1856: 5 (Brasil, Guiana, Antilhas. Museu de Berlim).
- Hemidactylus hexaspis* Cope, 1868: 320.
- Hemidactylus mabouia*, Müller, 1882: 163 (Brasil. Museu de Basiléia); 1884 (Pernambuco. Museu de Basiléia). Boulenger, 1885: 122 (Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Santarém. Museu Britânico). 1888: ("Iguarasse", Pernambuco. Museu Britânico). Boettger, 1893: 28 (S. Paulo; Trinidad. Senckenberg). Goeldi, 1896: 420. Werner, 1900: 263 (Orocué, Colômbia. Museu de Göttingen). Goeldi, 1902: 507, 508. Griffin, 1917: 307 (Barra de Penedo, Alagoas; Santarém. Carnegie Museum). Beebe, 1919: 211 (Bartica, Guiana Inglesa). Hermann *in* Luederwaldt & Fon-

seca, 1922: (Ilha dos Alcatrazes, S. Paulo. Museu Paulista). Procter, 1923: 1064 (Marajó. Museu Britânico). Cott, 1926: 1160 (Marajó. Museu Britânico). Luederwaldt, 1929: 39 (Ilha de São Sebastião, São Paulo. Museu Paulista). Burt & Burt, 1930: 3 (Bahia; Rio de Janeiro; Santos. USNM). Crawford, 1931: 14. Burt & Burt, 1931: 247 (Frechal; Rio de Janeiro; Esmeralda, Venezuela. AMNH). Amaral, 1934: 189 (Jatobá, Pernambuco. Instituto Butantan). Parker, 1936: 3 (Alto Orenoco. Museu Britânico). Amaral, 1937: 170. 1937 a: 1734. Loveridge, 1941 a: 248. Beebe, 1944: 155 (Kartabo, Guiana Inglesa). Dunn, 1944: 87. Amaral, 1949: 108. Röhl, 1949: 358. Hoge, 1950: 152 (Ilha Queimada Grande, S. Paulo. Instituto Butantan). Schmidt & Inger, 1951: 450 (Maus; Independência, Paraíba; Baixa Verde, Ceará Mirim, Extremoz e Natal, Rio Grande do Norte. Hopkins-Branner Exp. CNHM). Johnson, 1952: 284 (Salvador). Cunha, 1961: 52 (Belém. Museu Goeldi). Wermuth, 1965: 79.

DESCRIÇÃO

Cabeça achatada, larga, olhos grandes. Rostral larga e curta, com uma incisão mediana, de extensão variável, partindo da margem posterior, que é reta; duas escamas grandes em contato com a rostral, a sutura entre elas continuando-se com a incisão da rostral. Grânulos moderados, salientes, no focinho, diminuindo rapidamente de tamanho em direção à frente. Região supra-orbital semelhante à frente. Narina entre a rostral e alguns grânulos post-nasais, atingida ou não pela 1.^a supra-labial. Rima palpebral granulosa. 9-12 supra-labiaais, moderadas, decrescentes, ultrapassando de pouco a vertical do meio do olho; parte posterior da rima bucal granulosa, fortemente arqueada para cima. Sinfisal cuneiforme, seguida por 2 pares de gulares anteriores grandes, o 1.^o par em contato na linha mediana. Infra-labiaais semelhantes em número, tamanho e forma, às supra-labiaais. 2 ou 3 fileiras de gulares aumentadas em contato com as infra-labiaais; chatas e justapostas na frente, sucessivamente menores e mais imbricadas posteriormente; gulares restantes granulosas; justapostas, imbricando-se no pescoço.

Lepidose dorsal com grânulos pequenos, lisos, justapostos, entremeados de tubérculos pequenos, cônicos ou carenados, que começam na região parietal, onde são menores e mais baixos.

Escamas ventrais filóides, imbricadas, lisas.

Membro superior totalmente revestido por pequenas escamas ciclóides, imbricadas, diminuindo distalmente, a não ser na face posterior do antebraço, que tem grânulos e tubérculos como o dorso.

Lepidose dorsal do membro posterior igual à do tronco; ventral e anterior igual à do ventre; posteriormente granulosa, homogênea.

Mãos e pés pentadáctilos, todos os dígitos com garras; dígitos de base um tanto dilatada, dilatando-se mais ainda na porção mediana, ventralmente revestida por 5-8 lamelas duplas; no meio desta dilatação implantam-se as falanges terminais, estreitas, armadas.

24-60 poros de coxa a coxa.

Colorido dorsal mais ou menos distintamente marmoreado, com 4-6 faixas transversais mais ou menos completas, irregulares. Ventre claro com pequenas pontuações.

Cauda íntegra com grânulos dorsais sub-quadrangulares, chatos, justapostos, formando fileiras transversais mais ou menos distintas. A cada 7-8 destas fileiras uma coroa de 6 tubérculos aculeados, voltados para trás. Uma fileira médio-ventral de escamas muito dilatadas, alternadamente correspondentes às linhas de tubérculos, separadas dos grânulos dorsais por escamas lisas, irregulares, imbricadas.

Cauda regenerada extremamente irregular quanto à lepidose.

DISTRIBUIÇÃO

COLÔMBIA. *Atlântico*: Barraquilla (DZSP). *Boyacá*: Orocué (Werner, 1900).

VENEZUELA. *Amazonas*: Alto Orenoco (Parker, 1936); Esmeralda (Burt & Burt, 1931).

GUYANA [INGLÊSA]. Bartica (incl. Kartabo) (Beebe, 1919, 1944).

BRASIL. *Amazonas*: Manaus (Schmidt & Inger, 1951); Rio Purus (DZSP). *Pará*: Santarém (Boulenger, 1885; DZSP; Griffin, 1917); Marajó (Procter, 1923; Cott, 1926; DZSP); Belém (Cunha, 1961). *Rondônia*: Pôrto Velho (DZSP). *Fernando de Noronha*: (DZSP). *Maranhão*: Barra do Corda; S. Luís (DZSP). *Ceará*: Fortaleza; Maranguape (DZSP). *Rio Grande do Norte*: Baixa Verde; Ceará Mirim; Extremoz; Natal (Schmidt & Inger, 1951). *Paraíba*: Independência (Schmidt & Inger, 1951). *Pernambuco*: Igaracu (Boulenger, 1885); Jatobá (Amaral, 1934); Recife (DZSP). *Alagoas*: Barra de Penedo (Griffin, 1917); Maceió (DZSP). *Bahia*: Salvador (Johnson, 1952; DZSP); Ilhéus (DZSP). *Rio de Janeiro*: Muriaé; Areal (DZSP). *Guanabara*: (DZSP; Spix, 1825; Boulenger, 1885; Burt & Burt, 1930, 1931). *Minas Gerais*: Pirapora; Pôrto Novo; Tuiuti (DZSP). *São Paulo*: São Paulo; Ubatuba; Ilha de São Sebastião; São Sebastião; Caraguatatuba; Cananéia; Cubatão; Piassaguera; Bertioiga; São Vicente; Artur Nogueira; Pindamonhangaba; Ilha da Vitória; Botucatu; Piracicaba (DZSP); Santos (DZSP; Burt & Burt, 1930); Ilha dos Alcatrazes (Hermann, 1922, vistos); Ilha da Queimada Grande; Ilha do Farol; Itapira; Juruimir; Pongai; Tietê; Tanquinho; Ribeirão Bonito; Jundiá; Vila Bonfim; Pôrto João Alfredo; Cândido Rodrigues; Amparo; Casa Branca (IB); Ilha dos Búzios (IB, DZSP). *Rio Grande do Sul*: Pôrto Alegre (DZSP).

EQUADOR: *Napo-Pastaza*: Rio Napo (AMNH).

PERU: *Loreto*: Requena; Roabaya; Rio Itaya; Iquitos (AMNH).

COMENTÁRIO

Fala-se muito na introdução dêste lagarto na América por intermédio do comércio de escravos. Não encontrei nenhuma referência ao fato na literatura herpetológica. Apenas Rodolfo von Ihering, no ver-

bete "Lagartixa" do seu "Dicionário dos Animais do Brasil", dá aquela origem à espécie, sem mais comentários ou documentação. Certamente a identidade morfológica entre exemplares africanos e sul-americanos e a distribuição da espécie na América do Sul falam a favor de transporte recente por agência humana.

Os cronistas do século XVI e começo do XVII não citam, no litoral brasileiro, a presença de um lagarto abundante nas habitações. Esta evidência negativa recebe maior peso por serem muitos desses cronistas indivíduos minuciosos (Anchieta, Abbeville, Gabriel Soares, entre outros) e tende a confirmar a introdução tardia da espécie na América.

A aceitar-se a recente origem africana da espécie, seria interessante a comparação biométrica das populações africanas e americanas, bem como o grau de diferenciação porventura encontrável entre estas.

Embora predominantemente antropófila, esta espécie ocorre também em habitats naturais. Nas ilhas do litoral norte do Estado de São Paulo ela é freqüentíssima em moitas de bromélias, longe de habitações.

Lygodactylus Gray, 1864

Espécie tipo (*vide* Wermuth, 1965): *Lygodactylus strigatus* Gray, 1864 (= *capensis* A. Smith). Monobásico.

Lygodactylus Gray, 1864: 59.

Scalabotes Peters, 1880: 795 (tipo *thomensis* Peters, 1880).

Microscalabotes Boulenger, 1883: 174 (tipo *cowanii* Boulenger, 1883).

Lygodactylus, Loveridge, 1947: 193. Pasteur, 1964: 1 *seq.*

Lygodactylus sp.

DESCRIÇÃO

Focinho curto e obtuso. Rostral moderada, de contorno posterior arredondado, marginada por 4 grânulos altos, lisos, justapostos, não diferenciados dos demais do focinho, que vão diminuindo gradualmente para o vértice e pescoço, até se transformarem nos minúsculos grânulos dorsais do tronco. Região supra-orbitária entumescida, com grânulos semelhantes aos da frente, em fileiras longitudinais arqueadas. Narina entre uma nasal e a 1.^a supra-labial. 7 supra-labiaais, a 1.^a moderada, decrescentes, a última ultrapassando de pouco a vertical do meio do olho. Rima palpebral granulosa. Pupila redonda. Sinfisal moderada, em forma de bigorna, gulares anteriores pouco aumentadas, justapostas, diminuindo e se imbricando posteriormente. 6-7 infra-labiaais, paralelas às supra-labiaais.

Lepidose dorsal do tronco homogênea, formada por grânulos pequenos, lisos, justapostos. Escamas ventrais lonsangulares, mais largas que longas, imbricadas.

Faces dorsal, ventral e posterior do membro anterior com grânulos semelhantes aos dorsais, um pouco maiores na face anterior do braço; face anterior com escamas arredondas, sub-imbricadas.

Face dorsal do membro posterior com grânulos semelhantes aos do dorso; faces central e anterior com escamas arredondadas, imbricadas; face posterior com grânulos menores.

Pés e mãos pentadáctilos, o 1.º dígito muito reduzido, dotado de garra diminuta. Dígitos 3 e 4 com falanges basais normais (o 4.º muito mais longo) com uma dilatação sub-apical ventralmente revestida por 4-5 lamelas duplas; da extremidade dessa dilatação emerge uma nova porção estreita, curta, que sustenta a garra; dígito 2 com dilatação desde a base, que é fundida às dos dígitos adjacentes; dígito 5 intermediário entre 2 e 3.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

BRASIL. *Bahia*: Barreiras (Carvalho & Bailey); Senhor do Bonfim (DZSP). *Mato Grosso*: Urucum (DZSP).

COMENTÁRIO

Esta espécie, indubitavelmente um *Lygodactylus*, está sendo descrita por J. Bailey e A. L. Carvalho. Não quero deixar de citá-la, dada a sua ampla distribuição e importância teórica. Apesar de eu ter visto exemplares de Bailey & Carvalho (que também viram os meus), estas notas são minhas e não devem comprometer o estudo daqueles colegas, cuja cortezia e generosidade tenho o prazer de acusar.

O exemplar da Bahia na coleção deste Departamento foi coletado em 1912, mas nunca referido por pensarmos, eu e A. Loveridge, a quem consultei, que se tratasse de um erro de rotulagem de um exemplar africano. Ampla coleta feita por Bailey e Carvalho, e o espécime de Mato Grosso, na nossa coleção, garantem a existência da espécie no Brasil.

Thecadactylus Oken, 1817

Espécie tipo: *Gecko laevis* Daudin, 1802 (= *Gekko rapicauda* Houttuyn, 1782). Monobásico.

Thecadactylus Oken, 1817: 1183. Goldfuss, 1820: 157 (*vide* Wermuth, 1965: 182).

Gekko, Merrem, 1820: 42; *partim*.

Thecadactylus, Gray, 1825: 198. Fitzinger, 1826: 47. Wagler, 1830: 142. Gray, 1831: 49.

Platydictylus Duméril & Bibron, 1836: 306; *partim*.

Thecadactylus (*Thecadactylus*), Fitzinger, 1843: 19, 96.

Thecadactylus, Gray, 1845: 143, 146.

Pachydictylus, Hallowell, 1865: 98; *partim*.

Platydictylus, Guichenot, 1855: 11; *partim*. Lichtenstein, 1856: 4; *partim*.

Pachydictylus, Hallowell, 1857: 66; *partim*.

Platydictylus, Reinhardt & Lütken, 1863: 123 275; *partim*.

Thecadactylus, Boulenger, 1885: 111; *partim*. Burt & Burt, 1933: 11; *partim*. Brongersma, 1934: 177. Underwood, 1954: 480. Wermuth, 1965: 182.

COMENTÁRIO

Desde que descrito por Cuvier (1817: 48) este gênero padeceu poucas vicissitudes, sendo estas principalmente a recusa de alguns autores (Duméril e discípulos, Hallowell) de reconhecê-lo. A sinonímia estrita é nula. Contudo, a autoria formal do nome é diversamente atribuída a Oken (Neave) e a Goldfuss (Sherborn, Wermuth). Prefiro adotar Oken, pois não há dúvida sobre a intenção do autor em latinizar o nome de Cuvier.

Em 1877 Günther descreveu uma espécie (*australis*) australasiana do gênero. Brongersma (1934) comparou *rapicauda* e *australis* e concluiu por sua separação genérica, criando *Torresia* para a última. Sendo este nome, porém, pré-ocupado, substituiu-o depois (1936) por *Pseudothecadactylus*, que ficou.

DIAGNOSE

Mãos e pés tetradáctilos ou com 5.º dedo muito reduzido; dedos fortemente dilatados, membrana inter-digital moderadamente desenvolvida, com lamelas ventrais duplas, limitando anteriormente um sulco em que a garra é completamente retrátil. Lepidose dorsal homogênea. Pupila lobada. Poros ausentes.

Thecadactylus rapicauda (Houttuyn, 1782)

- Gekko rapicauda* Houttuyn, 1782: 323, fig. 1 (Loc. tipo: Índias Ocidentais).
- Lacerta rapicauda*, Gmelin, 1789: 1068.
- Stellio perfoliatus* Schneider, 1792: 26.
- Gekko rapicauda*, Meyer, 1795: 26. Daudin, 1802: 141. pl. 51 (Surinam, col. Levaillant).
- Gekko surinamensis* Daudin, 1802: 141. Surinam (Levaillant col.).
- Gekko laevis* Daudin, 1802: 112 (Amérique méridionale. Cols. Bosc, Brongniart).
- Lacerta perfoliata*, Shaw, 1802 1: 268.
- Gekko laevis*, Cuvier, 1817: 48.
- Thecadactylus laevis*, Oken, 1817: 1183.
- Gekko laevis*, Merrem, 1820: 42.
- Thecadactylus levis* [sic], Gray, 1825: 198.
- Thecadactylus laevis*, Fitzinger, 1826: 47. Wagler, 1830: 142. Gray, 1831: 49.
- Platydictylus theconyx* Duméril & Bibron, 1836: 306; pl. 33: 2. (Cartagena; Guadalupe; Martinica; Surinam. Museu de Paris).
- Thecadactylus* (*Th.*) *laevis*, Fitzinger, 1843: 19, 96.
- Thecadactylus rapicauda*, Gray, 1845: 146. (América Tropical. Museu Britânico).

- Platydactylus theconyx*, Duméril & Duméril, 1851 : 34 (Além dos exs. de Duméril & Bibron, 1836: Guadelupe; Mariegalante; Antilhas [ex. Cuvier]. Museu de Paris).
- Pachydactylus tristis* Hallowell, 1854: 98 (*apud* Boulenger, 1885).
- Platydactylus theconyx*, Guichenot, 1855: 11. ("Brasil", Castelnau col. Museu de Paris).
- Platydactylus rapicauda*, Lichtenstein, 1856: 4 (Índias Ocidentais: Guiana. Museu de Berlin).
- Pachydactylus tristis*, Hallowell, 1857: 66 (*apud* Boulenger, 1885).
- Platydactylus rapicauda*, Reinhardt & Lütken, 1863: 123 [275]. (Antilhas. Museu de Copenhagen).
- Thecadactylus rapicauda* Cope, 1869: 156 (Pebas. Academia de Philadelphia). O'Shaughnessy, 1881: 237 (Canelos, Equador. Buckley col. Museu Britânico). F. Müller, 1878: 637 (América do Sul, F. Müller col. Museu de Basiléia). Boulenger, 1855: 111 (Yucatan; Granada; Antilhas: St. Thomas, St. Croix, Nevis, Antigua, Anguilla; Caracas; Guiana Britânica. Surinam. Pebas. Canelos. Museu Britânico). Cope, 1885: 181 (Aruba, Academia de Philadelphia). 1887 a: 484 (Maccasseema, Guiana Britânica. Museu Britânico). E. Müller, 1892: 209 (Maracaibo. Engelmann col. Museu de Basiléia). Boettger, 1893 a: 36 (Puerto Cabello. Mauss col. Senckenberg). Boettger, 1893: 27 (Surinam; Puerto Cabello; Trinidad). Lönnberg, 1896: 15. (1 ex. de Lineu, que não recebeu nome, no Mus. Princ., Upsala). Peracca, 1897 a: 1 (Cononacco, Peru. Museu de Torino). Werner, 1900: 264 (Orocué, Colômbia. Museu de Göttingen). Stejneger, 1901: 181 (La Guayra. USNM).
- Thecadactylus rapicaudus*, Goeldi, 1902: 511. Meek, 1910: 416 (Curaçao CNHM).
- Thecadactylus rapicauda*, Boulenger, 1914: 814 (Peña Lisa, Chocó. Museu Britânico).
- Thecadactylus rapicaudus*, Griffin, 1917: 308 (Bonda, Colômbia. Carnegie Museum). Beebe, 1919: 211 (Bartica, Guiana Britânica). Procter, 1923: 1064 (Marajó. Ehrhardt col. BM). Cott, 1926: 1160 (Pará. BM). Barbour & Loveridge, 1929: 320, 351 (Menção de 3 cotipos de *Platydactylus theconyx* D. & B. MCZ). Burt & Burt, 1930: 6. (La Guaira: Puerto la Cruz; Trinidad. USNM). Crawford, 1931: 14. Burt & Burt, 1931: 253. (Bolívia: Huachi: Tumupasa; Guiana Britânica: Kalacoon; Kartabo; Colombia: Boca de la Raspadura, Jimenez, Medellin; Sabanalarga; Equador: Curaçai. AMNH) Parker, 1935: 512 (Moraballi Creek, Guiana Britânica. Oxford Exp. col. BM). Brongersma, 1934: 176-179, figs. 8-10. Miranda Ribeiro, 1937: fig. (Vertente norte do Chapadão dos Parecis. MNRJ). Amaral, 1937: 172. Beebe, 1944: 155, fig. 6, pl. 5: 12-15; pl. 6: 16-17 (Kartabo, Guiana Britânica; Caripito, Venezuela). Dunn, 1944: 87.
- Thecadactylus rapicauda*, Shreve, 1947: 522 (Venezuela, Falcon: Pauji; Riecito. MCZ e Museu de Basiléia).

Thecadactylus rapicauda, Amaral, 1949: 109.

Thecadactylus rapicauda, Marcuzzi, 1950: 84 (Venezuela: Sta. Ana, Paraguaná, Falcon; Las Trincheras, San Esteban, Carabobo; El Pilar, Sucre).

Thecadactylus rapicauda, Schmidt & Inger, 1951: (Abuná, Bolívia. CNHM). Aleman, 1953: 207 (Baixo Rio Negro, Serra de Perijá, Venezuela. Soc. La Salle). Cunha, 1961: 54. (Mangabeira, prx. Baião, rio Tocantins, Pará; Estirão do Equador, Rio Javari, Amazonas. Museu Goeldi). Test, Sexton & Heatwole, 1966: 9 (Ocumare de la Costa, Aragua, Venezuela. Auct. col. UMMZ).

COMENTÁRIO

H. M. Smith & Taylor (1950) restringiram a localidade tipo a Chichen-Itzá, Yucatan, México, o que não me parece certo, visto "Índias Ocidentais" designar, no século XIX, as Antilhas.

DESCRIÇÃO

Corpo e membros robustos. Cabeça achatada, larga, focinho rombo. 105 + 72 mm.

Rostral retangular, mais alta que as labiais, com uma incisura de comprimento variável, geralmente curta, partindo do meio da margem posterior; 2 post-rostrais irregularmente quadriláteras, narina entre a rostral, a 1.^a supra-labial, a post-rostral e os grânulos do focinho, que são muito pequenos, homogêneos, diminuindo ligeiramente de tamanho em direção ao vértice; rima palpebral granulosa, com delicadíssimos acúleos no quadrante súpero-posterior; 9-11 supra-labiais, a 1.^a estreita, a 2.^a a maior, decrescendo daí até o fim da rima bucal, que é fortemente infletida para cima e para trás, granulosa em sua porção terminal. Ouído moderado. Sinfisal curta, não mais longa que as infra-labiais, 7-10, um pouco mais longas que as supra-labiais; uma série de gulares diferenciadas, poliédricas, em contacto com as infra-labiais, sendo as medianas, em contato com a sinfisal, longas e estreitas; o restante da região gular revestido por grânulos, que se transformam gradualmente nas escamas da região ventral.

Dorso revestido por grânulos lisos, pequenos justapostos.

Escamas ventrais pequenas, filóides, imbricadas.

Metade dorsal dos membros revestida por grânulos iguais aos do dorso, metade ventral por escamas semelhantes às ventrais, um pouco menores que elas.

Pés e mãos pentadáctilos, todos os dígitos com garras. Dígitos muito dilatados, com abas laterais confluentes; falanges distais levantadas sobre uma dilatação, contidas em uma dobra do tegumento da mesma; parte basal dos dígitos com lamelas estreitas irregulares; parte distal com um fundo sulco mediano que recebe a garra e separa duas séries paralelas de 14-17 lamelas.

Cauda íntegra dorsalmente revestida por grânulos justapostos, lateral e ventralmente por escamas poliédricas, pouco imbricadas; cauda

regenerada em forma de nabo, revestida por numerosas escamas pequenas, imbricadas.

Partes dorsais plúmbeas, marmoreadas de castanho, uma faixa escura, marginada de claro, de loro ao tímpano, passando pelo meio do olho.

DISTRIBUIÇÃO

COLÔMBIA. *Chocó*: Peña Lisa (Boulenger, 1914); Boca de la Raspadura (Burt & Burt, 1931). *Antioquia*: Medellín (Burt, 1931). *Boyacá*: Orocué (Werner, 1900). *Bolívar*: Cartagena (Duméril & Bibron, 1836). *Atlántico*: Sabanalarga (Burt & Burt, 1931). *Magdalena*: Honda (Griffin, 1917). *Santander*: Jimenez (Burt & Burt, 1931).

VENEZUELA. *Zulia*: Maracaibo (Müller, 1892); Baixo Rio Negro, Serra de Perijá (Aleman, 1953). *Falcon*: Pauji; Riecito (Shreve, 1947); Sta. Ana, Paraguaná (Marcuzzi, 1950). *Carabobo*: Puerto Cabello (Boettger, 1893); Las Trincheras; San Esteban (Marcuzzi, 1950). *DF*: La Guaira (Stejneger, 1901; Burt & Burt, 1931); Puerto La Cruz (Burt, & Burt, 1931). *Monagas*: Caripito (Beebe, 1944). *Sucré*: El Pilar (Marcuzzi, 1950). *Aragua*: Ocumare de la Costa (Test & al.).

GUYANA [INGLÊSA]. *Maccasseema* (Boulenger, 1887, a): Bartica (Beebe, 1944); Kartabo (Burt & Burt, 1931); Kalacoon (Burt & Burt, 1931); Moraballi Creek (Parker, 1935).

SURINAM. (Daudin, 1802). Marowijne District (DZSP).

EQUADOR. *Napo Pastaza*: Canelos (O'Shaughnessy 1881); San José de Sumaco (Burt & Burt, 1931); Rio Pucuno (DZSP); Rio Copataza (DZSP).

PERU. *Loreto*: Pebas (Cope, 1869; Boulenger, 1885); Rio Cononacco (Peracca, 1897 a).

BRASIL. *Amazonas*: Estirão do Equador, Rio Javari (Cunha, 1961). *Amapá*: Serra do Navio (DZSP). *Pará*: Serra do Ererê (MN); Moreira, prx. Baíão, rio Tocantins (Cunha, 1961); Serra do Paituna (MN); Piratuba (MN); Marajó (Procter, 1923; Cott. 1926); Santarém (DZSP); Belém (DZSP). *Maranhão*: Barra do Corda (DZSP). Chapa-dão dos Parecis, vertente norte (Miranda Ribeiro, 1937).

BOLÍVIA. *Pando*: Abuná (Schmidt & Inger, 1951). *Beni*: Tumupasa (Burt & Burt, 1931). *La Paz*: Huachi (Burt & Burt, 1931).

Phyllodactylus Gray, 1830

Espécie tipo: *Phyllodactylus pulcher* Gray, 1830. Monobásico.

Phyllodactylus Gray, 1830 (*apud* Boulenger, 1885). Wiegmann, 1835: 241.

Diplodactylus, Wiegmann, 1835: 242; *partim*.

Phyllodactylus (*Euleptes*) Fitzinger, 1843: 18, 95.

Discodactylus (*Discodactylus*) Fitzinger, 1843: 18, 95.

Diplodactylus (*Diplodactylus*) Fitzinger, 1843: 18, 94; *partim*.

Diplodactylus, Tschudi, 1845: 38; *partim* (*apud* Burt & Burt, 1933).

Gerrhopygus Gray, 1845: 150.

Paroedura Günther, 1879: 218.

Phyllodactylus, Boulenger, 1885: 76. Burt & Burt, 1933: 6. Loveridge, 1947: 237. Underwood, 1954: 479.

COMENTÁRIO

As duas primeiras espécies sul-americanas descritas de *Phyllodactylus* foram *Ph. gerrhopygus* e *Ph. tuberculosus*, ambas de Wiegmann (1835). A primeira foi por êle incluída em *Diplodactylus* Fitzinger, e a segunda, corretamente, em *Phyllodactylus*.

Em 1845, Tschudi utilizou o nome genérico *Diplodactylus* para sua nova espécie *lepidopygus* e *Discodactylus* para *phacophorus*, também nova.

Desde então o nome *Phyllodactylus* tem sido correntemente usado.

DIAGNOSE (apud LOVERIDGE, 1947).

Dedos moderados, de falanges basais cilíndricas e terminais dilatadas; garra retrátil entre duas placas ventrais sub-triangulares; extremidade dorsal do dedo com escamas fortemente diferenciadas. Escamas dorsais granulosas ou sub-imbricadas, com ou sem tubérculos, alinhados ou não. Pálpebra mais ou menos evidente como uma cinta peri-orbital. Pupila vertical.

ELENCO

1. *Ph. abrupteseriatus* Werner, 1912 (p. 4)

Loc. tipo: "provavelmente Brasil."
Distr.: Equador (Burt & Burt, 1933)
Ref.: Descrição original.

2. *Ph. baessleri* Werner, 1901 (p. 2)

Loc. tipo: Chanchamayo, Peru.
Distr.: Peru.
Ref.: Descrição original.

3. *Ph. gerrhopygus* (Wiegmann, 1835).

Diplodactylus gerrhopygus Wiegmann, 1835: 242, pl. 18: 3.

Loc. tipo: Tacna, Peru.
Distr.: Costa sul do Peru e norte do Chile.
Ref.: Hellmich, 1934.

4. *Ph. guayaquilensis* Werner, 1910 (p. 4)

Loc. tipo: Guayaquil, Equador.
Distr.: Localidade tipo.
Ref.: Descrição original.

5. *Ph. heterurus* Werner, 1907 (*apud* Burt & Burt, 1933).
Loc. tipo: Oasis de Pica, deserto de Tarapacá, Chile.
Distr.: Localidade tipo.
Ref.: Descrição original.
6. *Ph. inaequalis* Cope, 1876 (*apud* Burt & Burt, 1933)
Loc. tipo: Pacasmayo, La Libertad, Peru.
Distr.: Costa do Peru.
Ref.: Boulenger, 1885.
7. *Ph. lepidopygus* (Tschudi, 1845)
Diplodactylus lepidopygus Tschudi, 1845: 159.
Loc. tipo: Peru.
Distr.: Peru.
Ref.: Roux, 1907.
8. *Ph. magister* Noble, 1924 (p. 110).
Loc. tipo: Perico, Cajamarca, Peru.
Distr.: Vales áridos de Chinchipe e Marañon (Cajamarca, Peru), de Perico ao norte a Bellavista ao Sul.
Ref.: Descrição original.
9. *Ph. microphyllus* Cope (*apud* Burt & Burt, 1933)
Loc. tipo: Vale de Jequetepeque, Peru.
Distr.: Costa do Peru.
Ref.: Descrição original.
10. *Ph. nigrofasciatus* Cope, 1877 (p. 36)
Loc. tipo: Vale de Chimbote, Peru.
Distr.: Localidade tipo.
Ref.: Boulenger, 1885.
11. *Ph. phacophorus* (Tschudi, 1845)
Discodactylus phacophorus Tschudi, 1845: 38 .
Loc. tipo: Chorrillos, Peru.
Distr.: Peru: Lima; Cajamarca; Junin; Piura.
Ref.: Boulenger, 1885.
12. *Ph. reissii* Peters, 1862 (*apud* Burt & Burt, 1933)
Loc. tipo: Guayaquil, Equador.
Distr.: Costa do Peru e Equador.
Ref.: Boulenger, 1885.

13. *Ph. variegatus* Werner, 1901 (p. 2)
Loc. tipo: Região de Lima, Peru.
Distr.: Localidade tipo.
Ref.: Descrição original.
14. *Ph. ventralis* O' Shaughnessy, 1875 (p. 263)
Loc. tipo: Jamaica (dub.)
Distr.: Costa da Colômbia e Venezuela; América Central.
Ref.: Dixon, 1962.

COMENTÁRIO

De todos os gêneros de gekkonídeos da América do Sul este é, sem dúvida, o que se encontra em pior situação taxonômica. Nada menos de 9 espécies estão registradas na costa do Peru e Equador. As diferenças apontadas entre elas são, à luz do que se sabe da variação de outros gekkonídeos, das mais triviais, principalmente no que diz respeito às formas descritas por Franz Werner. O estudo de algumas séries adequadas de *Phyllodactylus* daquela região deverá clarificar muito a situação, reduzindo consideravelmente o número de formas.

Por outro lado, é freqüente o encontro de formas exóticas na costa pacífica da América Central e do Norte, representadas por exemplares trazidos por jangadas naturais ou tráfego humano. Dêsse modo, não é difícil que *Phyllodactylus* do Pacífico, transviados na costa sul-americana, tenham sido descritos como novos. Tal como a contra-corrente equatorial traz jangadas à América Central, a corrente de Humboldt certamente deve fazer o mesmo mais ao sul.

Werner (1913) publicou uma chave para os *Phyllodactylus* da América do Sul continental então conhecidos. Essa chave é muito fraca, de acôrdo, aliás, com a fragilidade dos caracteres diferenciais.

As espécies dos Galápagos (não alistadas aqui) foram muito bem tratadas por Van Denburgh (1912).

Dixon (1962) considerou criticamente as formas caribes e do nordeste sul-americano.

POST-SCRIPTUM

Quando este trabalho estava em provas, e já não eram possíveis alterações substanciais do texto, recebi o artigo de Kluge (1967), que encara a macrossistemática dos gecos, com base em amplos materiais e numerosos caracteres, morfológicos e bionômicos. De especial interesse no presente contexto são:

1. Kluge agrupa todos os gecos em 4 subfamílias: Eublepharinae, Sphaerodactylinae, Gekkoninae e Diplodactylinae. As duas primeiras conservam seu conceito tradicional. As duas últimas, porém, não correspondem, nem em definição nem em conteúdo, às subfamílias de mesmo

nome criadas por Underwood. Os diplodactylíneos são contrastados com os gekkoníneos por (i) 2 centros de ossificação do premaxilar; (ii) sacos endolinfáticos post-craniais calcificados ausentes; (iii) tendência a números altos de ossículos esclerais. Sua distribuição é limitada à Austrália (menos Tasmânia), Nova Zelândia, Nova Caledônia e Ilhas da Lealdade. Assim, do ponto de vista sistemático, não há modificações a introduzir no presente trabalho. Certas partes de minha discussão tornam-se supérfluas; por outro lado, aqui são discutidas, a respeito dos Sphaerodactylinae, alguns caracteres não considerados por Kluge.

2. Kluge confirma, com alguns elementos novos (morfologia do coronóide, do esquamosal e do processo paroccipital) a posição basal de *Gonatodes* entre os Sphaerodactylinae.

REFERÊNCIAS

ALTEVOGT, R.

1954: Probleme eines fusses. *Kosmos Stuttgart* 50: 428-430.

ALEMAN G., C.

1953: Contribución al estudio de los reptiles y batracios de la Sierra de Perijá. *Mem. Soc. Ci. La Salle Caracas* 13: 205-225.

AMARAL, A.

1932: Estudos sôbre lacertilios neotrópicos. I. Novos generos e especies de lagartos do Brasil. *Mem. Inst. Butantan S. Paulo* 7: 51-74.

1934: Collecta herpetologica no Nordeste do Brasil. *Ibidem* 8: 185-192.

1935: Estudos sobre lacertilios neotrópicos III. Um nôvo gênero e duas novas espécies de Gekkonídeos e uma nova raça de Amphisbaenideo, procedentes do Brasil Central. *Ibidem* 9: 251-256.

1935a: Collecta herpetologica no Nordeste do Brasil (Contribuição II). *Ibidem*: 227-232.

1935b: Collecta herpetologica no Centro do Brasil. *Ibidem*: 233-246.

1937: Estudos sôbre Lacertilios neotropicos 4. Lista Remissiva dos Lacertilios do Brasil. *Ibidem* 11: 167-204 + ix.

1937a: Check-List of the "Lacertilia" of Brazil. *C. R. XII Congr. Int. Zool. Lisboa 1935*: 1733-1743.

1937b: New Genera and Species of Lacertilians from Brazil. *Ibidem*: 1701-1707.

1937c: Herpetological collection from Central Brazil. *Ibidem*: 1720-1732.

1937d: Herpetological collection from Northeastern Brazil. *Ibidem*: 1713-1719.

1949: Lacertilios do Pará. *Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi* 10: 107-114.

1950: Two new South American Lizards. *Copeia* 1950 (4): 281-284.

ANDERSON, L.G.

1918: New Lizards from South America, collected by Nils Holmgren and A. Roman. *Ark. Zool. Stockholm* 11 (16): 9 pp.

BAIRD, I.L.

1960: A survey of the periotic labyrinth in some representative Recent reptiles. *Univ. Kansas Sci. Bull.* 41: 891-981.

BARBOUR, T.

- 1921: Sphaerodactylus. *Mem. Mus. Comp. Zool. Harvard* 47: 217-278.
 1925: New Neotropical Lizards. *Proc. Biol. Soc. Washington* 38: 101-102.
 1937: Third list of Antillean Reptiles and Amphibians. *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard* 82: 75-166.

BARBOUR, T. & A. LOVERIDGE

- 1929: Typical Reptiles and Amphibians. *Ibidem* 69: 203-360.

BARRAN, E.F. & M. A. FREIBERG

- 1951: Nombres vulgares de Reptiles y Batracios de la Argentina. *Physis Buenos Aires* 20 (58): 303-319.

BEEBE, W.

- 1919: Higher Vertebrates of British Guiana, with special reference to the fauna of the Bartica District. *Zoologica New York* 2: 205-227.
 1944: Field notes on the lizards of Kartabo, British Guiana, and Caripito, Venezuela. Part 1. Gekkonidae. *Ibidem* 29: 145-160.

BELLAIRS, A. D'A.

- 1948: The eyelids and spectacles in geckos. *Proc. Zool. Soc. London* 118: 420-425.

BERG, C.

- 1895: Dos Reptiles nuevos. *Bol. Mus. Nac. Buenos Aires* (2) 1: 189-194.

BOETTGER, O.

- 1893: *Katalog der Reptilien-Sammlung im Museum der Senckenbergischen Naturforschenden Gesellschaft in Frankfurt am Main. I. Teil. x + 140 pp. Frankfurt a. M.*
 1893a: Reptilien und Batrachier aus Venezuela. *Ber. Senckenberg. Naturf. Ges.* 1893: 35-42.

BOULENGER, G.A.

- 1883: Description of a new genus of geckos. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (5) 11: 174-176.
 1884: Synopsis of the families of the existing Lacertilia. *Ibidem* (5) 14: 117-122.
 1885: *Catalogue of the Lizards in the British Museum (Natural History)* 1: xii + 436 pp. London.
 1887: On a new Geckoid Lizard from British Guiana. *Proc. Zool. Soc. London* 1887: 153-154.
 1887a: *Catalogue of the Lizards in the British Museum (Natural History)* 3: xii + 575 pp. London.
 1888: On some Reptiles and Batrachians from Iguarasse, Pernambuco. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (6) 2: 40-43.
 1889: On some specimens of Lizards in the Zoological Museum of Halle (Saale). *Proc. Zool. Soc. London* 1889: 143-145.
 1895: Second report on additions to the lizard collection in the Natural History Museum. *Ibidem* 1894: 722-736.
 1897: *Zoological Record for 1896. Reptiles and Amphibians.* London.
 1898: List of the Species, now or previously unrepresented of which specimens have been added to the collection since 1894. *Proc. Zool. Soc. London* 1898: 912-923.
 1902: Descriptions of new Batrachians and Reptiles from North-western Ecuador. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (7) 9: 51-57.

- 1908: Descriptions of new South American Reptiles. *Ibidem* (8) 1: 111-115.
 1911: Descriptions of new Reptiles from the Andes of South America, preserved in the British Museum. *Ibidem* (8) 7: 19-25.
 1914: On a second Collection of Batrachians and Reptiles made by Dr. H. G. Spurrell, F. Z. S., in the Choco, Colombia. *Proc. Zool. Soc. London 1914*: 813-817.

BRONGERSMA, L.D.

- 1934: Contributions to Indo-Australian Herpetology. *Zool. Med. Mus. Leiden* 17: xii + 161-251.
 1936: Herpetological Note XIII. *Ibidem* 19: 136.

BURLET, H.M. DE

- 1934: Vergleichende Anatomie des stato-akustischen Organs, pp. 1293-1432, *Handbuch der vergleichenden Anatomie der Wirbeltiere*, ed. L. Bolk et al. Berlin.

BURMEISTER, H.

- 1861: *Reise durch die La Plata-Staaten...* 2 vols. Halle (não visto).

BURT, C.E. & M. D. BURT

- 1930: The South American Lizards in the collection of the United States National Museum. *Proc. U.S. Nat. Mus.* 78 art. 6: 52 pp.
 1931: South American Lizards in the Collection of the American Museum of Natural History. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. New York* 61: 227-395.
 1933: A preliminary check list of the Lizards of South America. *Trans. Acad. Sci. St. Louis* 28: 1-104.

CAMP, C.L.

- 1923: Classification of the Lizards. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. New York* 48: 289-481.

COPE, E.D.

- 1863: Descriptions of new American Squamata in the Museum of the Smithsonian Institution, Washington. *Proc. Nat. Acad. Sci. Philadelphia 1863*: 100-106.
 1864: On the characters of the higher groups of Reptilia Squamata — and especially of the Diploglossa. *Ibidem 1864*: 224-231.
 1868: Observations on Reptiles of the Old World. Art. II. *Ibidem 1868*: 314-323.
 1869: Seventh contribution to the herpetology of Tropical America. *Proc. Amer. Phil. Soc.* 11: 147-169.
 1877: Synopsis of the cold-blooded vertebrates procured by Prof. James Orton during his exploration of Peru in 1876-77. *Ibidem 17*: 33-49.
 1885: Twelfth Contribution to the Herpetology of Tropical America. *Ibidem* 22: 167-194.
 1892: The Osteology of the Lacertilia. *Ibidem 30*: 185-222.
 [1900]: The Crocodylians, Lizards and Snakes of North America. *Ann. Rep. U.S. Nat. Mus. 1898 (2)*: 151-1294.

CRAWFORD, S.C.

- 1931: Field keys to the lizards and amphibians of British Guiana. *Ann. Carnegie Mus. Pittsburgh* 21: 11-42.

CUNHA, O.R.

- 1961: Lacertílios da Amazônia. II. Os lagartos da Amazônia brasileira, com especial referência aos representados na coleção do Museu Goeldi. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi Zool.* 39: 189 pp.

CUVIER, [G.L.C.F.D.]

- 1817: *Le Règne Animal distribué d'après son organisation* 2: xviii + 532 pp. Paris.
1829: *Idem, nouvelle édition.* 5 vols. Paris.

DAUDIN, F.M.

- 1802: *Histoire naturelle générale et particulière des Reptiles* 4: 397 pp. Paris.

DENBURGH, J. VAN

- 1912: Expedition of the California Academy of Sciences to the Galapagos Islands, 1905-1906. VI. The geckos of the Galapagos Archipelago. *Proc. California Acad. Sci. (4)* 1: 450-430.
1912a: *Idem.* IV. The snakes of the Galapagos Islands. *Ibidem*: 323-374.

DENBURGH, J. VAN & J. R. SLEVIN

- 1913: *Idem.* IX. The Galapagoan lizards of the genus *Tropidurus*, with notes on Iguanas of the genus *Conolophus* and *Amblyrhynchus*. *Ibidem (4)* 100-106.

DIXON, J.R.

- 1962: The leaf-toed geckos, genus *Phyllodactylus*, of Northeastern South America. *Southwestern Nat.* 7 (3-4): 211-226.

DONOSO-BARROS, R.

- 1965: El genero *Garthia* Donoso-Barros & Vanzolini y los generos gymnodactílicos afines. *Not. Mens. Mus. Nac. Hist. Nat. Santiago Chile* 103: [3-5].
1965a: Nuevos reptiles y anfibios de Venezuela. *Ibidem* 102: [2-3].
1965b: El genero *Garthia* Donoso-Barros & Vanzolini y los geckos gymnodactílicos afines. *Publ. Ocas. Mus. Nac. Hist. Santiago Chile* 7: 8 pp.
1966: Dos nuevos *Gonatodes* de Venezuela. *Ibidem* 11: 33 pp.

DUMÉRIL, A. [H.A.]

- 1856: Description des Reptiles nouveaux ou imparfaitement connus de la collection du Muséum d'Histoire Naturelle. Deuxième Mémoire. *Arch. Mus. Paris* 8: 437-588.

DUMÉRIL, A. [H.A.], [F.] BOCOURT & [F.] MOCQUARD

- 1870-1897: *Études sur les Reptiles*, in *Recherches zoologiques pour servir à l'histoire de la faune de l'Amérique Centrale et du Mexique, publiées sous la direction de MM. H. Milne Edwards... et Léon Vaillant*, 3ème partie, 1ère section. xiv + 860 pp. Atlas. Paris.
Nota: datas das "livraisons" determinadas por meio do Zoological Record. Quanto à autoria, ver o Catálogo da Biblioteca do Museu Britânico, e Gray, 1873.

DUMÉRIL, A.M.C. & G. BIBRON

- 1834: *Erpétologie générale, tome premier.* xxiv + 447 pp. Paris.

- 1835: *Idem*, tome second. ii + 680 pp. Paris.
 1836: *Idem*, tome troisième. iv + 517 pp. Paris.
- DUMÉNIL, A.M.C. & A. [H.A.] DUMÉNIL
 1851: *Catalogue méthodique de la collection des Reptiles. Muséum d'Histoire Naturelle de Paris.* iv + 224 pp. Paris.
- DUNN, E.R.
 1944: Los generos de anfibios y reptiles de Colombia. II. Segunda parte: Reptiles, orden de los Saurios. *Caldasia Bogotá* 3: 73-110.
- DUNN, E.R. & M. T. DUNN
 1940: Generic names proposed in Herpetology by E.D. Cope. *Copeia Ann Arbor* 1940 (1): 69-76.
- FITZINGER, L.
 1826: *Neue Classification der Reptilien.* (vi) + 66 pp. Vienna.
 1843: *Systema Reptilium... Fasciculus primus: Amblyglossae.* 106 + vi pp. Vienna.
- FÜRBRINGER, M.
 1919: Ueber das Zungenbein der Reptilien. *Bijdr. Dierk. Amsterdam* 1919: 195-212.
- GANS, C.
 1958: Notes on a herpetological collecting trip through the southeastern lowlands of Bolivia. *Ann. Carnegie Mus. Pittsburgh* 35: 283-314.
- GMELIN, J.
 [1789]: *Caroli a Linné Systema Naturae ed XIII a cura...* Tom. 1 pars 3: 1033-1516.
- GOELDI, E.A.
 1896: Lancear de olhos sobre a Fauna dos Reptis do Brazil. *Bol. Mus. Paraense* 1: 402-432.
 1902: Lagartos do Brasil. *Ibidem* 3: 499-560.
- GRANT, C.
 1931: The sphaerodactyls of Porto Rico, Culebra and Mona Island. *J. Dept. Agric. Porto Rico* 15: 199-213.
- GRAY, J.E.
 1825: A Synopsis of the genera of Reptiles and Amphibia, with a Description of some new species. *Ann. Phil.* (2) 10: 193-217.
 1827: A Synopsis of the Genera of Saurian Reptiles in which some new genera are indicated, and the others reviewed by actual examination. *Phil. Mag.* (2) 3: 53-56 (não visto).
 1831: *A Synopsis of the Species of the Class Reptilia*, in Griffith, E., et al., *The Animal Kingdom... by the Baron Cuvier... with additional Descriptions &c.* 16 vols., 1827-1835. London.
 1842: *Zoological Miscellany* 4: 57-72 (não visto).
 1845: *Catalogue of the Specimens of Lizards in the Collection of the British Museum.* xxviii + 289 pp. London.
 1864: Notes on some new lizards from South-Eastern Africa, with descriptions of several new species. *Proc. Zool. Soc. London* 1864: 58-62.

- 1873: Notes on the Tortoises of the "Zoology of Mexico" of MM. A. Duméril and Bocourt. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (4) 12: 109-114.

GRIFFIN, L.E.

- 1917: A list of the South American lizards of the Carnegie Museum, with descriptions of four new species. *Ann. Carnegie Mus. Pittsburgh* 11: 304-320.

GÜNTHER, A.

- 1859: Second list of cold-blooded vertebrates collected by Mr. Frazer in the Andes of Western Ecuador. *Proc. Zool. Soc. London* 1859: 402-422.
 1869: Report on two Collections of Indian Reptiles. *Ibidem* 1869: 500-507.
 1879: On Mammals and Reptiles from Johanna, Comoro Islands. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (5) 3: 215-219.
 1894: Report on the collection of Reptiles and Fishes made by Dr. J.W. Gregory during his Expedition to Mount Kenya. *Proc. Zool. Soc. London* 1894: 84-88.

GUICHENOT, A.

- 1855: *Reptiles*, in *Animaux nouveaux ou rares recueillis... dans les parties centrales de l'Amérique du Sud... sous la direction du Comte Francis de Castelnau*. 96 pp. Paris.

HAMILTON, D.W.

- 1960: Observations on the morphology of the inner ear in certain gekkonid lizards. *Univ. Kansas Sci. Bull.* 41: 983-1024.

HELLMICH, W.

- 1934: Die Eidechsen Chiles, insbesondere die Gattung *Liolaemus*. *Abh. Bayer. Akad. Wiss. (NF)* 24: 1-139.
 1960: Die Sauria des Gran Chaco und seiner Randgebiete. *Ibidem* 101: 1-131.

HOFFMANN, C.K.

- 1890: *Eidechsen und Wasserechsen*, in *Bronn's Klassen und Ordnungen des Thier-Reichs*, 6. Band, III. Abtheil.: 443-1399. Leipzig.

HOGE, A.R.

- 1950: Notas erpetológicas. 8. Fauna erpetológica da Ilha da Queimada Grande. *Mem. Inst. Butantan S. Paulo* 22: 151-172.

HOLDER, L.A.

- 1960: The comparative morphology of the axial skeleton in Australian Gekkonidae. *J. Linn. Soc. London* 44 (297): 300-335.

HOUTTUYN, M.

- 1782: Het ondersheid der Salamander van de Haagsdisse in't Algemeen de Gekkoos. *Verh. Zeeuw. Gen. Wett. Vlissingen Middleburg* 1782: 305-336.

JOHNSON, M.L.

- 1952: Herpetological notes from northeastern Brasil. *Copeia Ann Arbor* 1952 (3): 283-284.

KLUGE, A. G.

- 1964: A revision of the South American gekkonid lizard genus *Homonota* Gray. *Amer. Mus. Novitates* 2193: 1-41.
 1967: Higher taxonomic categories of gekkonid lizards and their evolution. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. N. York* 135: 1-60.

KOSLOWSKY, J.

- 1895: Batracios y Reptiles de Rioja y Catamarca (Rep. Argentina) recogidos durante los meses de Febrero a Mayo de 1895. *Rev. Mus. La Plata* 6: 357-370.
 1898: Enumeración sistemática y distribución geográfica de los Reptiles Argentinos. *Ibidem* 8: 161-200.

KUHLE, H.

- 1820: *Beiträge zur Kenntniss der Amphibien*, pp. 75-132 in *Beiträge zur Zoologie und vergleichende Anatomie*. iv + 151 + (ii) pp. Frankfurt a.M.

LACÉPÈDE, [B. G. É. DE LA V.]

- 1788: *Histoire Naturelle des Quadrupèdes Ovipères et des Serpens* 1: 651 pp. Paris.

LICHTENSTEIN, H.

- 1856: *Nomenclator Reptilium et Amphibiorum Musei Zoologici Berolinensis*. iv + 48 pp. Berlin.

LIDTH DE JEUDE, T.W. VAN

- 1887: On a collection of Reptiles and Fishes from the West-Indies. *Notes Leiden Mus.* 9: 129-139.
 1904: Reptiles and Batrachians from Surinam. *Ibidem* 25: 83-94.

LIEBERMANN, J.

- 1939: Catálogo sistemático y zoogeográfico de los lacertilios argentinos. *Physis Buenos Aires* 16: 61-82.

LÖNNBERG, E.

- 1896: Linnean type-specimens of birds, batrachians and fishes in the zoological Museum of the R. University in Uppsala. *Bih. t. k. Svenska Vet. Akad. Handl.* 22 (4): 1-45.

LOVERIDGE, A.

- 1941: *Bogertia lutzae* a new genus and species of Gecko from Bahia, Brazil. *Proc. Biol. Soc. Washington* 54: 195-196.
 1941a: Certain Afro-American geckos of the genus *Hemidactylus*. *Copeia* 1941 (4): 245-248.
 1947: Revision of the African Lizards of the family Gekkonidae. *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard* 98: 1-469.

LUEDERWALDT, H.

- 1929: Resultados de uma excursão científica à Ilha de São Sebastião no litoral do Estado de São Paulo e em 1925. *Rev. Mus. Paulista S. Paulo* 16: 1-79.

LUEDERWALDT, H. & J.P. FONSECA

- 1922: A Ilha dos Alcatrazes. *Ibidem* 13: 439-512.

MARCUSZI, G.

- 1950: Breves apuntes sobre lagartos de Venezuela Septentrional. *Mem. Soc. Ci. Nat. La Salle Caracas* 10: 73-110.

MEEK, S.E.

- 1910: Notes on Batrachians and Reptiles from the Islands north of Venezuela. *Field. Mus. Publ. Zool. Ser.* 148 7 12: 415-418.

MERREM, B.

- 1820: *Versuch eines System der Amphibien (Tentamen Systematis Amphibiorum)*. xv + 191 pp. Marburg.

MERTENS, R.

- 1929: Herpetologische Mitteilungen. 23. Ueber einige Amphibien und Reptilien aus Süd-Bolivien. *Zool. Anz.* 86: 57-62.
1932: Ueber mehrere neue oder seltene importierte Reptilien. *Bl. Aq. Terr. K.* 43 (20): 324-327.
1964: Der Eidechschenschwanz als Haftorgan. *Senckenbergiana Biol.* 45 (2): 117-122.

MEYER, F.A.A.

- 1795: *Synopsis Reptilium*... 32 pp. Göttingen.

MIRANDA-RIBEIRO, A.

- 1937: *Sphaerodactylus pfrimeri*. *O Campo Rio de Janeiro Outubro 1937*: 46-47 (republicado em *Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro* 42 (1): lxxvi-lxxviii, 1955).

MORREAU DE JONNÈS, A.

- 1818: Monographie du Mabouia des Murailles ou Gecko mabouia des Antilles. *Bull. Soc. Philomat. Paris 1818*: 138-139.

MÜLLER, F.

- 1878: Katalog der im Museum und Universitäts Kabinet zu Basel aufgestellt Amphibien und Reptilien nebst Ammerkungen. *Verh. Naturf. Ges. Basel* 6 (4): 557-709.
1882: Erster Nachtrag zum Katalog der herpetologischen Sammlung des Basler Museums. *Ibidem* 7 (1): 120-165.
1884: Dritter Nachtrag... *Ibidem* 7 (2): 274-299.
1892: Siebenter Nachtrag... *Festschr. Feier 75. Best. Naturf. Ges. Basel*: 195-215.

MÜLLER, L.

- 1927: Amphibien und Reptilien der Ausbeute Prof. Bresslau's in Brasilien 1913-1914. *Abh. Senckenberg. Naturf. Ges.* 40: 257-304.
1928: Herpetologische Mitteilungen. I. Ueber die Typen von *Gymnodactylus horridus* Burm. und *Leiosaurus (Helocephalus) marmoratus* nebst Beschreibung einer neuen Art der Gattung *Phrynosaura* Werner. *Zool. Anz.* 77: 61-67.

MÜLLER, L. & L.D. BRONGERSMA

- 1933: Ueber die Identität von *Thecadactylus pollicaris* Spix 1825 mit *Phyllopezus goyazensis* Peters 1877. *Zool. Med. Mus. Leiden* 15: 156-261.

NOBLE, G.K.

- 1916: Description of a new eublepharid lizard from Costa Rica. *Proc. Biol. Soc. Washington* 29: 87-88.
- 1921: The bony structure and phyletic relationships of *Sphaerodactylus* and allied lacertilian genera, with the description of a new genus. *Amer. Mus. Novitates* 4: 16 pp.
- 1921a: Some new lizards from northwestern Peru. *Ann. N. York Acad. Sci.* 29: 133-139.
- 1923: A new gekkonid lizard and a new brachycephalid tree frog from Colombia. *Amer. Mus. Novitates* 88: 3 pp.
- 1925: New lizards from the Tropical Research Station, British Guiana. *Zoologica New York* 3: 301-305.
- 1924: New Lizards from Northeastern Peru. *Occ. Papers Boston Soc. Nat. Hist.* 5: 107-113.

NOBLE, G.K. & G.C. KLINGEL

- 1932: The Reptiles of Great Inagua Island, British West Indies. *Amer. Mus. Novitates* 549: 25 pp.

OKEN, L.

- 1817: Cuviers und Okens Zoologien neben einander gestellt. *Isis von Oken* 8: cols. 1145-1186.

O'SHAUGHNESSY, A.W.E.

- 1875: Description of new species of Geckotidae in the British Museum Collection. *Ann. Mag. Nat. Hist. (4)* 16: 262-266.
- 1881: An account of the collection of lizards made by Mr. Buckley in Ecuador and now in the British Museum, with description of the new species. *Proc. Zool. Soc. London 1881*: 227-245.

PARKER, H.W.

- 1926: The Neotropical Lizards of the Genera *Lepidoblepharis*, *Pseudogonatodes*, *Lathrogecko* and *Sphaerodactylus* with the description of a new genus. *Ann. Mag. Nat. Hist. (9)* 17: 291-301.
- 1928: Notes on Reptiles and Batrachians from Matto Grosso and E. Bolivia. *Ibidem (10)* 2: 96-99.
- 1935: The Frogs, Lizards and Snakes of British Guiana. *Proc. Zool. Soc. London 1935 (3-4)*: 505-530.
- 1935a: Some lizards from Venezuela and the Dutch Leeward Islands. *Ann. Mag. Nat. Hist. (10)* 15: 480-482.
- 1936: A collection of reptiles and amphibians from the Upper Orinoco. *Bull. Mus. Roy. Hist. Nat. Belgique* 12 (26): 4 pp.

PASTEUR, G.

- 1964: Recherches sur l'évolution des lygodactyles, lézards afro-malgaches actuels. *Trav. Inst. Sci. Chérif. (Zool.)* 29: 132 pp.

PERACCA, M.G.

- 1897: Viaggio del Dr. Enrico Festa nell'Ecuador e regioni vicine. IV. Rettili. *Bol. Mus. Torino* 12 (300): 20 pp.
- 1897a: Intorno ad una piccola raccolta di rettili di Cononacco (Peru orientale). *Ibidem* 12 (284): 7 pp.
- 1897b: Viaggio del Dott. Alfredo Borelli nel Chaco boliviano e nella Repubblica Argentina. Rettili ed Amphibi. *Ibidem* 12 (274): 19 pp.

- 1904: Viaggio del Dr. A. Borelli nel Matto Grosso Brasiliano e nel Paraguay. 1899. IX. Rettili ed Amphibi. *Ibidem* 19 (460): 15 pp.
- PETERS, W.
- 1877: Herpetologischen Notizen. I. Ueber die von Spix in Brasilien gesammelten Eidechsen des Königlichen Naturalien-Kabinetts aus Münschen. *Monatsber. K. Preuss. Akad. Wiss. Berlin* 1877: 407-414.
- 1877a: Herpetologischen Notizen II. Bemerkungen ueber neue oder weniger bekannte Amphibien. *Ibidem*: 415-423.
- 1880: Eine neue Gattung von Geckonen, *Scalabotes thomensis*. *Ibidem*: 795-798 (não visto).
- PROCTER, J.B.
- 1923: On new and rare Reptiles from South America. *Proc. Zool. Soc. London* 1923: 1061-1067.
- REINHARDT, J. & C.F. LÜTKEN
- 1863: Bidrag til det vestindiske Origes og navligen til de dansk-vestindische öers Herpetologie. *Naturhist. For. Vidensk. Medd.* 1862: 153-291.
- RÜHL, E.
- 1949: Fauna Descriptiva de Venezuela. *Bol. Acad. Venezuela Caracas* 12 (36-37): xxxvi + 495 pp.
- ROUX, J.
- 1927: Contribution à l'erpétologie du Venézuéla. *Verh. Naturf. Ges. Basel* 38: 252-261.
- ROZE, J.A.
- 1963: Una nueva especie del genero *Gonatodes* (Sauria: Gekkonidae) de Venezuela. *Publ. Occas. Mus. Ci. Nat. Caracas, Zool.* 5: s/pag.
- RUTHVEN, A. G.
- 1915: Description of a new genus and species of lizard of the family Gekkonidae. *Occ. Papers Mus. Zool. Univ. Michigan* 19: 3 pp.
- 1916: A new genus and species of lizard from Colombia, with remarks on the genus *Pseudogonatodes*. *Ibidem* 21: 3 pp.
- SCHENKEL, E.
- 1902: Achter Nachtrag zum Katalog der Herpetologischen Sammlung des Basler Museums. *Verh. Naturf. Ges. Basel* 13: 142-199.
- SCHMIDT, K.P. & R. INGER
- 1951: Amphibians and Reptiles of the Hopkins-Branner Expedition to Brazil. *Fieldiana Zool.* 31 (42): 439-465.
- SCHNEIDER, J.G.
- 1792: *Amphibiorum physiologiae. Specimen alteru. Historiam et species generis Stellionum seu Geckonum sistens.* 54 pp. Viadrum.
- SHAW, G.
- 1802: *General Zoology or Systematic Natural History. 3 Amphibia.* (1-2) vi + (2) + 312 pp., pls: vi + (2) + 313-615 pp. London.

SHREVE, B.

- 1947: On Venezuelan Reptiles and Amphibians collected by Dr. H.G. Kugler. *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard* 99: 517-537.

SHUTE, C.C.D. & A. D'A. BELLAIRS

- 1953: The cochlear apparatus of Geckonidae and Pygopodidae and its bearing on the affinities of these groups of lizards. *Proc. Zool. Soc. London* 123: 695-709.

SMITH, H.M.

- 1946: *Handbook of Lizards*. xxi + 557 pp. Ithaca, New York.

SMITH, H.M. & E.H. TAYLOR

- 1950: An annotated checklist and key to the reptiles of Mexico exclusive of the snakes. *Bull. U.S. Nat. Mus.* 199: v + 253 pp.

SMITH, M.A.

- 1933: Remarks on some Old World Geckoes. *Rec. Indian Mus.* 1933: 9-19 (não visto).
1935: *The Fauna of British India, including Ceylon and Burma. Reptilia and Amphibia, vol. II. Sauria*. xiii + 440 pp.

SMITH, M.A. & P.E.P. DERANYIAGALA

- 1934: A new Genus of Gecko. *Ceylon J. Sci. B* 18: 235-236.

SPIX, J.B.

- 1825: *Animalia nova sive species novae Lacertarum quas in itinere per Brasiliam... Tomus 1 Lacertae*. (iv) + 26 pp. Leipzig.

STEINDACHNER, F.

- 1869: *Reptilien*, in *Reise der Osterreichischen Fregatte Novara um die Erde... Zoologischer Theil. Erster Band (Wirbelthiere)* 3: 98 pp. Vienna.

STEJNEGER, L.

- 1901: An annotated list of Batrachians and Reptiles collected in the vicinity of La Guaira, Venezuela, with descriptions of two new species of snakes. *Proc. U. S. Nat. Mus.* 24: 179-192.

STEPHENSON, N.G.

- 1960: The comparative osteology of Australian geckos and its bearing on their morphological status. *J. Linn. Soc. London* 44 (297): 278-299.

TAYLOR, E.H. & A.B. LEONARD

- 1956: Concerning the relationships of certain Neotropical gekkonid lizard genera, with comments on the microscopical structure of their glandular scales. *Univ. Kansas Sci. Bull.* 38 (1): 1019-1029.

TEST, F.H., O.J. SEXTON & H. HEATWOLE

- 1966: Reptiles of Rancho Grande and vicinity, Estado Aragua, Venezuela. *Misc. Publ. Mus. Zool. Univ. Michigan* 128: 63 pp.

THEMIDO, A.A.

- 1945: Repteis do Brasil (Catalogo das Coleções do Museu Zoologico de Coimbra). *Mem. Est. Mus. Zool. Univ. Coimbra* 168: 15 pp.

TRAVASSOS, L. & J. F. T. FREITAS

- 1949: Relatório da excursão do Instituto Oswaldo Cruz ao norte do Estado do Espírito Santo, junto ao Parque de Reserva e Refúgio Sooretama, em Fevereiro e Março de 1948. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz de Janeiro* 46 (1948): 605-633.

TSCHUDI, J. J. VON

- 1845: *Untersuchungen über die Fauna Peruana. Herpetologie*. 80 pp. 12 pls. St. Gallen.

UNDERWOOD, G.

- 1951: Pupil shape in certain geckos. *Copeia Ann Arbor* 1951: 211-212.
1951a: Reptilian retinas. *Nature London* 167: 183.
1954: On the evolution and classification of geckos. *Proc. Zool. Soc. London* 124 (3): 469-492.
1955: Classification of Geckos. *Nature London* 175: 1089.
1957: On the lizards of the family Pygopodidae. *J. Morph.* 100: 207-268.

VANZOLINI, P.E.

- 1953: Notas sobre alguns lagartos sul americanos (Sauria, Gekkonidae). *Rev. Brasil. Biol. Rio de Janeiro* 13 (1): 73-74.
1953a: Sobre a diferenciação geográfica de *Gymnodactylus geckoides* (Sauria, Gekkonidae). *Papéis Avulsos Dep. Zool. S. Paulo* 11: 225-262.
1953b: Sobre a presença do gênero *Lepidoblepharis* no Brasil (Sauria, Gekkonidae). *Ibidem* 11: 263-270.
1953c: Sobre o gênero *Phyllopezus* Peters (Sauria, Gekkonidae). *Ibidem*: 353-369.
1955: Sobre *Gonatodes varius* (Auguste Duméril), com notas sobre outras espécies do gênero (Sauria, Gekkonidae). *Ibidem* 12: 119-132.
1957: O gênero *Coleodactylus* (Sauria, Gekkonidae). *Ibidem* 13: 1-17.
1963: *Problemas faunísticos do Cerrado*, pp. 305-321, *Simpósio sobre o Cerrado*, 424 pp. S. Paulo.
1967: Sobre o gênero *Pseudogonatodes*, com a descrição de uma espécie nova da Amazônia (Sauria, Gekkonidae). *Papéis Avulsos Zool. S. Paulo* 21 (1): 1-12.

VANZOLINI, P. E. & R. DONOSO-BARROS

- 1966: *Garthia*, gênero novo para *Gymnodactylus gaudichaudii* Duméril & Bibron (Sauria, Gekkonidae). *Papéis Avulsos Dep. Zool. S. Paulo* 18: 129-131.

VANZOLINI, P.E. & E. E. WILLIAMS

- 1962: Jamaican and Hispaniolan *Gonatodes* and allied forms (Sauria, Gekkonidae). *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard* 127: 479-498.

VAZ-FERREIRA, R. & B. S. DE SORIANO

- 1961: Un nuevo Gekkonidae del Uruguay, *Wallsaurus uruguayensis*, n. sp. *Comunic. zool. Mus. Hist. Nat. Montevideo* 5 (91): 11 pp.

WAGLER, J.

- 1830: *Natürliches System der Amphibien...* vi + 354 pp. München, Stuttgart und Tübingen.

WERMUTH, H.

- 1965: *Liste der rezenten Amphibien und Reptilien: Gekkonidae, Pygopodidae, Xantusiidae. Das Tierreich* lief. 89. xxii + 246 pp. Berlin.

WERNER, F.

- 1894: *Herpetologische Nova. Zool. Anz.* 17: 410-415.
1898: Die Reptilien und Batrachier der Sammlung Plate. *Zool. Jahrb. Suppl.* 4, *Fauna Chilensis* 1: 244-278.
1900: Ueber Reptilien und Batrachier aus Colombia und Trinidad. II. *Verh. K.K. zool.-bot. Ges. Wien* 50: 262-272.
1901: Reptilien und Batrachier aus Peru und Bolivien. *Abh. Ber. k. zool. anthrop.-ethnogr. Mus. Dresden* 9 (2): 14 pp.
1910: Ueber neue oder seltene Reptilien des Naturhistorischen Museums in Hamburg. *Hamburg wiss. Anst.* 27 (1909): 2 Bhft.
1912: Neue oder seltene Reptilien und Frösche des Naturhistorischen Museum in Hamburg. *Mitt. naturhist. Mus. Hamburg* 30 (2): 1-51.

WETTSTEIN, O.

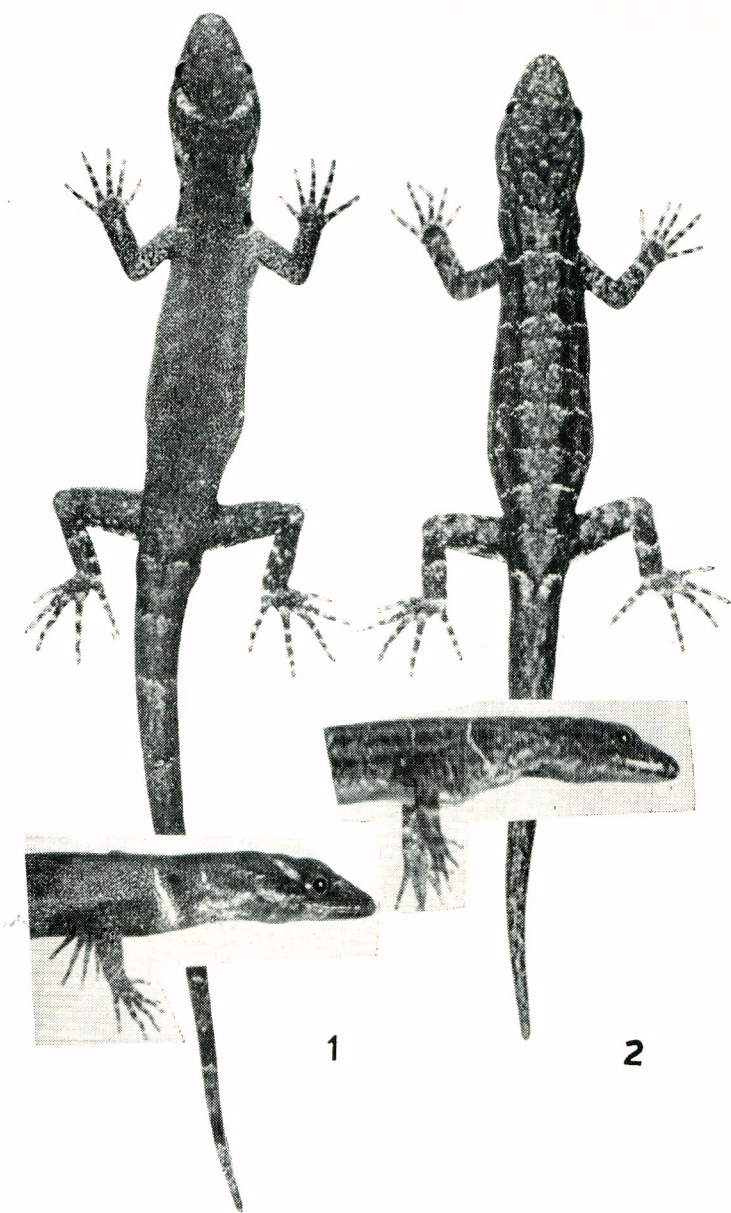
- 1928: *Coleodactylus zernyi* nov. spec., ein neuer Gecko aus Brasilien. *Zool. Anz.* 76 (3-6): 110-112.

WIED-NEUWIED, M. z.

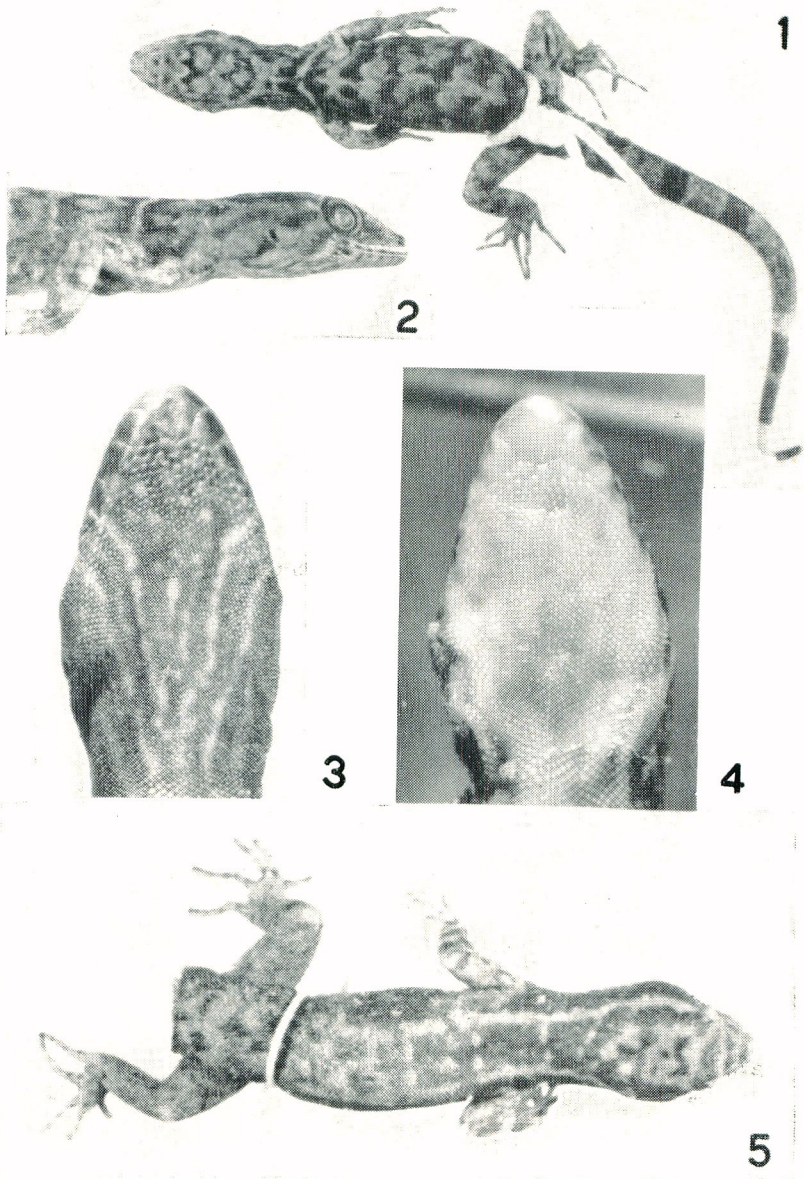
- 1825: *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien* 1: xxii + 611 pp.

WIEGMANN, A.F.A.

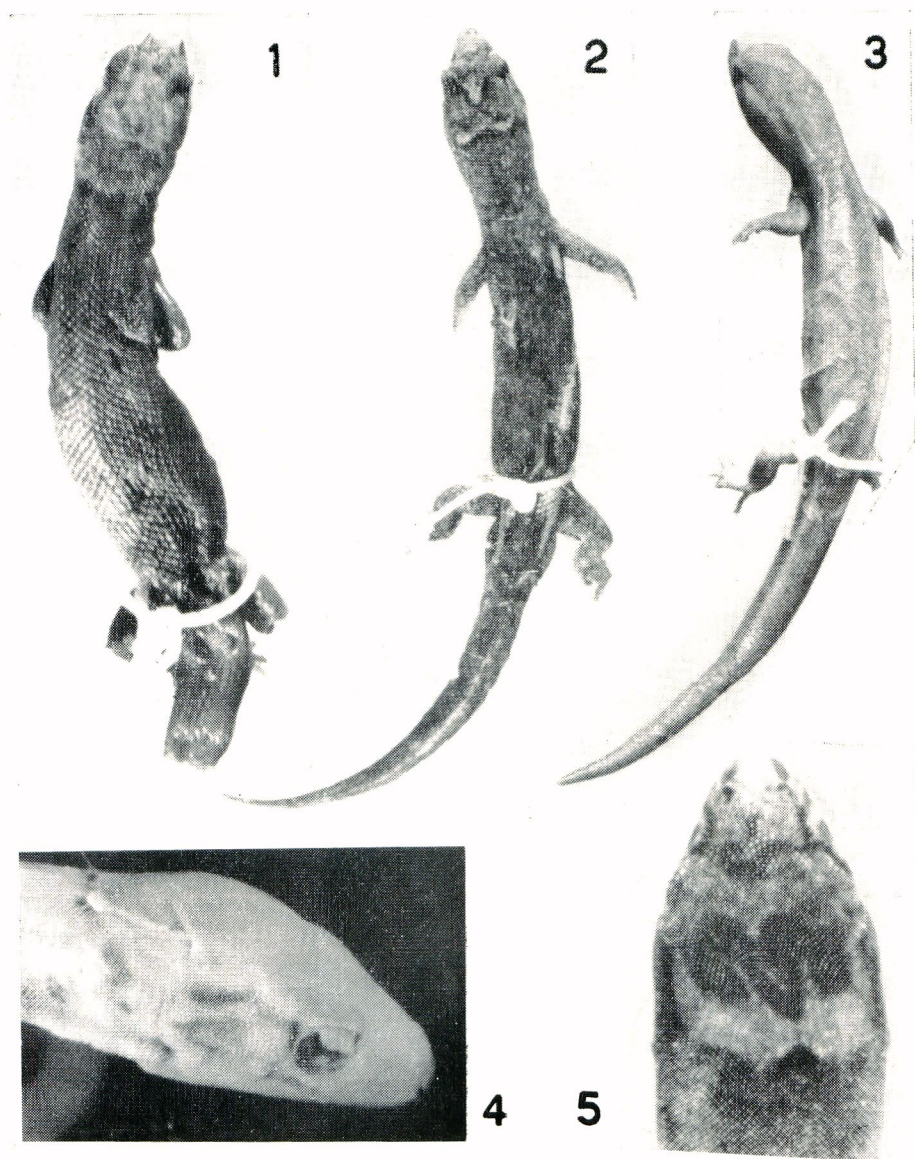
- 1834: *Herpetologia Mexicana...* Pars prima. vi + 54 pp. Berlin. (não visto).
1835: Beiträge zur Zoologie, gesammelt auf einer Reise um die Erde von Dr. I. J. F. Meyen. Siebente Abhandlung. Amphibien. *Nova Acta Caes. Leop.-Carol. genn. nat. curios.* 17 (1): 183-268.



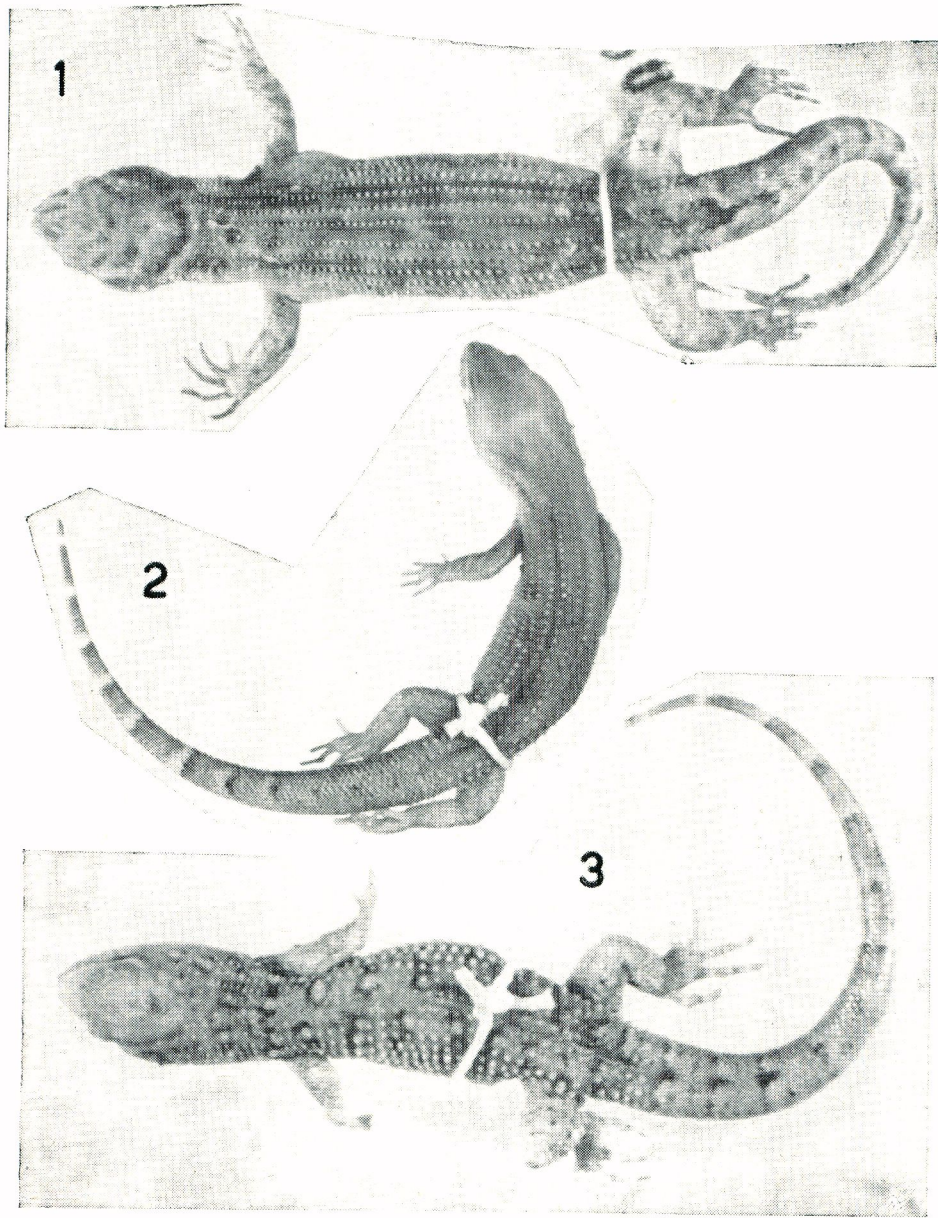
Estampa 1: *Gonatodes humeralis*, macho à esquerda, fêmea à direita. Belém, PA.
(Fotos de A. S. Rand e P. J. Rand).



Estampa 2: 1 a 3, *Gonatodes concinnatus*, fêmea, DZSP 3382, Loreto, Napo-Pastaza, Equador. 4, 5, *Gonatodes hasemani*, DZSP 661, Rio Juruá, AM.



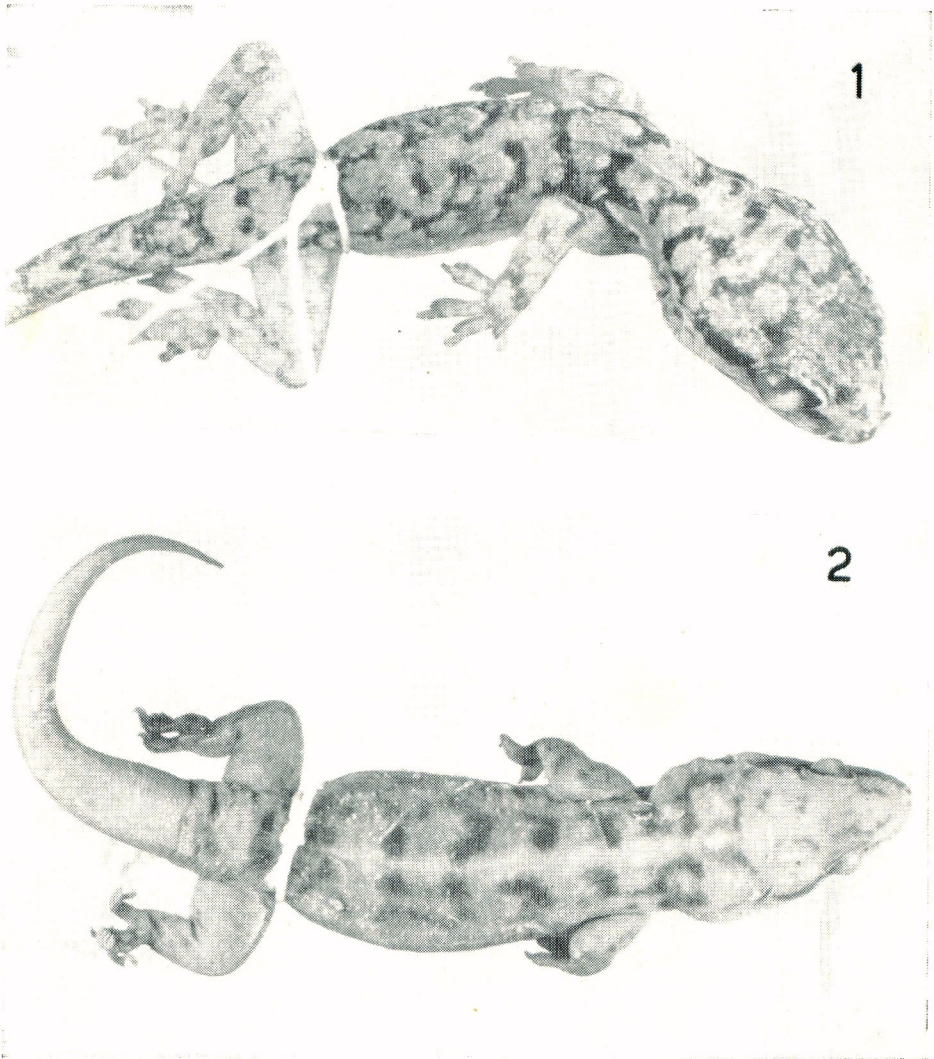
Estampa 3: 1, *Coleodactylus amazonicus*, DZSP 354, Iquiri, AC. 2, *Coleodactylus meridionalis*, DZSP 8786, Igarassu, PE. 3, *Coleodactylus brachystoma*, DZSP 4056, parátipo. 4, *Lepidoblepharis festae*, DZSP 2710, Rio Juruá, AM. 5, *Pseudogonatodes amazonicus*, DZSP 13314, holótipo.



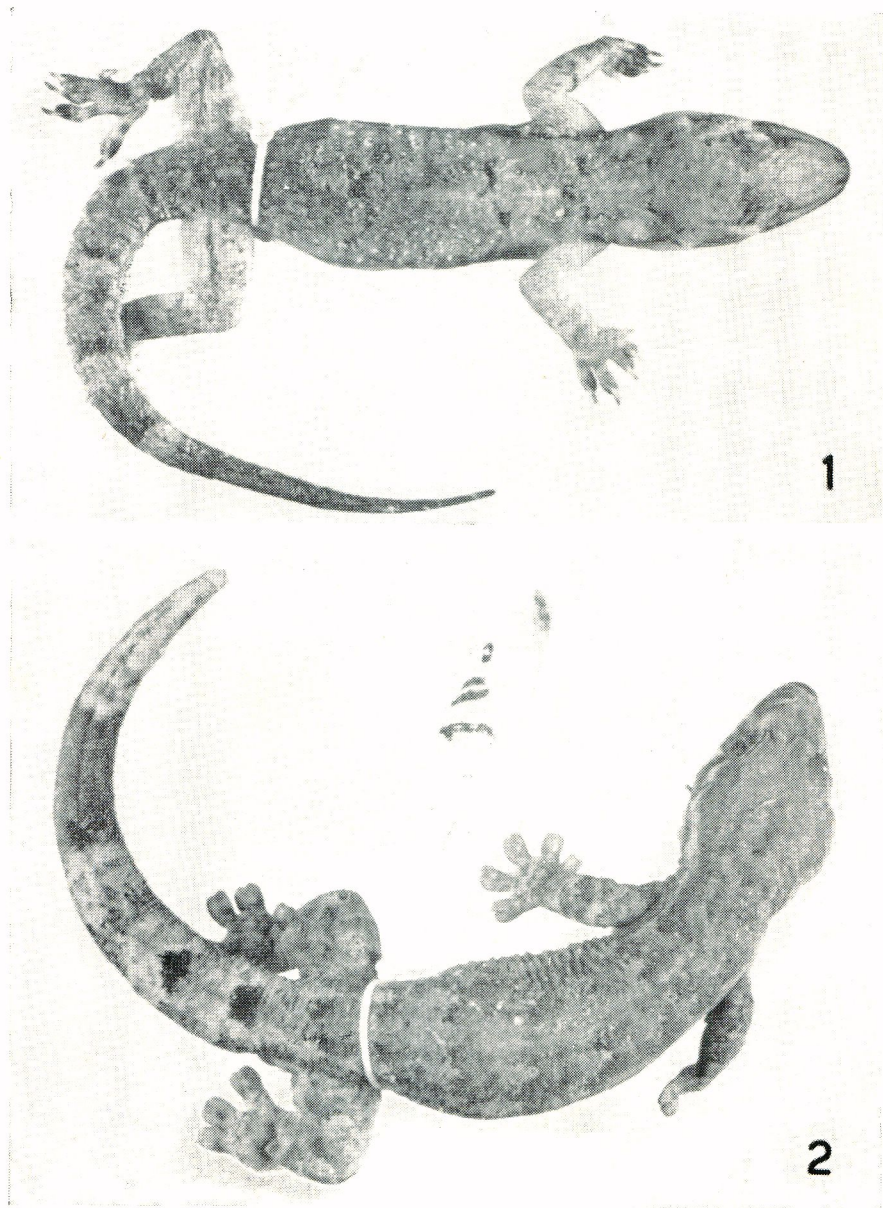
Estampa 4: *Gymnodactylus geckoides*. 1, *G. g. darwinii*, DZSP 10976, Ilha dos Búzios, SP. 2, *G. g. geckoides*, DZSP 5587, Piancó, PB. 3, *G. g. amarali*, DZSP 7115, Carolina, MA.



Estampa 5: 1, *Homonota uruguayensis*, DZSP 7776, Estancia Bravo, Artigas, Uruguay. 2, *Briba brasiliiana*, DZSP 4042, parátipo. 3, *Bogertia lutzae*, DZSP 8510, Salvador, BA.

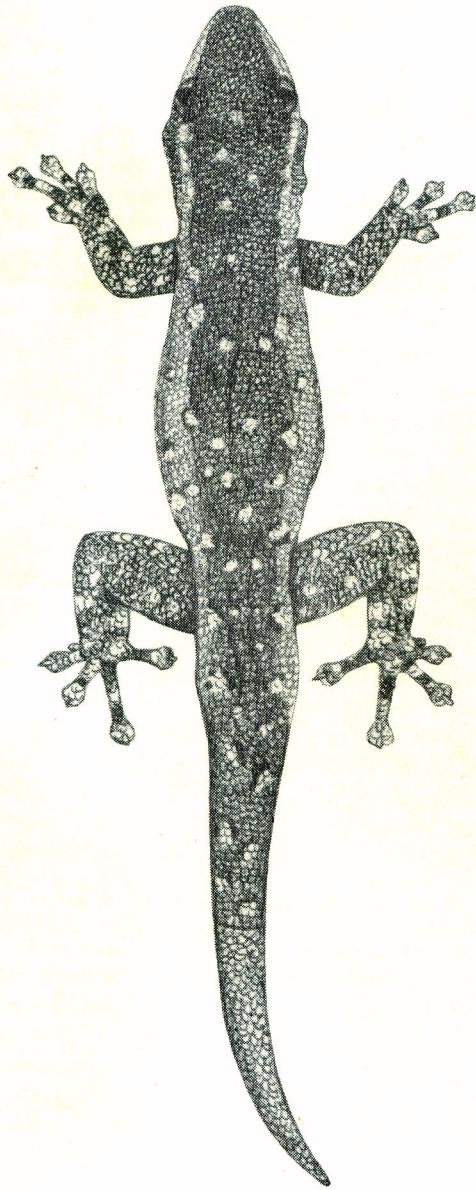


Estampa 6: *Phyllopezus p. pollicaris*. 1, DZSP 12201, Faz. S. Francisco, Raso da Catarina, BA, jovem. 2, DZSP 3175, Aldeia do Ponto, MA, adulto. Sem escala.



Estampa 7: 1, *Hemidactylus mabouia*, DZSP 10841, Ilha Vitória, SP. 2, *Thecadactylus rapicauda*, DZSP 10924, Marowijne District, Surinam.

Departamento de Zoologia, S. Paulo



Estampa 8: *Lygodactylus* sp., DZSP 7722, Urucum, MT.